



www.verdade.co.mz

MURAL DO POVO

"NO OFÍCIO DA VERDADE, É PROÍBIDO PÔR ALGEMAS NAS PALAVRAS" - CARLOS CARDOSO

MURAL DO POVO - Insensibilidade do Governo

Numa situação de greve dos profissionais da Saúde, a agenda da última sessão do Conselho de Ministros mostra a insensibilidade do nosso Governo em relação ao maravilhoso povo moçambicano.

MURAL DO POVO - Greve dos médicos

Enquanto o Governo e os directores provinciais da Saúde e dos hospitais desvalorizam o número de profissionais da Saúde em greve as imagens televisivas mostram-nos a real dimensão da greve, pois quem está a assegurar os serviços mínimos, e não a totalidade, são estudantes dos institutos de ciências de Saúde, incluindo os do primeiro ano. Agora pergunto: Que competência têm estes estudantes para atender os doentes???

MURAL DO POVO - Falta de Dinheiro?

Há dinheiro para armar o braço armado da FRELIMO (PRM) mas não há para os médicos.

MURO DA VERDADE - Av. Mártires da Machava, 905

MURAL DO POVO - Governo

O Governo quer governar a quem se o povo está a morrer nos hospitais?

MURAL DO POVO - Governo X Médicos

O Governo está a ser desonesto com os nossos queridos "médicos". Dizem que o país é pobre enquanto "não". Toda a nossa "riqueza" está nas mãos desses ladrões, corruptos e desonestos. "Deixem-nos usufruir da nossa riqueza!"

MURAL DO POVO - Revolta Popular

O Governo de Guebuza continua a resistir e não quer resolver os problemas do pessoal da Saúde. E agora ameaça expulsá-los. E o pessoal da Saúde, dentro da razão, continua firme nas suas reivindicações. E o povo, como sempre, é quem sofre. Moçambicanos, moçambicanos, chega de escravatura e ditadura!!!

MURAL DO POVO - Recenseamento

É vergonhoso chegar ao posto de recenseamento e deparar com os vários problemas que lá existem, falta de tonner e máquinas avariadas.

MURAL DO POVO - Recenseamento

O Governo importou cerca de 750 impressoras para resolver o problema de recenseamento eleitoral. E eu pergunto: Quem vai votar se estamos a morrer nos hospitais, e com que dinheiro vai pagar as impressoras se diz que não há dinheiro para aumentar o salário dos médicos?

MURAL DO POVO - Guebuza

Protesto contra o Governo que não faz nada, só está a comer o nosso dinheiro. Guebuza: População em primeiro lugar. E o Guebuza ainda diz com todo o orgulho que somos pobres!!!



Cansados de viver de mão estendida

Sociedade PÁGINA 06



Profissionais da Saúde continuam unidos na greve

Democracia PÁGINA 10



Vedetas de palmo e meio

Plateia PÁGINA 26



@shirangano: Em #Marrupa não há água canalizada. Os munícipes percorrem pelo menos 5km para encontrar um furo. @verdademz <http://t.co/qR1uJvGSeB>



@bedylicious: Lutas internas RT @verdademz: Parlamento venezuelano restringe imprensa depois da violência entre deputados <http://t.co/PVb1P9CeZj>



@DjDamost: LoL @verdademz: CIDADAO REPORTA: atencao bruxaria no campo @

LigaMuculmana uma pele foi atirada por tras da baliza pelos TP Mazembe "



@FernandoSrgio: Vendedor ambulante de credito atropelado mortalmente na EN 1 em direccao a Nacala-porto #Nampula @Verdademz



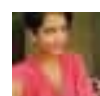
@sousa_tivane: @verdademz fui recensear nas Palmeiras 1 cidade da Beira. Há muita morosidade no processo e pude notar q há problemas sérios para digitar!!!



@tomqueface: A primeira geração pós-guerra irá pela primeira vez participar nas eleições em #Moçambique <http://t.co/oZe1LRsvYf> @verdademz @gvlusofonia



@saritamoreira: Radio Comunitaria Sem Fronteiras, Terraço Aberto e @verdademz na escola primaria de Natite. assunto: @democraciaMZ <http://t.co/iKHyoYCs0h>



@MurielWhite: Barbaric! @verdademz: Legisladores da Nigéria aprovam lei anti-gay <http://t.co/UBC9ygIvrD>



@VladSuvorov: @verdademz palavras imaginarias que conduzem a um extremo estado de realidade. Escreva um Livro de Bitonga Blues, serei o 1o a comprar.



@VilankuloFC: Rui Lamarques do @verdademz @DesportoMZ entrevistando iniciados do VFC. Édio e Ronaldo <http://t.co/REdyEcXgMA>



Seja o primeiro a saber. Receba as notícias d'@VERDADE no seu telemóvel. Envie uma SMS para o nº 8440404 com o texto: **Siga verdademz**



Editorial

averdademz@gmail.com

Soprem

Moçambique debate-se com uma greve de profissionais da Saúde, que se segue à do pessoal de bordo das Linhas Aéreas de Moçambique. O sector da Saúde, um pouco pelo mundo fora, enfrentou várias greves nos últimos anos. Países do primeiro mundo enfrentaram as suas. Portanto, o que se passa em Moçambique é igual ao que se passa em todo o mundo e exactamente ao que aconteceu, para usar um exemplo de um país que partilha a mesma língua, em Portugal recentemente. Dizemos que é tudo igual, mas há algumas diferenças que é preciso evidenciar. Em Portugal o Governo não soltou os seus cães para diabolizar – por ar, terra e mar – a causa dos grevistas, como também não se mandou maquilhar jornais e telejornais para desinformar o povo e desestabilizar os protestantes. Ninguém foi detido arbitrariamente. Em suma: Nos outros países onde eclodiram greves no sector da Saúde ninguém estorvou o direito dos protestantes de expressarem o seu descontentamento. Nenhum jardim, espaço de paz, foi cercado por agentes armados até aos dentes.

Não nos espantamos, por isso, que a greve tenha sido levada ao extremo e com prejuízo claro e inegável para o povo que não pode pagar o tratamento nas clínicas do país vizinho. A culpa, em última análise, recai sobre o Governo. Não se trata, diga-se, de um expediente falso e que procura o aplauso fácil e imediato de quem se recusa a raciocinar. O descontentamento no sector da Saúde é antigo e o Governo tinha conhecimento disso. Porém, sempre foi abafado.

A gota que fez transbordar o copo não vem de hoje. Ivo Garrido, então ministro, que o diga. Ou seja, os médicos que já recebiam pouco tiveram de deixar as casas do Ministério da Saúde por obra e graça de Garrido. O barulho que se seguiu, nos corredores do poder, acabou com a exoneração daquele que era tido como ministro do povo. A medida agradou aos médicos, mas não resolveu os problemas. No entanto, no seio da classe, calou fundo a mensagem de que a força dos médicos foi capaz de derrubar um ministro. Essa foi a primeira vez que o poder ficou de joelhos. O que é, convenhamos, bom para a edificação de um país que se quer democrático.

Os médicos, agora, com mais força, exigem mais e o poder já, tão acomodado na sua arrogância, julga que é incapaz de flectir mais os joelhos. Isso é que torna atípica a reacção ao movimento dos médicos. O poder foi surpreendido de tangas, mas ainda quer fazer transparecer que estamos, na sua presença, diante da donzela zelosa. O pessoal da Saúde descobriu que esse poder abana ao menor sinal de vento. As mensagens, as ameaças e essas operetas ridículas de quem promove atropelos à ética e aos direitos elementares dos cidadãos são o maior sinal de um governo desnorteado e com feridas no joelho de tanto rezar.

Agora cabe aos injustiçados do Rovuma ao Maputo e do Zumbo ao Índico compreenderem que esse poder é pouca coisa. Não é de nada e só precisa do sopro dos enteados da pátria para desaparecer como qualquer injustiça merece ser extirpada do convívio das pessoas decentes.



Boqueirão da Verdade

“Nunca democracia aberta as greves são normais e não se deve temer, as pessoas têm o direito de se manifestar contra uma certa política do Governo. E isso não é crime”, Muhamad Yassine

“O que se vem observando nos informes anualmente apresentados é que determinados casos acabam caindo no esquecimento, atendendo que a informação não é partilhada com os cidadãos até à conclusão dos processos de forma continuada, no sentido de se explicar (mesmo não se referindo ao ano a que o informe diz respeito) o desfecho que determinados processos conheceram, ou em que fase processual se encontram, principalmente os casos mais mediatizados por envolverem figuras de proa na sociedade moçambicana e que, por isso, devem ser destacados e privilegiados nos informes até ao seu desfecho”, Baltazar Fael

“Um Governo incapaz de gerir as infra-estruturas de um país devia admitir a sua fraqueza demitindo-se e não fazendo propaganda acusando o empreiteiro a quem, certamente não pagaram. Ele (o empreiteiro) foi escolhido por quem????”, Ângela Maria Serras Pires

“Quando, para negar as afirmações da Rena mo, segundo as quais feriu a tiro 17 agentes da FIR, num recente confronto, aparece um comandante da força policial a afirmar que os tais agentes se feriram acidentalmente ao fugirem em debandada, o porta-voz não se deve ter apercebido do ridículo do que estava a dizer, mesmo se fosse verdade. O que, muito provavelmente, não era. (...) Se uma força policial, equipada com dois veículos blindados, foge em debandada desordenada, a ponto de 17 se ferirem, perante homens a pé, que retrato é que isso dá da prontidão combativa dessa força?”, Machado da Graça

“Quando um deputado, e professor da Faculdade de Direito, interpreta as leis de forma totalmente abusiva, ridicularmente abusiva, para defender o tacho onde chafurda, não tem consciência da forma como vai ser encarado pelos seus alunos, ao entrar na sala de aulas? Tem, mas está-se nas tintas para isso desde que possa continuar a meter o focinho na pocilga”, Idem

“Em resumo, mais uma vez a Polícia revelou ineptidão e falta de competência no cumprimento das normas processuais, sendo legítimo supor que os reais motivos da detenção tenham sido outros, que não aqueles que, de forma atabalhoada, foram tornados públicos”, João Carlos Trindade

“O crime de sedição, tal como tipificado no Código Penal, é um crime de execução colectiva, pelo que não se compreende que só o Dr. Arroz tenha sido detido, invocando-se flagrante delito. Todas as pessoas que estavam reunidas com ele no momento da detenção deveriam ter sido igualmente conduzidas à esquadra para responderem pela mesma imputação. Se a detenção se deu em flagrante delito, como revelou o porta-voz da Polícia, como se compreende que tenha sido

emitido um mandado de captura prévio?”, Idem

“A Frelimo continua a insistir na forma caduca e comunista de fazer política, ficando parada no tempo e no espaço. Admira-me que o partido no poder com larga experiência de governação continue a usar meios quanto a mim ultrapassados, atropelando todas as regras da democracia como se estivéssemos nos anos de 1970”, Francisco Rodolfo Tavares

“A Frelimo continua a usar a Rádio Moçambique, TVM e demais órgão sustentados pelos impostos do povo moçambicano, para fazer passar a sua mensagem de desinformação, pondo nesses órgãos, analistas políticos frelimistas sobejamente conhecidos como Amorim Bila, Gustavo Mavie e mais engraxadores. Alias, eu não dou culpa a esses analistas porque quase que todo o mundo descobriu que no partidão para se ser chefe a condição primeira é ser bom bajulador, engraxador que não tardará muito a ascender a lugares de relevo”, Idem

“Continuam a usar os métodos intimidatórios e agressividades macabras para repelir as manifestações, os seus adversários políticos e todas as esferas da sociedade que não concordam com alguns dos procedimentos como emana a Constituição da República. Vimos isso com os desmobilizados, médicos, partidos políticos, etc.”, Ibidem

“É a impunidade que vai perpetuando estas asneiras. Já passam 18 anos de experiência e cada ano temos os mesmos problemas, com ou sem recursos. E o mais grave é o silêncio cúmplice das instituições que deviam repor a legalidade. Gente assim mina o desenvolvimento e a construção de um país único e harmonioso! Haja vergonha”, Boa Matule

“Este estado de coisas só serve somente um partido, pois gerando confusão e cansaço no eleitorado espera ter outra dose de abstenção notável, para poder, mais uma vez, manipular a contagem dos votos e assim perpetuar a ditadura da tal democracia guebuziana ...”, José Alexandre Faia

“Com que então o Governo não aceita observação internacional nas negociações com a Renamo mas para resolver o problema da greve dos médicos está disposta a recorrer a médicos estrangeiros? Afinal a mão externa às vezes é bem vinda!”, Anacleto Machava

“Parece-me que há aqui uma injustiça à partida, porque o partido no poder, que domina a agenda política, provavelmente já tinha a informação. Sabia que havia mais dez municípios e foi fazendo a sua preparação. Ao contrário, grupos de cidadãos, partidos políticos sem assento parlamentar ou mesmo da oposição não sabiam. Portanto, esses só começam agora a sua preparação. Partem em desvantagem. Não há uma igualdade à partida. E não havendo igualdade à partida, é evidente que também não haverá igualdade à chegada”, Silvério Ronguane

OBITUÁRIO:

Louw Alberts
1928 – 2013
85 anos



O físico Louw Alberts, pai do programa nuclear da África do Sul do Apartheid, morreu esta semana em Pretória, aos 85 anos. Ele revelou de uma forma curiosa e involuntária as ambições nucleares da África do Sul em 1974, quando era vice-presidente do Conselho Sul-Africano de Energia Atómica.

O físico participava num encontro com estudantes de um instituto de ensino médio, quando respondeu a um aluno afirmando que qualquer país com o conhecimento sobre energia atómica que a África do Sul tinha podia fabricar uma bomba nuclear. Para surpresa de Alberts, alguém presente na audiência contou o que ouviu à imprensa.

O Governo desmentiu que a África do Sul quisesse produzir uma bomba, e tanto o Primeiro-Ministro do país, John Voster, como o ministro da Defesa, Pieter Willem Botha, recriminaram Alberts pela declaração.

No entanto, em 1977 os Estados Unidos e a URSS anunciaram que a África do Sul tinha realizado testes nucleares no país, no deserto do Kalahari. O ministro da Informação do regime do Apartheid, Connie Mulder, reconheceu então que o Governo utilizaria armamento nuclear caso fosse atacado.

Alberts assumiu em 1984 a direcção geral do Ministério de Minas e Assuntos Energéticos. No cargo, aboliu no sector a proibição da expedição de certificados de qualificação de trabalhadores não brancos, o que condenava os negros a ficarem com os piores empregos.

A medida provocou hostilidade da União de Trabalhadores Mineiros, de direita, que se negou a emitir certificados de qualificação para os trabalhadores negros.

De profundas convicções cristãs, Alberts defendeu com paixão em muitos debates e vários livros o carácter complementar da ciência e da religião.

O seu envolvimento com grupos ecuménicos liberais fechou-lhe as portas da influente Afrikaner Broerbond, irmandade fundada para promover os interesses do povo afrikaner (descendentes dos colonos centro-europeus na África do Sul), da qual pertenceram todos os primeiros-ministros e presidentes do regime racista.

Alberts também teve um papel importante nas conversações políticas para desmantelar o Apartheid.

Em 1991, Mangosuthu Buthelezi, líder do Inkhata, partido da etnia zulu e rival do Congresso Nacional Africano (ANC), de Nelson Mandela, retirou-se da mesa de negociações.

Alberts pediu emprestado então o avião privado de um amigo e viajou até à província de Kwazulu-Natal para convencer Buthelezi a voltar a negociar.

De personalidade complexa e contraditória, típica da convulsa história sul-africana, Alberts deixa mulher e quatro filhos.



Os nossos leitores nomearam os Xiconhocas da semana. @Verdade traça em breves linhas as motivações.

1. Mr. cinco por cento

“Com a arrogância e falta de vergonha naquela cara caducada estampada, de forma deslavada e por completo a estupidez de Xiconhoca Mr. cinco por cento ao camuflar-se na suposta ‘pobreza’ do país como bode expiatório para os maus salários. Como é que num país pobre os dirigentes auferem astronomicamente e mudam de carros de segunda a sexta-feira? Por coincidência, todos de luxo com filhos que estudam no exterior graças aos recursos do próprio Estado! Conclusão: Moçambique não tem Presidente porque se o mesmo existisse olharia para todos estes males antes de proferir palavras descabidas de sentido”. Um leitor que fala e aponta assim não deve ser, de forma alguma gago. Quem somos nós para não deixar passar a sua opinião? Xiconhoca é Xiconhoca. Só não sabíamos que também gozava da denominação Mr. cinco por cento.

2. Alberto Nkutumula

Os leitores dizem que o porta-voz do Governo, Alberto Nkutumula, não pode fazer aquele tipo de figuras na televisão. Não é possível que o Governo não tenha dinheiro e o discurso de Nkutumula roça ao insulto quando o leitor atento vislumbra o seu corpo roliço. Só um Xiconhoca, dizem os nossos leitores, pode pregar pobreza com o corpo a rebentar pelas costuras. O pior é que Nkutumula está a cumprir um papel desprezível para um indivíduo daquele envergadura.

Há coisas que ninguém, com excepção de um Xiconhoca de formação e formatação, deve aceitar.

3. Manguete

“Um ministro da Saúde que serve ao Governo que de doentes pouco ou nada compreende, com excepção dos dados meramente estatísticos, afunda o Governo e, de bacela, enterra a saúde. Manguete é pior do que Garrido, mas não pela sua mão dura. Manguete só é pior do que Garrido porque foi feito de uma massa que molda todos os cobardes que nasceram nesta pátria de heróis”, diz o leitor e nós, mais uma vez, não nos opomos. Embora, analisando os dados friamente, Manguete não nos parece o único Xiconhoca no meio desta história toda. Julgamos que é uma espécie de pau mandado sem direito à mais tímida opinião. Mas isso só é possível de ser feito por um autêntico Xiconhoca.

Por opção editorial, o exercício da liberdade de expressão é total, sem limitações, nesta secção. As escolhas dos leitores podem, por vezes, ter um conteúdo susceptível de ferir o código moral ou ético de algumas pessoas, pelo que o Jornal @Verdade não recomenda a sua leitura a menores ou a pessoas mais sensíveis.

As opiniões, informações, argumentações e linguagem utilizadas pelos participantes nesta secção não reflectem, de algum modo, a linha editorial ou o trabalho jornalístico do @Verdade. Os que se dignarem a colaborar são incentivados a respeitar a honra e o bom nome das pessoas. As injúrias, difamações, o apelo à violência, xenofobia e homofobia não serão tolerados.

Diga-nos quem é o Xiconhoca desta semana. Envie-nos um E-MAIL para averdademz@gmail.com, um SMS para 821111, uma MENSAGEM BLACKBERRY (pin 28B9A117) ou ainda escreva no Mural defronte da nossa sede.

Xiconhoquices

Os nossos leitores nomearam as seguintes Xiconhoquices da semana.

1. Falta de carteiras enfurece alunos em Chibuto

A reclamação dos alunos da Escola Secundário de Chibuto, na província de Gaza, faz todo o sentido. A interrupção das aulas é uma acto de cidadania militante. Num país que produz madeiras em quantidades industriais, ter estabelecimentos de ensino sem carteiras, é, convenhamos, uma grande Xiconhoquice. A detenção que resultou dessa recusa que só prestigia os estudantes daquele ponto do país é mais uma Xiconhoquice de grande nível. Deter porquê e para quê?

A Polícia da República de Moçambique, sabemo-lo, é um viveiro de Xiconhoquices, mas nunca pensámos que a mesma fosse restringir os direitos de um grupo de estudantes que reivindica pelos seus direitos. Até porque nenhum dos estudantes de Chibuto tem como apelido o cereal mais consumido no mundo. Ainda que a rubrica incida sobre as Xiconhoquices deste rochedo à beira-mar é sempre bom lembrar o acto heróico dos alunos que exerceram pressão para que os seus três colegas fossem restituídos à liberdade.

O mais estranho no meio desta sacanice é que a direcção daquele recinto es-

colar encomendou, no ano passado, um determinado número de carteiras para minimizar o problema. Sucede, porém, que, volvido um ano, nem carteira vem e nem carteira vai. O dinheiro, esse, sumiu sem deixar rastros em sede de um Xiconhoquice que nem viu.

Não deixa de ser tremenda e extremamente absurda a explicação do director dos Serviços Distritais da Educação, Juventude e Tecnologia quando afirma que a detenção, dos três estudantes, estava relacionada com razões estrangeiras à promessa de carteiras.

2. Edis que não aceitam falar sobre o seu trabalho

Nenhum edil chegou ao poder sem falar com o povo. Aliás, andou no meio do povo e pediu o seu voto. Portanto, não cabe na cabeça de qualquer pessoa com o mínimo de sensatez que um dirigente se furte ao diálogo com a imprensa. Essa falta de respeito, primeiro, pelos munícipes e, segundo, por um órgão que se propôs visitar todas as autarquias antes do arranque do processo de votação não nos parece outra coisa a não ser Xiconhoquice.

Só mesmo por Xiconhoquice é que um edil pode empurrar uma entrevista so-

licitada por carta e com data marcada com a barriga até esgotar a paciência de um jornalista. É o que tem acontecido um pouco por todo o país. Grande parte dos edis aceitou, de bom grado, falar com o @Verdade. Uma pequena parte, que nem vale a pena mencionar nomes e autarquias, foi adiando o que já estava marcado. Sucede, porém, que o @Verdade chega aos locais onde as entrevistas com os edis foram recusadas por via de esquemas de desgaste e não vê o seu líder. Quem perde é o povo, mas também fica chamuscada a imagem de um servidor público.

O seu comportamento é sempre estranho. Parece-nos que há quem esteja interessado em fazer o @Verdade gastar dinheiro que não tem com essas Xiconhoquices a roçar o insulto.

3. Abandono de recém-nascido

“Um bebé recém-nascido, de apenas um dia de vida, foi, na manhã desta segunda-feira (03), abandonado pela mãe numa lixeira no bairro de Mutauanha, na cidade de Nampula.

O acto deu-se por volta das 06 horas e, neste momento, ainda são desconhecidas as causas que levaram a mãe a abandonar a sua filha logo após o parto”,

eis os primeiros dos parágrafos de uma Xiconhoquice macabra. A repetição, um pouco por todo o país, de actos deste natureza só dão razão ao jargão popular que reza que “mãe é quem cria”.

Importa imaginar o filme da concepção da gravidez. O que pensou a fulana quando se envolveu sem protecção? Quando foi fazer o pré-natal? Ouvimos sempre dizer que as dores pré-parto constroem laços inquebráveis entre mãe e filho. O que pensou a mulher que atirou uma criança para o lixo? As hipóteses são várias, mas nenhuma é capaz de explicar um acto tão desumano e macabro como este.

Felizmente, por intervenção do acaso, neste episódio triste a recém-nascida foi salva por uma alma caridosa. Neste momento já está a beneficiar de assistência médica numa unidade sanitária de Nampula depois de ter sido descoberta na referida lixeira. A mão benevolente que salvou uma vida que a própria mãe rene-gou foi de um agente da Polícia.

Segundo a corporação, a mãe da menina chama-se Cília Pascoal, de 19 anos de idade, e é residente no bairro de Mutauanha. Ela encontra-se detida numa das celas da 1ª esquadra da Polícia da República de Moçambique em Nampula, segundo o porta-voz Miguel Bartolomeu.

Continuaram a peregrinar até o fim



Texto: Inocêncio Albino
Foto: Benilde Matsinhe e Inocêncio Albino

Quando em Maio certo crente afirmou que “sinto que da mesma forma que – uma vez por ano – os árabes vão a Meca em adoração a Maomé, a minha Meca é a peregrinação à Nossa Senhora de Fátima em Namaacha”, ele expressou a vontade de perpetuar a tradição. Em resultado disso, ano após ano, o número de crentes – com enfoque para os jovens – cresce continuamente. Mas o que está envolvido na peregrinação?

Os milhares de homens e mulheres que no mês passado, em nome da peregrinação à Nossa Senhora de Fátima, percorreram 80 quilómetros a pé, da cidade de Maputo à Vila de Namaacha, já retornaram ao quotidiano comum. E, provavelmente, ainda que alguns aguardem por uma transformação na vida, a verdade é que já se devem ter esquecido da dor de tamanho sacrifício.

Outro facto é que para quem, como nós, acompanhou o percurso, conversando com os peregrinos, uma pergunta permanece: “O que move as pessoas a desafiar distâncias e sacrificar o próprio corpo, em adesão à peregrinação?”

A resposta curta, clara e objectiva é a fé. No entanto, se ficássemos contentes com esta síntese, em certo sentido, estaríamos a menosprezar uma série de construções – ou, se quisermos, motivações – algumas das quais cómicas e outras excêntricas exprimidas por alguns peregrinos.

“Não precisámos de carro. Apanhámos a boleia da fé para peregrinar até Namaacha”, disse certa mulher, algures em Maputo, antes de em Impaputo, onde se instalou um núcleo improvisado de apoiantes ao peregrino, encontrarmos quem rejeitou o apoio. “Não quero massagens, água nem chá. Só preciso de chegar a Namaacha”, disse e continuou a peregrinar.

Perante o comentário segundo o qual “neste ano eu pequei maningue, então deixem-me peregrinar” – expresso

“É muito chocante que, nos dias actuais, haja igrejas que afirmam que fazem milagres sem, no entanto, prestarem assistência aos milhares de enfermos que povoam os nossos hospitais”

por um jovem cujo nome não apurámos – rimo-nos não, necessariamente, para o desvalorizar mas devido à forma cómica como falou. É provável que haja nessas palavras alguma verdade, afinal, por natureza, o homem é pecaminoso.

Na Vila de Namaacha, com 52 mil habitantes, onde se encontra a Paróquia da Nossa Senhora de Fátima, incluindo outros ícones da Igreja Católica, há crentes que se filiam a outras congregações religiosas. De qualquer modo, os líderes religiosos asseguram que o município é, essencialmente, católico.

Peregrinos desde a infância

Em Namaacha, a abundância de idosos peregrinos, muitos dos quais percorreram os 80 quilómetros em menos de 24 horas, é uma prova da manifestação de fé. A par de muitos outros, sentados numa poltrona, encontrámos Américo Mário Martins, de 65 anos, e o seu compadre, o senhor Bomba, de 63 anos de idade, a conversar sobre o ritual em que participam.

Ambos pertencem à Paróquia da Ka Tembe. Peregrinam desde a infância. Por isso, cada um deles possui uma história peculiar que move-lhe a preservar o ritual.

“Estudei na Missão Católica até à terceira classe elementar, mas depois não tive condições de continuar. Ou seja, na verdade, eu nasci na Igreja Católica. Ao longo dos anos, conheci pessoas que se mudaram para outras religiões – o que eu jamais farei”, comenta Bomba para quem a vida não faz sentido sem a peregrinação.

O crente fala do tempo colonial para explicar que “por causa do sistema vigente, naqueles anos a peregrinação era uma acção prestigiosa praticada por uma minoria. As pessoas tinham medo de confessar os seus pecados à Nossa Senhora de Fátima”.

A sua opinião é corroborada por Filomena Amade, ex-funcionária de um banco, de 59 anos de ida-

“Ainda não senti o chamamento para ser freira”



Entre as pessoas que este ano peregrinaram à Paróquia da Nossa Senhora de Fátima de Namaacha, encontrava-se a jornalista Nélcia Toveia. Na sexta-feira, 11 de Maio, a crente preteriu a escola e o trabalho. “Queria demonstrar a minha fé e provar a mim mesma até onde acredito em Deus”.

Dos 80 quilómetros, Nélcia percorreu um pouco mais de 70 até que, quase destruída pelo cansaço, implorou por apoio. Congratula-se com a meta alcançada, assegurando-se de que em 2014 irá triunfar. Para si, a peregrinação não é uma mera maratona. É, acima de tudo, “uma expressão de caridade”. Nos parágrafos que seguem Toveia, de 21 anos de idade, fala da sua primeira peregrinação à Namaacha.

“Desde 2012 planeio peregrinar, mas, por causa de problemas de saúde, naquele ano não pude. A pretensão moveu-me a preparar-me logo no início de 2013. Para o efeito, orei a Deus para que me desse força até que, finalmente, me senti fortalecida para materializar a vontade.

Enquanto os dias da peregrinação não chegavam, Deus aumentou a minha fé. Ganhei confiança de

que a minha decisão estava certa e que iria fazer todo o percurso a pé, o que não aconteceu. Não obstante, foi uma boa experiência porque, espiritualmente, me sinto bem.

A par de outros elementos do grupo juvenil da Paróquia da Nossa Senhora de Laulane, parti às 8 horas. Mas, ao longo da jornada, percebemos que os nossos passos não eram os mesmos. Por isso, dispersámo-nos.

De uma forma geral, tive quatro paragens para descansar. Uma em Boane, onde tomei sopa, outra em Goba e em Mandevu até que cheguei ao Controlo Policial – uma distância que é percorrida em cerca de 30 minutos até a Paróquia de Namaacha – onde, por causa do cansaço, apanhei o carro de apoio. Já não dava mais. De qualquer modo, não me sinto frustrada.

Compreendi que, de facto, a peregrinação não é uma simples maratona. Antes de mais, ela é uma expressão de caridade. Por essa razão, assim que eu sentisse que precisava de descansar fazia-o, da mesma forma que prestei apoio aos outros.

Ao longo da caminhada, nós rezámos o terço, entoámos as canções ligadas ao tempo e à Maria – o que nos fortifica mais – pois, caso contrário, se apenas andássemos por andar, rapidamente, ficaríamos *stressados* e agastados.

Por um lado, é preciso ter em conta que os peregrinos fazem vários pedidos, mas os essenciais não são necessariamente os materiais. Queremos que haja mudanças no sentido espiritual na vida, bem como no modo de pensar.

Fiz um percurso tranquilo porque só havia peregrinos. De vez em quando passavam os carros de apoio, mas faltou-nos água.

No próximo ano vou chegar ao Santuário da Maria. O percurso é muito sofrido, mas, quando há crença de que com a peregrinação está-se a fazer o bem, a motivação é maior.

Na vida, tudo, incluindo o bem-estar, depende da motivação e da força espiritual. De qualquer modo, ainda não senti o chamamento para ser freira. Sacrifiquei um dia de aulas e de trabalho para peregrinar porque queria demonstrar a minha fé”.

Sociedade

de. “Naquele tempo nós estávamos ocupados em actividades políticas do país. Havia pouca participação dos jovens nas Igrejas. Agora, com a democracia, tudo é possível. Por exemplo, eu nunca peregrinei e é por isso que apoio quem aceita este desafio”.

Por sua vez, Américo Martins afirma que “eu não conheci os meus pais mas, ao longo da vida, Deus ajudou-me a tornar-me homem sem incorrer em procederes imorais. Sou casado, tenho filhos e sou feliz. Por essa dádiva, expressei a minha gratidão ao Criador peregrinando. Sinto que da mesma forma que, uma vez por ano, os árabes vão a Meca em adoração a Maomé, a minha Meca é a peregrinação à Nossa Senhora de Fátima”.

Com uma abundância de ideias, às vezes controversas em torno do ritual, a par de Américo Martins e de Bomba, também encontramos Fernando Lopes Gameiro e Helena Ofélia, ou simplesmente, Vovó Ofélia. Com mais de 50 anos de idade, uma experiência de 40, Gameiro que vive na cidade da Matola é quase uma autoridade na peregrinação.

Diz ele que “já peregrinei por alguns anos, mas depois percebi que não é isso o que Deus aprecia. Ele alegra-se mais com o comportamento quotidiano das pessoas e não por um sacrifício, muitas vezes, exibicionista”. O crente engendra um argumento empírico e defende o seu ponto de vista. “Há pessoas que vêm exhibir que peregrinam, mas depois não praticam os ensinamentos divinos”.

Na variedade de ideias em torno do mesmo credo, Vovó Ofélia resume a discussão, dizendo que “oferecemos o

sacrifício da peregrinação à Nossa Senhora de Fátima para que ela interceda por nós. Queremos que a nossa vida seja ajustada. Por exemplo, eu gostaria que a minha família continuasse estável”.

A peregrinação cresce ano após ano. No entanto, se para alguns crentes a fé em Deus é a força motriz que os move a agir, para outros, as desgraças sociais (pobreza, miséria, desemprego, fome, doenças, por exemplo) que assolam o povo são outros factores que os levam a procurar amparo na Igreja.

O que aconteceu com a Igreja

O senhor Bomba, da Paróquia da Ka Tembe, disse que uma das suas súplicas a Deus – na cerimónia peregrina – é a necessidade de Deus influenciar os governantes para preservarem a paz.

Entretanto, perante a loucuras sociais – entendidas como, por exemplo, o número cada vez mais crescente de meninos da rua, de mendigos, de prostitutas, de bolsas de fome, de desempregados, de doentes, bem como revoltas em diferentes áreas de actividade – há quem tenha encontrado oportunidade para questionar o papel da religião.

Por exemplo, em jeito de desabafo, Américo Martins considera que “para mim é muito chocante que, nos dias actuais, haja igrejas que afirmam que fazem milagres sem, no entanto, prestarem assistência aos milhares de enfermos que povoam os nossos hospitais”.

O crente congratula-se com a difusão massiva da palavra de Deus. De qualquer modo, perante a vivência social habitual, qualquer comentário seu revela, em si, uma preocupação.

“Se em todas as religiões reza-se a Deus, a fim de que o mundo melhore, porque é que, nas cidades, as ruas estão cada vez mais infestadas por mendigos? Porque é que os religiosos que fazem milagres não se unem de modo que – com base no poder que Deus lhes concedeu – apoiem o Governo a minimizar a miséria do povo?”

Em Maputo, por exemplo, “as desgraças aumentam na mesma proporção que se edificam novos templos. Então, isso faz-me pensar que alguma coisa não está certa na religião. Penso que para Deus não devia haver propagandas. No entanto, no dia-a-dia, somos confrontados por gente vestida de fatos, a propagandear o seu nome”.

O crente afirma que nas cidades, muitas pessoas consideradas dementes – quando nem sempre o são – alimentam-se de lixo, com tranquilidade porque não têm outra alternativa. É por essa razão que se questiona o papel da religião. “Onde é que está o papel social das Igrejas, muito em particular as propagandistas, para suavizar estas misérias?”

“Eu não tenho muitos estudos. Mas o que sinto é que nos dias actuais, por causa da abundância de desgraças e das ameaças de guerra, as pessoas, sem outras alternativas, acabam por procurar algum consolo na Igreja”.



Não basta peregrinar...

Na comunidade de São Vicente de Paulo, nas proximidades do cruzamento de Impaputo, há um canchão frondoso que sombreia o seu entorno. É lá onde os peregrinos, muitos dos quais chegaram a Namaacha com os pés inchados, encontraram os primeiros apoiantes estabelecidos.

Filomena Mpfumo, de 59 anos, e mãe de quatro filhos, a par de outras mulheres, ofereceu-lhes uma sessão de massagem e uma xícara de chá. Os peregrinos que naquele dia, dada a ausência da Cruz Vermelha de Moçambique, não encontraram assistência parecida louvaram a Deus. Para que se perceba parte da sua motivação em prestar caridade, Filomena estabelece uma premissa real.

“Há muitos jovens, no país, que se esforçam a fim de se formarem. No entanto, findo o curso, eles não encontram emprego, o que é frustrante”. Por exemplo, “em Impaputo, dada a existência dos bóeres que possuem bananais, os moços que concluíram a 10ª classe têm uma actividade que lhes vale dois mil meticals por mês”.

Mas para uma pessoa que tem esposa e filhos, tal rendimento mensal não é suficiente. Diariamente, “eles esforçam-se muito, acordando às 5 horas para retornarem a casa no fim do dia, mas não ganham nada”. É nesta realidade que Filomena se inspira para ajudar os peregrinos.

“Quando alguém tem uma aflição nunca se dirige primeiramente ao pai. O aflito fala com a mãe ou com a avó. Nesse sentido, eu sei que os jovens que passam por aqui têm alguma aflição no seu coração”.

Ora, se aos curandeiros, mesmo que sejam consultados, não se fala de tudo. No entanto, em re-



lação a Maria – que é a mãe de Jesus – não se esconde nada, descarregam-se todos os pesares”.

Isso significa que “as pessoas precisam de descarregar os seus problemas, mas, para tal, devem confiar na mãe Maria”. Então, “os meninos que peregrinam têm a certeza de que descarregando os seus fardos na mãe de Jesus serão atendidos”.

O problema é que alguns peregrinos – que revelam os seus problemas à mãe Maria – “querem ser atendidos imediatamente, o que nem sempre é assim. Ela mostra-lhes os passos que se devem seguir, os quais são marcados pelo sacrifício, pela caridade e pelo perdão”. Ou seja, “não basta peregrinar. Há um conjunto de rituais que a pessoa deve seguir para que a sua vida seja ajustada”.

De uma ou de outra forma, “gostei de ter prestado apoio às pessoas. A experiência permitiu-me perceber o que estou a fazer na vida. Se Deus me conservar a saúde, espero que no próximo ano possa dar o mesmo contributo”.

“Vim fazer dinheiro aqui”

Em relação aos stands onde foram expostos os signos da Igreja Católica – como, por exemplo, o terço, as fotos papais, as camisetas, os chaveiros, as canetas entre outros brindes – adquiridos em moldes comerciais, certas figuras paroquiais recusaram-se-nos a utilização do termo feira religiosa.

“Está-se diante de um arranjo que a Igreja encontrou para colocar determinados recursos à disposição dos crentes”, disse um dirigente religioso.

No entanto, mesmo que haja um termo específico, o qual não nos foi revelado, analisada sob o ponto de vista secular, a arrumação não escuda a componente económica da religião. Aliás, no mesmo campo, conhecemos a vendedeira Maria dos Anjos, de 44 anos. Ela é crente da Igreja Católica. Há dez anos que reserva os dias da peregrinação para fazer negócio. Este ano não foi diferente.

Engajada no seu trabalho, Maria dos Anjos comunica-se com as pessoas, atrai clientes, afinal o seu objectivo é claro: “Vim fazer dinheiro aqui”, comenta enquanto prepara um frango, ao mesmo tempo que fala da sua experiência.

“Sou casada e mãe de três filhos. A minha primeira filha tem 26 anos. Fabrico e comercializo mobília na minha casa.

Há dez anos, vendo frangos aqui. Penso que tem sido uma boa experiência – ainda que, muitas vezes, cansativa – porque constitui a minha procura de pão. Normalmente, sirvo carne de frango com xima ou arroz e salada de alface.

Nos primeiros anos, o negócio era muito rentável porque, contrariamente ao que tem sucedido nos últimos três anos, as pessoas não traziam comida própria.

Por exemplo hoje, sábado, o negócio está mau. Nos outros anos, até ao meio dia, parte significativa dos 200 frangos que tenho teria sido consumida. À noite a demanda é menor porque as pessoas vão à procissão.

Dado que no recinto da paróquia não se aceitam bebidas alcoólicas, a maioria dos jovens que querem beber fica muito distante daqui, o que não é bom para o negócio.

Seja como for, estou feliz com o facto de, ano após ano, o número de crentes crescer. As motivações dos peregrinos são várias, alguns vêm fazer promessas outras expressam a sua gratidão à Nossa Senhora de Fátima”.



Os mendigos que se tornaram sapateiros

Num passado recente, Raimundo dos Santos, Manuel Levecha, Jaime Atelauaia e Cassamo Ali faziam parte de pessoas que, devido às suas condições físicas, perambulavam, todas as sextas-feiras, pelas ruas da cidade de Nampula para mendigar o que comer. Frequentavam as artérias daquela urbe e recorriam à compaixão dos transeuntes e dos proprietários de algumas lojas, sobretudo de comerciantes muçulmanos.

Texto & Foto: Nelson Miguel

Na verdade, esses cidadãos não são aqueles que utilizavam um pedaço de jornal como cobertor, nem papelões e lonas como parede de uma residência improvisada e tão-pouco pernoitavam nas praças, nos edifícios em ruínas e noutras esquinas porque não eram moradores de rua. A rotina desses indivíduos era casa-rua e vice-versa e, através desse hábito socialmente condenável e desencorajado pelo Governo, asseguravam o sustento dos seus dependentes.

Da conversa que o @Verdade manteve com Raimundo, Manuel, Jaime e Cassamo constatou que, apesar de não ter sido por iniciativa própria desistir de viver de mão estendida, eles são um exemplo a seguir para impedir que outras pessoas que se encontram nas diversas praças do país, sem rumo certo, entrem no mundo das drogas, da criminalidade e da prostituição alegadamente por causa do desemprego e de outros problemas sociais.

Um dia, os nossos interlocutores aperceberam-se de que a mendicância era infame e que as suas limitações corpóreas não lhes impediam de exercer alguma actividade digna de geração de renda. Por isso, movidos pelo desejo de recuperar a auto-estima e de se verem livres da vergonha a que estavam expostos na rua, não pouparam os seus esforços e abdicaram da actividade de pedintes para se dedicarem à sapataria.

Raimundo, Manuel, Jaime e Cassamo, que deixaram de integrar o grupo de idosos, jovens e crianças que, às sextas-feiras, se concentrava junto aos estabelecimentos comerciais para pedir esmola, disseram-nos que o dinheiro com que iniciaram o negócio é uma doação de uma organização não-governamental italiana chamada AIFO e conseguiram o financiamento graças à ajuda de um terapeuta que lhes auxiliava nos exercícios físicos no Hospital Central de Nampula.



Quando o projecto desenhado pelos nossos entrevistados foi aprovado pela instituição a que nos referimos, no princípio, trabalharam numa fábrica de luvas e sapatos para pessoas leprosas como forma de adquirir experiência antes de se dedicarem ao negócio por conta própria. Passado algum tempo, Raimundo, Manuel, Jaime e Cassamo trabalharam de forma independente numa sapataria já criada por eles. Actualmente, eles orgulham-se do sucesso que têm obtido e estão a formar outros cidadãos que são também deficientes físicos. Estima-se que pelo menos 20 pessoas deixaram de depender de terceiros graças a essa iniciativa.

Hoje, esses compatriotas estão seguros de que não necessitam de frequentar as ruas para sobreviver porque os rendimentos obtidos das suas lojas de calçado satisfazem as necessidades básicas das suas famílias. Aliás, as pessoas a que nos referimos afirmaram ainda que estão a expandir as suas actividades de tal sorte que compraram algumas máquinas de costura que, neste momento, estão a ser utilizadas na formação de mulheres na condição de deficiência física. Entretanto, os empreendedores queixam-se da falta de dinheiro para montar uma indústria de sapatos, o que permitiria empregar mais gente em situação de vulnerabilidade.

Manuel Levecha, de 36 anos de idade, natural do distrito de Ribáuè, disse-nos que sabe consertar calçados desde 1998, altura em que perdeu a oportunidade de estudar devido à falta de condições. E por reconhecer que a vida de um pedinte é desonrosa, alimenta vontade de ajudar as pessoas que deambulam pelas artérias de Nampula e sem o que comer. Contudo, enquanto não arranja fundos para materializar esse sonho, o cidadão ocupa-se da formação de outras pessoas.

“Não é uma coisa fácil instruir e moldar um indivíduo já crescido, é preciso um trabalho contínuo. Gostaríamos de transformar a vida dos nossos compatriotas e tirá-los da mendicância, principalmente os vários deficientes que se encontram nas ruas da cidade de Nampula mas ainda não temos meios”, disse Manuel.

Jaime Atelauaia, de 48 anos de idade, casado e pai de seis filhos, também abandonou a esmola para consertar calçado, um ofício que aprendeu em 1994. Assegurou-nos que a sua vida mudou bastante desde a altura em que teve o apoio da AIFO.










Cassamo Ali, de 24 anos de idade, afirmou que reside no bairro de Muatala, dependia da mendicância para sobreviver e aprendeu a consertar sapatos para ganhar dinheiro de uma forma digna. “Neste momento a minha luta é comprar uma carinha de rodas para me locomover e acredito que através do meu esforço vou conseguir ter esse meio de transporte.”

Ouviu insultos por ser pedinte

Raimundo dos Santos, de 47 anos de idade, natural da província da Zambézia, é casado e pai de cinco filhos. Partiu da sua terra natal para a cidade de Nampula à procura de melhores condições de vida mas experimentou dificuldades e recorreu à mendicância como alternativa para sustentar a si e a sua família. Para se alimentar dependia da boa vontade dos transeuntes, tendo esse sacrifício durado dois anos.

O nosso entrevistado declarou que tem uma memória triste das humilhações por que passou na rua, uma vez que algumas pessoas, talvez, ignoravam ou desconheciam o provérbio que diz que “quem dá esmola silencioso, cumpre melhor o seu dever.”

“Ouvi insultos, fui ofendido e discriminado, foi uma experiência amarga. Por isso, quando tive a oportunidade de mudar de vida não hesitei. Os primeiros dias do meu ofício também não foram fáceis, trabalhei exposto ao sol e levei muito tempo a angariar clientes porque poucas pessoas acreditavam nos meus serviços e nas minhas capacidades. Por semana ganhava, no máximo, 50 meticais mas isso já está ultrapassado, pois por dia colecto mais de 100 meticais”, concluiu dos Santos.

Previsão do Tempo	
Sexta-feira 07 de Junho	
Zona SUL	
	Céu pouco nublado com períodos de muito nublado. Possibilidade de ocorrência de chuvas fracas ou chuviscos dispersos em Inhambane. Vento de sueste fraco a moderado, soprando com rajadas na faixa costeira de Inhambane.
Zona CENTRO	
	Céu pouco nublado a muito nublado. Possibilidade de ocorrência de chuvas fracas ou chuviscos dispersos. Neblinas ou nevoeiros matinais locais. Vento de sueste fraco a moderado, soprando com rajadas.
Zona NORTE	
	Céu pouco nublado com períodos de muito nublado. Possibilidade ocorrência de chuvas fracas ao longo da faixa costeira. Neblinas ou nevoeiros matinais locais. Vento de sueste fraco a moderado, soprando com rajadas.
Sábado 08 de Junho	
Zona SUL	
	Céu pouco nublado localmente limpo. Neblinas ou nevoeiros matinais locais. Vento de sueste fraco a moderado rodando para nordeste.
Zona CENTRO	
	Céu pouco nublado localmente muito nublado. Possibilidade de ocorrência de chuviscos dispersos. Neblinas ou nevoeiros matinais locais. Vento de sueste a leste fraco a moderado.
Zona NORTE	
	Céu pouco nublado a muito nublado. Neblinas ou nevoeiros matinais locais. Possibilidade ocorrência de chuvas em Cabo Delgado e Nampula. Vento de sueste a leste fraco a moderado, soprando com rajadas.
Domingo 09 de Junho	
Zona SUL	
	Céu geralmente limpo. Neblinas ou nevoeiros matinais locais. Vento de quadrante norte fraco.
Zona CENTRO	
	Céu pouco nublado localmente limpo. Possibilidade de ocorrência neblinas ou nevoeiros matinais locais. Vento de sueste a nordeste fraco a moderado.
Zona NORTE	
	Céu pouco nublado localmente muito nublado. Neblinas ou nevoeiros matinais locais. Vento de sueste a leste fraco a moderado.
Fonte: Instituto Nacional de Meteorologia	

Diga-nos quem é o XICONHOCA,



Envie-nos um SMS para **821111**
E-Mail para averdademz@gmail.com
ou escreva no **Mural do Povo**

Tráfego na EN1: desconhecimento da faixa condicionada causa atropelamentos

O condicionamento da circulação de veículos na Avenida de Moçambique (EN1), no período das 6:00 às 08 horas, a partir do bairro George Dimitrov (Benfica) até Inhagoia, devido ao congestionamento que diariamente se regista na via, iniciou, há poucos dias, com sucesso. As três faixas de rodagem, no sentido Norte/Sul, só servem para escoar o trânsito em direcção ao centro da capital moçambicana. Todavia, a sinalização nos bairros intermediários é ineficaz, o que faz com que haja atropelamentos.

Texto & Foto: Redacção

Por um lado, poucos peões sabem que na Avenida de Moçambique, no período das 6:00 às 08 horas, as viaturas circulam unicamente em três faixas de rodagem e não em duas conforme acontecia outrora. Por isso, essas pessoas, incautas, atravessam sem prestar atenção aos carros que vêm em direcção à cidade.

Por outro, os automobilistas, como sempre, não respeitam os transeuntes e, para além de conduzirem a uma velocidade excessiva, fazem ultrapassagens irregulares, principalmente os operadores de transporte público de passageiros, vulgo “chapa 100”. Estes problemas acontecem, em parte, porque não houve divulgação da entrada em vigor da nova modalidade de escoamento de veículos, nem sensibilização dos utentes do troço em alusão.

Como resultado dessa situação, na manhã do dia 29 de Maio, por volta das 07 horas e 15 minutos, uma senhora, com um bebé no colo, foi atropelada na paragem da “carcaça” por ter travessado a estrada sem se precaver dos carros que vinham do seu lado direito, no trajecto Oeste/Este. A vítima, que não estava informada sobre a nova realidade de condução na EN1 nas primeiras horas, entre George Dimitrov (Benfica) e Inhagoia, prestou atenção somente às viaturas que vinham no sentido Sul/Norte.

O @Verdade esteve no local para se inteirar das circunstâncias em que o sinistro se deu. Segundo os nossos entrevistados, o sistema de sinalização do trânsito através de cones, na terceira faixa de rodagem, “não oferece segurança aos cidadãos porque ninguém foi informado sobre o que está a acontecer para que pudesse estar precavido”.

Júlio Carlos, residente no bairro do Bagamoyo, é comerciante nas proximidades do local onde a senhora cujo nome não apurámos foi atropelada. Disse à nossa Reportagem que “a vítima ao atravessar as duas faixas de rodagem habituais, indo do lado Oeste para o pôr-do-sol, olhou para a sua direita, parou no passeio central da via, controlou apenas os



veículos que vinham à sua esquerda, mas quando tentava entrar na faixa recém-criada foi colhida de surpresa por um carro que seguia em direcção Benfica/Baixa. Depois do incidente, a automobilista estacionou o seu carro e prestou socorro, uma vez que a Polícia de Trânsito ainda não estava no local”.

Desde a altura em que o novo sistema de escoamento de viaturas na Avenida de Moçambique entrou em vigor, houve registo de pelo menos cinco acidentes rodoviários envolvendo peões e em situações em que a Polícia não estava no local para intervir, de acordo com os nossos entrevistados.

João Mipato vive no bairro 25 de Junho, um bairro atravessado pela EN1. Considera que o município de Maputo ignorou a segurança dos peões por não ter informado com antecedência que os carros passariam a circular em três faixas. “Na semana passada, numa manhã, pensei que o uso da terceira faixa fosse uma transgressão do Código da Estrada porque temos muitos condutores indisciplinados. Procurei ter esclarecimento de um colega que ia ao serviço comigo mas ele também não sabia de nada, mas mais tarde li num jornal que das 6:00 às 08 horas os automobilistas passariam a conduzir nas actuais condições que temos visto”.

“Os perigos dessa nova medida são notórios e o agravante é que nos

cruzamentos, tais como 25 de Junho, OpWay (vulgo paragem da ópica) e Bagamoyo, nem sempre existem agentes da Lei e Ordem por perto, e em número suficiente, para acompanhar os problemas que têm ocorrido neste troço. E nesta zona da “carcaça” tem havido muitos sinistros rodoviários e acredito que vão crescer devido a essa nova forma de condução”, disse Mipato.

Num outro desenvolvimento, o nosso entrevistado perguntou: “Será que as pessoas que tomam as decisões sobre o trânsito rodoviário pensam na segurança dos peões ou somente se preocupam com aqueles indivíduos que andam de carro? Eu não tive nenhuma comunicação sobre o uso de três faixas de rodagem na EN1, o que, nalgumas vezes, confunde os munícipes quando atravessam de um lado para o outro”.

Enquanto isso, alguns automobilistas interpelados pela nossa Reportagem afirmaram que um dos erros da edilidade e do Governo quando tomam medidas que afectam o povo é a ausência de informação sobre o que se pretende que seja de domínio público.

Em relação às vítimas de atropelamento na Avenida de Moçambique, os nossos interlocutores declararam que a situação foi causada pelo desconhecimento de que nas manhãs os carros circulam em três partes da mesma estrada de Benfica para o centro da cidade de Maputo e a sinalização é deficitária.

Caros leitores

Pergunta à Tina... Se ele toma comprimidos para se excitar, podemos ficar doentes?

Olá queridos leitores.

Já que não paro de receber perguntas sobre ejaculação precoce e impotência, decidi procurar saber o que é mesmo a impotência masculina. Hmm...a literatura diz que é a condição que torna difícil a um homem ganhar uma erecção, ou se consegue fica difícil mantê-la o tempo suficiente até que o acto sexual se complete, e é mais comum entre homens que têm 60/65 anos ou mais. A ejaculação precoce não é impotência. Se ainda tens duvidas, lê as respostas que já demos em colunas anteriores aqui: www.verdade.co.mz, ou envia-nos mensagens. Esta coluna é dedicada à saúde sexual e reprodutiva. Por isso, se queres saber mais,

enviem-me uma mensagem através de um sms para **821115**
E-mail: averdademz@gmail.com

Olá Tina! Sou Jéssica! Estou preocupada com o meu damo. Ele toma comprimidos para poder ficar excitado. Será que há hipóteses de eu e ele contrairmos alguma doença mesmo usando preservativo? Por favor, ajude-me!

Olá Jéssica. Se eu soubesse a vossa idade, tua e do teu namorado, dava ainda mais dicas. Já que não tenho, vou responder baseando-me apenas no que dizes acima. Minha linda, que eu saiba (e tu também deves saber), os comprimidos têm uma função e o preservativo outra. Os comprimidos são usados, geralmente, por pessoas adultas (acima dos 45 ou 50 anos) que tenham alguma disfunção sexual, para auxiliar a erecção (para o pénis ficar duro). Se o teu namorado é jovem, ele se calhar não precisa ou, pelo menos, deve ter o cuidado de evitar abusar destes comprimidos, pois podem ter consequências adversas para ele, e não para ti. Quanto ao preservativo, este ajuda-vos a evitar contrair doenças ou infecções de transmissão sexual (ITS), como também uma gravidez indesejada. Na minha opinião, era bom que vocês se aconselhassem mais sobre a prática do sexo seguro, e sobre o uso de comprimidos para erecção, junto a uma unidade sanitária. Ainda assim, parabéns por usarem sempre o preservativo.

Olá Tina. Sou a Samia. Tenho 16 anos e o meu namorado 25 anos. Sou virgem e quero iniciar a vida sexual com ele. Posso? Ou a diferença de idades tem algum impedimento?

Olá Samia. Se fosses minha filha, trancava-te no quarto, hehehe! Mas vamos lá, querida. Quando as pessoas são adultas, isto é, têm idade acima dos 20/21 anos, a diferença de idades pode não ser um impedimento e até pode ser um elemento motivador. No teu caso, não tendo atingindo os 18 anos, tu ainda és menor de idade, e qualquer relação sexual com menores de 18 anos é um crime punido pela Lei em Moçambique. Para além disso, na tua idade, há várias consequências difíceis de controlar, como, por exemplo, as infecções de transmissão sexual (ITS), a gravidez indesejada e/ou o VIH. É complicado para uma menina de 16 anos gerir este tipo de coisas, e ainda ter que se concentrar nos seus estudos. Se vocês são namorados de verdade, então o teu namorado tem de esperar até que completes os 18 anos e estejas mais apta para os desafios de uma relação a sério com um homem muito mais velho que tu. Em princípio, é dever moral dele proteger-te, e deixar que cresças e aprendas mais com outras coisas da vida. Se quiseres mais informações, por favor vai a um SAAJ (Serviço Amigo do Adolescente e Jovem) mais próximo de ti e conversa com os enfermeiros e activistas da tua idade. Cuida-te.



A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440 WhatsApp: 84 399 8634

@Verdade
O Jornal mais lido em Moçambique.

Dia da Criança: alguns petizes tristes e outros sorridentes

Celebra-se, anualmente, o Dia Mundial da Criança (01 de Junho) e o Dia da Criança Africana (16 de Junho). Nessas efemérides, dá-se especial atenção aos petizes, oferecem-se presentes, organizam-se actividades extra-curriculares e recreativas nas escolas, em diferentes lugares de lazer e em casa os pais e/ou os encarregados de educação dão presentes. Entretanto, em Moçambique há meninos que enquanto outros brincam e sorriem, eles estão nos mercados a vender, são explorados e submetidos a várias sevícias.

Texto: Coutinho Macanandze e Júlio Paulino • Foto: Redacção

Segundo o relatório do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), sobre o Trabalho Infantil em Moçambique, divulgado em 2012, mais de um milhão de crianças, entre sete e 17 anos de idade, é forçado a trabalhar em diferentes sectores de actividade, principalmente na agricultura, pecuária, caça e pesca, áreas descritas como os que mais têm recorrido à mão-de-obra infantil. Enquanto isso, sublinha o mesmo documento, 15% desses petizes já contraíram lesões durante a execução das tarefas que lhe foram incumbidas.

De acordo com o UNICEF, os principais motivos que levam essas crianças ao trabalho é a necessidade de aumentar a renda familiar, o que faz com que cerca de 82% estejam a exercer alguma actividade remunerável. Consequentemente, esses problemas interferem na educação e no desenvolvimento desses petizes.

Por ocasião de 01 de Junho, o @Verdade conversou com alguns meninos nas diferentes artérias da capital moçambicana e da cidade de Nampula, tendo constatado que uma parte deles é deslocada de uma província para outra com promessas de uma vida melhor. Contudo, chegado ao destino, é submetida ao comércio informal e sem o direito de frequentar a escola.

Deixou de estudar para lutar pela sobrevivência

Francisco Paulo, de 15 anos de idade, é natural do Posto Administrativo de Muxúnguè, na província de Sofala. Em 2011, interrompeu os estudos na 8ª classe por falta de dinheiro para a matrícula. Abandonou os bancos da escola e, em Janeiro do ano em curso, veio para Maputo procurar emprego com o objectivo de ajudar a sustentar a sua família.



patroa, residente no bairro da Costa do Sol, lhe oferece abrigo e alimentação. Quando sai de manhã só volta para casa por volta das 19 horas.



Está conformado com o que faz

Por sua vez, Neto Chichava, de 15 anos de idade, reside no bairro de Hulene e há dois anos que se dedica à compra e venda de ferro-velho. Desistiu de estudar alegadamente porque não tem condições para o efeito. Disse-nos que contraiu um empréstimo de 300 meticais para iniciar esse negócio e está conformado com a vida que leva, uma vez que consegue comprar vestuário para si e para os seus irmãos menores, bem como garantir que não lhes falte comida à mesa. O 01 de Junho foi um dia como tantos outros para eles.

Aliciado para vir a Maputo

Aurélio Massingue, de 16 anos de idade, natural de Xai-Xai, província de Gaza, vive no bairro da Polana Caniço, arredores da capital moçambicana. Narrou que uma senhora lhe prometeu emprego e deixou os estudos na 8ª classe para ganhar dinheiro mas não sabia que iria passar o dia inteiro a percorrer a zona do cimento com uma caixa de pão nas costas e uma bacia de pastéis de feijão na mão. Por vezes, o adolescente não se alimenta, por isso sente saudades dos seus parentes que se encontram na terra natal e não tem vontade de voltar a frequentar um estabelecimento de ensino.



Em Nampula, Zito Carlos, de 15 anos de idade, frequenta a 4ª classe e mora com o seu irmão mais velho no populoso bairro de Namicopo. No dia 01 de Junho, enquanto algumas crianças da mesma idade festejavam, o nosso entrevistado estava a comercializar banana a mando da sua cunhada. Não teve como recusar porque, para além de ser obrigatória, essa é uma das actividades que asseguram o sustento da família.

“O que interessa é a saúde, a felicidade e não as condições financeiras. Sei que existem outras crianças que não puderam sorrir neste dia (01 de Junho) e estiveram na praça a vender alguma coisa como eu”, disse o petiz.

Marta Elísio, de 14 anos de idade, também passou o seu dia a negociar banana, mas reservou algum tempo para se divertir com as amigas. O que a entristece é o facto de ter desistido da escola por falta de dinheiro.

Entretanto, enquanto Francisco, Neto, Aurélio e outros meninos lutam pela sobrevivência, milhares de outras crianças dançavam, brincavam, recebiam conselhos dos pais, brindes e brinquedos.



Livro de Reclamações d'Verdade



O acto de apresentar as suas inquietações no **Livro de Reclamações** constitui uma forma de participação dos cidadãos na defesa dos seus direitos de cidadania. Em Moçambique, assistimos de forma abusiva à recusa ou omissão, em muitos estabelecimentos comerciais e em instituições públicas, da apresentação do **LIVRO DE RECLAMAÇÕES** aos clientes, mesmo quando solicitado. Na ausência de uma autoridade fiscalizadora dos Direitos dos consumidores, tomámos a iniciativa de abrir um espaço para onde o povo possa enviar as suas preocupações e nós, o jornal @Verdade, tomámos a responsabilidade de acompanhar devidamente o tratamento que é dado às mesmas.

Reclamação

Boa tarde, Jornal @Verdade. Sou Francisco Pinto, munícipe da cidade de Pemba, na província de Cabo Delgado. Gostaria, através do vosso meio de comunicação, de apresentar um problema que me preocupa bastante como ex-trabalhador do Banco Letshego. Trata-se do não pagamento de um valor de 1.040 meticais referentes a um dia de férias que não gozei.

No princípio do corrente ano, concorri para uma vaga de emprego no Banco Letshego, tendo sido admitido em Março e a 01 de Abril comecei a trabalhar depois de ter assinado um contrato no qual estava previsto um período probatório de três meses. Mediante esse acordo com a instituição bancária, eu devia receber mensalmente 12.500 meticais, mas depois dessa fase provatória passaria a ganhar 13.617 meticais a cada fim do mês.

Entretanto, 15 dias depois da minha admissão naquele banco recebi uma carta através da qual a empresa informava que estava insatisfeita com o meu desempenho, por isso, iria rescindir o contrato comigo. Nessa altura, a comunicação não me agradou mas, passado algum tempo, tive de aceitar que nada podia fazer para inverter a situação.

Resposta

Sobre o assunto que preocupa Francisco Pinto, a nossa Reportagem ouviu, telefonicamente, o gerente do Banco Letshego, Nélcio Titos, da agência de Pemba. Este classificou a preocupação do cidadão que nos contactou de contrária à razão, à sensatez e ao bom senso alegadamente porque o mesmo (Francisco Pinto) foi explicado que qualquer pagamento é efectuado em paralelo com as remunerações dos trabalhadores a 20 de cada mês.

Segundo o nosso interlocutor, o reclamante foi esclarecido por ele próprio (Nélcio Titos) de que o valor em falta, referente a um dia de férias não gozadas, seria pago depois do processamento das folhas relativas aos ordenados de Maio, que pelo menos até à data em que o @Verdade manteve contactos com a agência

Reclamação

Boa tarde, Jornal @Verdade. Somos vendedores informais e estamos defronte do Prédio Jat, na Avenida 25 de Setembro, em Maputo. Gostaríamos, através do vosso meio de comunicação, de manifestar a nossa preocupação em relação à actuação da Polícia Municipal (PM) contra aqueles que vendem sobre os passeios nesta urbe. Os agentes camarários, para além de nos agredirem, apoderam-se forçosamente dos nossos produtos, inclusive em situações em que não nos opomos da forma como têm agido. Estamos a ser injustamente violentados.

Sabemos que é proibido vender sobre os passeios no município da capital do país e de qualquer outro lugar do território moçambicano mas não temos outra alternativa, uma vez que a aquisição de uma licença para o exercício das nossas actividades num local permitido pela edilidade leva muito tempo devido a questões burocráticas e o dinheiro exigido para a emissão desse documento tem estado a aumentar.

Aliás, nós nunca negámos que ao vendermos sobre os passeios infringimos a Postura Municipal, porém, por um lado, é nesses

Resposta

Sobre este assunto, o @Verdade contactou o porta-voz da Polícia Municipal no Conselho Municipal de Maputo, Joshua Lai. Este afirmou que a reclamação dos vendedores que nos escreveram é infundada e demonstra que não conhecem as normas de funcionamento da edilidade, sobretudo dos mercados.

Num outro desenvolvimento, o nosso entrevistado negou que os agentes camarários que têm sido destacados para impedir o exercício do comércio de diferentes produtos sobre os passeios recorram à força para assegurar o cumprimento das normas previstas na Postura Municipal. Segundo Joshua Lai, a sua corporação tem priorizado acções de sensibilização para que os vendedores se retirem voluntariamente dos passeios. Têm sido igualmente distribuídos panfletos com informações sobre os riscos que um cidadão corre ou a que se expõe ao vender sobre os passeios.

Volvidos 22 dias de trabalho, recebi a carta de demissão com as informações bem detalhadas sobre as causas do meu despedimento. Isso aconteceu com uma antecedência de sete dias conforme rege a Lei moçambicana do Trabalho (Lei n.º 23/2007). Li novamente o contrato, assinei e entreguei o documento original à firma e fiquei com uma cópia.

No dia 01 de Maio do ano em curso, fui efectivamente despedido e, duas semanas depois, recebi o meu salário referente ao mês anterior, mas faltava por pagar um valor de 1.040 meticais, correspondente a um dia de férias, segundo o previsto nas normas de funcionamento do Banco Letshego. Na semana seguinte, dirigi-me à firma para me inteirar do que estaria a acontecer para que não me fosse pago esse dinheiro. A explicação que recebi do gerente da agência bancária não me deixou satisfeito porque os motivos que constavam na carta de demissão não constituíam verdade, uma vez que eu trabalhava com empenho todos os dias.

Estou agastado porque me desloco diariamente para aquele banco mas nunca me dão uma resposta convincente sobre o problema que me inquieta. Gostaria que fossem pagos os 1.040 meticais a que tenho direito.

do Letshego em Pemba ainda não tinham sido desembolsados.

A nossa fonte disse ainda que o despedimento de Pinto é justa porque o seu desempenho não respondia aos anseios da instituição, não respeitava a norma concernente ao sigilo profissional bancário, dentre outras razões que atentavam contra o andamento normal das actividades internas.

Nélcio Titos acrescentou que apela a Pinto para que tenha paciência e a certeza de que dentro de dias todo o pessoal desvinculado do Banco Letshego e que se encontra numa situação idêntica à dele, bem como os trabalhadores que estão no activo receberão os seus honorários brevemente.

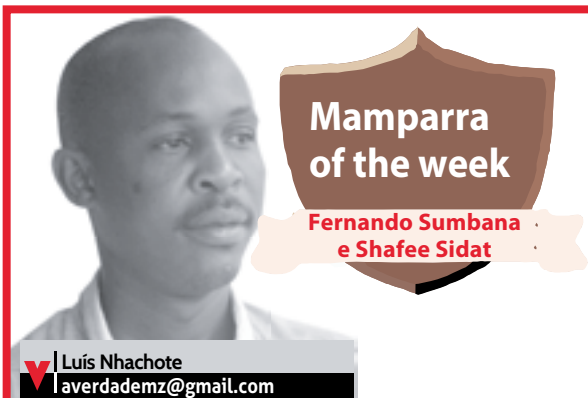
lugares onde temos mais clientes. Por outro, não achamos justo que os agentes camarários nos agredam com chambocos como se fôssemos malfeitores. E também arrancar os nossos produtos não resolve os problemas relacionados com a venda informal nos locais considerados proibidos, para além de que nos deixam sem dinheiro para continuarmos a exercer o nosso negócio.

O usso da força da força para sermos expulsos dos sítios interditados ao comércio faz parte de uma das estratégias muito antigas da Polícia Municipal para supostamente repor a ordem nos diferentes pontos da cidade de Maputo, mas nunca conseguiu porque o Conselho Municipal não cria condições suficientes e atractivas para os vendedores exercerem as suas actividades no interior dos mercados. Esse negócio é a única forma que temos para levar os nossos filhos à escola, alimentar as nossas famílias e garantir a sua sobrevivência e combater a pobreza.

Portanto, pedimos que a edilidade faça alguma coisa para evitar que os agentes camarários nos espanquem e arranquem os nossos produtos.

Para Lai, não faz sentido que os comerciantes exerçam as suas actividades nos sítios reservados aos peões e, por vezes, a carros, enquanto nos mercados da urbe há bancas vazias por serem ocupadas. Essa é uma situação ilegal. Os indivíduos que reclamam da má actuação da Polícia Municipal são os que não acatam as ordens e as recomendações da edilidade, por isso são punidos com multas e apreensão dos seus bens.

O nosso interlocutor disse ainda que relativamente às situações em que o município constata que houve uso da força por parte dos agentes camarários para arrancar os produtos dos comerciantes, as pessoas que estiverem envolvidas nessa acção são sancionados de várias formas dependendo da gravidade de cada caso: as penas podem ser uma simples advertência ou mesmo expulsão porque a corporação não tolera o excesso de zelo no desempenho das suas funções.



Luís Nhachote
laverdademz@gmail.com

Meninas e Meninos, Senhoras e Senhores, Avós e Avós

Os mamparras desta semana são o ministro da Juventude e Desportos e o presidente da Federação Moçambicana de Atletismo, respectivamente, Fernando Sumbana e Shafee Sidat, que após declarações públicas, em momentos distintos, encheram os pulmões de ar e de promessas falsas para dizer aos moçambicanos que o Parque dos Continuadores, o nosso bercário da modalidade rainha dos Jogos Olímpicos, jamais voltaria a ser um lugar de espectáculos musicais!!

Porém, no último fim-de-semana, um mega-concerto promovido pela nova vaga de cantores, com o propósito de proporcionar um dia diferente às crianças da cidade capital, veio provar que Sumbana e Sidat são incoerentes, que faltaram à verdade, para gáudio das suas mamparrices!

As crianças de Maputo, que lá estiveram, na companhia dos seus pais, para além de brincar nos pula-pula, puderam fazer coro das letras dos cantores da nova vaga – tais como Ziqo da Silva Maboazuda, Lizha James, Mc Rocer e outros – cantando conteúdos inapropriados para as suas idades, com o beneplácito dos mamparras que esta semana sobem ao pódio em equipa.

Para não variar, um dos dois mamparras revelou-se esta semana nas redes sociais, em jeito de defesa ao indefensável, dizendo que o problema da pista do Parque dos Continuadores – referindo-se à pista de corridas que estava abarrotada – não era de resolução parcial mas sim global.

Foi o Shafee quem o disse, o novo boss do atletismo. E disse mais na saga desta mamparrada: que levou lá os filhos. E nada o impedia de o fazer.

Como nestas coisas de negócios as promessas têm sido deitadas no caixote de lixo, há quem diga que desta vez os estragos ao património do atletismo foram maiores do que os do festival de “ZOUK” que tem sido anualmente realizado pela Mcel naquele mesmo local, apesar de vários protestos oriundos de quadrantes diversos.

Quem raio de mamparrada é esta de figuras públicas dizerem uma coisa e fazerem o contrário?

Será que eles pensam que o quociente de inteligência dos moçambicanos é tão baixo assim?

Ou serão eles – e nada os proíbe – admiradores incondicionais dos cantores da nova vaga cujas músicas têm conteúdos inapropriados?

Alguém tem que pôr um travão neste tipo de mamparrices.

Mamparras, mamparras, mamparras.

Até para a semana, juízo e bom fim-de-semana!

PS: Na hora em que terminava esta crónica, tomava conhecimento de uma mamparrice policial, que armada até aos dentes, com blindados e cães, ameaçava os médicos no sentido de estes desistirem da marcha. Grande mamparrada dos homens do Khálau!



As reclamações apresentadas neste espaço são publicadas sem edição prévia, e da exclusiva responsabilidade dos seus autores. O Jornal @VERDADE não controla ou gere as informações, produtos ou serviços dos conteúdos fornecidos por terceiros, logo não pode ser responsabilizado por erros de qualquer natureza, ou dados incorretos, provenientes dos leitores, incluindo as suas políticas e práticas de privacidade.

Escreva a sua **Reclamação** de forma legível, concisa e objectiva, descrevendo no pormenor os factos. Envie: por carta – Av. Mártires da Machava 905 – Maputo; por Email – averdademz@gmail.com; por mensagem de texto SMS – para os números 8415152 ou 821115. A identificação correcta do remetente, assim como das partes envolvidas permitir-nos-á que possamos encaminhar melhor o assunto à entidade competente.

Profissionais da Saúde continuam firmes na sua luta



Na sequência do impasse que se verifica nas negociações entre o Ministério da Saúde (MISAU) e os profissionais da Saúde, que estão em greve há duas semanas, na última segunda-feira a Associação Médica de Moçambique (AMM) solicitou, através de uma carta, a intervenção do Primeiro-Ministro no sentido de nomear uma equipa de negociação com poder de decisão, por parte do Governo.

É que desde que as negociações foram retomadas, na semana finda, os profissionais da Saúde lamentam que o ministro do pelouro, Alexandre Manguela, nunca se tenha dignado a sentar-se à mesa de diálogo, tendo para tal nomeado uma equipa que não possui nenhum poder de decisão.

A AMM entende que a sua contraparte (a equipa do MISAU é liderada pelo secretário permanente, pelo director do HCM, pelo inspector da Saúde, pelo director nacional da Assistência Médica e pelo director das Finanças), para além da falta de poder de decisão, é a mesma equipa que participou nas negociações de Janeiro último e que não cumpriu o memorando de entendimento assinado na altura.

Em carta, entregue na manhã de segunda-feira no Gabinete do Primeiro-Ministro, os médicos apelam à intervenção de Alberto Vaquina para “que no seu mais alto sentido de direcção possa seleccionar membros integrantes da equipa de diálogo do Governo que tenham poder de decisão em relação aos aspectos que constam do caderno reivindicativo”.

Na quinta-feira da semana passada as duas equipas reuniram-se mas as negociações não avançaram porque os membros de ambas as delegações mudaram. O MISAU alega que os representantes da Associação Médica de Moçambique (AMM) e da Comissão dos Profissionais de Saúde Unidos (CPSU) não estavam a ser representados pelos seus líderes máximos.

Por seu turno, os profissionais da Saúde não querem dialogar com o secretário permanente e o director do MISAU pois, segundo eles, são os mesmos que assumiram compromissos nas negociações de Janeiro último e depois não as cumpriram. Segundo os grevistas, o MISAU, contrariamente à informação posta a circular, pretendia, mais uma vez, falar com as partes, nomeadamente a AMM e a CPSU, em separado.

Guebuza diz que o país não pode dar mais porque é pobre

Já o Presidente da República, que falou pela primeira vez sobre a greve dos médicos e dos profissionais da Saúde, fez coro com os restantes membros do Governo ao afirmar que o país é pobre, e por isso não está em condições de aumentar o salário desta classe.

“Esperamos que eles compreendam e se juntem à família para tratar os nossos doentes e não termos mortos... O Governo tem que se preocupar com os 22 milhões e aqueles que ajudam e contribuem para os 22 milhões viverem melhor”, disse o chefe de Estado.

A marcha

Enquanto o Governo não responde às suas reivindicações, centenas de médicos e profissionais da Saúde realizaram uma marcha na terça-feira, que partiu da sede da Associação dos Médicos de Moçambique e foi desaguar na praça da Paz, apesar de no princípio ter sido definido o Circuito de Manutenção Física António Repinga, na baixa da cidade de Maputo.

A mudança do itinerário foi imposta pela Polícia da República de Moçambique alegadamente para evitar a perturbação do funcionamento normal das instituições públicas de soberania.

Sob o lema “Juramos salvar vidas, mas não juramos morrer de fome”, a marcha começou por volta das 10h30 defronte do Ministério da Saúde e foi precedida de algum aparato policial. Dezenas de agentes da Polícia de Protecção, alguns com cães e até mesmo um carro anti-motim da Força de Intervenção Rápida, fizeram-se cedo ao local.

Cartazes com dizeres como “Podemos salvar vidas, mas não podemos morrer de fome, só queremos dignidade e respeito pelo nosso trabalho, estamos cansados de contar moedas no fim do mês” revelavam o desamparo, a falta de incentivos e valorização dos profissionais da Saúde.

Durante a marcha os profissionais traziam na boca um adesivo como símbolo de revolta, insatisfação contra o Governo, bem como um pedido de socorro para acabar com a fome no seio da classe, simbolizado por ruídos de choro e um prato vazio na mão de cada um.

“A marcha representa o repúdio ao silêncio do Governo”

Na praça da Paz, o porta-voz dos profissionais da Saúde, Samo Gudo, disse à imprensa que a marcha demonstra uma manifestação de repúdio ao silêncio observado pelo Governo sobre os contornos da greve, visto que muitos doentes estão desprovidos de tratamento médico, o aumento de mortes nas diversas unidades hospitalares por falta de assistência sanitária adequada, assim como uma chamada de atenção aos atropelos às leis laborais vigentes no país pois os estudantes estagiários estão a ser penalizados pelo Sistema Nacional da Saúde, através da punição administrativa.

Questionado sobre o ponto de situação das negociações, Samo Gudo afirmou que “dialogar não significa mandar recados por quem quer que seja, mas sim sentar-se à mesma mesa para se chegar a um acordo que satisfaça as partes envolvidas no diferendo, o que não é observado pelo MISAU, que prefere usar terceiros que não estão abalizados sobre o pacote reivindicativo dos profissionais da Saúde”.

Entretanto, a grande preocupação, segundo Samo Gudo, relaciona-se com o aumento das ondas de intimidações que sofrem diariamente perpetrado por alguns dirigentes hospitalares, que os ameaçam de expulsão e outros discursos intimidatórios que têm sido característicos desde que a greve arrancou.

“Não é verdade que o Governo não tem dinheiro”


Samo Gudo disse não constituírem verdade as alegações do Governo segundo as quais não tem dinheiro para pagar os profissionais da Saúde, porque a política salarial orçamental para o presente ano está definida. É uma afirmação descabida de qualquer fundamento e isso demonstra que ainda persiste a manutenção de um sistema injusto no seio da máquina governativa nacional.

Para Samo Gudo, a luta dos profissionais da Saúde terminará quando o Executivo nacional puser fim à injustiça e desigualdade no sector. “Não vamos pactuar com qualquer acto que desrespeite o direito da classe trabalhadora”.


 **goste de nós no**
facebook.com/JornalVerdade

Jornal @Verdade


RT @DemocraciaMZ: Ainda de viagem pela Ásia o Presidente @ArmandoGuebuza falou pela primeira vez sobre a #greve dos profissionais de #Saúde e começou por dizer que Moçambique é um país pobre e apelou “Esperamos que eles compreendam e se juntem a família para tratar os nossos doentes e não termos mortos... o governo tem que se preocupar com os 22 milhões e aqueles que ajudam e contribuem para os 22 milhões viverem melhor”.

 **Arlindo Filipe Tatinho**
Agora estou convencido de verdade, fiz um


esforço para não acreditar mas o meu esforço esgotou totalmente. ESTE PAIS NAO TEM PRESIDENTE, mas sim um arrogante que nem sequer usa a cabeça para pensar. Devia limpar a boca antes de falar de pessoas que contribuem para os 22 milhões viverem melhor, ele nem sabe o que é contribuir para um povo viver melhor. A meses a Veronica Macamo comprou um carro que custou mais de 14 milhões, da para imaginar quantos salários dos medicos poderiam pagar com esse valor!? Isso é um exemplo porque existem situacoes piores que esta. **Gosto · 19 · há 19 horas**


 **Carlota Muchanga**
filipe ela kiz comprar um karru d 500 mil dolarex pd iXu · **há 18 horas**


 **Helder Alberto Nhamahango** NB: O mercedes custou mais de US\$ 14.000 · **há 17 horas**


 **Estevao Chambule**
Se realmente somos pobres deviamos partilhar dessa pobreza, mas nao e o que verifica. Enquanto os coitados que votam morrem nos hospitais por falta de atendimento medico voces dignissimos dirigentes do PAIS POBRE, voam pelo mundo a fora atras de melhores cuidados. Com que dinheiro senhor president se o pais e POBRE? **Gosto · 10 · há 19 horas**


 **Delto José** Com 14 milhões pagos para um simples mercedes daria para aumentar o salário num valor de 9mil meticais de acréscimo ao salário dos 1500 médicos, e com os rangeres rovers e outros carros top de gama resolveria alguns problemas. fico feliz pk parece me q o povo acordou e esta disposto a dar uma lição nestes politcos gananciosos e arrogantes. “ um país pobre, um presidente mais rico” **Gosto · 9 · há 18 horas**


 **Osvaldo Francisco** se realmente o PR disse isso acho que lhe encontrara o a dormir e a levar de uma babalaza do whisky dos anos 40 porque conciente ele nao estava, pegaram lhe de surpresa **Gosto · 9 · há 19 horas**


 **Miguel Da Conceicao Chissumba** O que este senhor diz vai de mal a pior, se e tão pobre Pk e que os dirigentes do mesmo ganham muito e ainda se beneficiam de imensas regalias quem paga as vossas viagens, ferias, combustivel(Mercedes, D4D, RANGER, VOLVO...), agua, Luz, alimentação, e mais que não sai do vosso salário, e triste, ainda bem que o POVO acordou, pais pobre e com dirigentes muito RICOS... **Gosto · 9 · há 19 horas**


 **Custodio Serafim** Maldito Governo! O que mais me intriga é que muitos reclamam, mas meia volta votam neles. Abram a vista pleaseeee... **Gosto · 7 · há 19 horas**


 **Mel Agy** O maior doente deste Pais eh o Guebuza! Nao teria cura sequer com tratamento medico! Merdolas pahl! #pissedoff **Gosto · 5 · há 19 horas**


 **Nelson Livingston**
Tao a choramingar o que seus medrosos? Enquanto vc povo nao se munirem de coragem e votarem na mudança, vai ser assim mesmo. **Gosto · 5 · há 18 horas**


 **Benjamin Jose** Quem acredita comigo k Samora foi um profeta??? Ele falou k um crinminoso e capaz d tudo. Inclusive por na penuria o seu proprio povo em beneficio dos seus interesses individuais. Eis o k stamos a passar no presente. O Pais e pobre sim. Pork tdo dinheiro sta nas empresas dele. K e so pra ele e sua familia. O grande empresario d Patos, k vinha combater o deixa andar. **Gosto · 3 · há 8 horas**


 **Hugo Boss** este ladrao nao tem vergonha na cara, que entregue entao, pelo menos a comissao dele no negocio de Cahora Bassa **Gosto · 4 · há 18 horas**


 **Edgar Frederico** De burro nada tem... pois com medo de ficar doente e sem medicos... foi ate junto deles ao Japao, onde se trata da Maçala... **Gosto · 3 · há 19 horas**

 **Daniel Machava** Isto e' mais uma pagina que nos mostra que nao temos governantes... **Gosto · 4 · há 19 horas**


 **Pedro Taremba** Qual e o motivo com q faz mox estar pobre? sera q ele nao sabe com os camaradas deles? esses sao palavras q os cidadaos q desejam ouvir q nao tem lojica nenum. **Gosto · há 19 horas**

 **Jose Alexandre Faia** E eh este homem que quer que o cidadão vote no partido dele ??? deve estar mesmo doente da cabeça ... **Gosto · 1 · há 13 horas**

 **Celso Da Silva** Pais pobre com politicos ricos **Gosto · 2 · há 18 horas**

 **Eddy Sochangana** Eish, eu gemente ja nem palavras tnho p caracterizar akele cmjunto d camaradas larápios. Epaah a nação k me viu nascer caiu em mãos do DIABO da raça sem cor **Gosto · 1 · há 18 horas**

 **Lloyd Fonseca** Nao tem espirito de lideranca !! Veja dz k o pais e pobre imagine o custo d mercedes benz da Veronica Macamo gov comprou **Gosto · Responder · 1 · há 19 horas** através de telemóvel

 **Lobo Mau Mau** Temos ki abate-los msm se fizerem fraude, ki recorramos a manifestacoes civis pra ki a Comunidade Internacional os decapite. Ta mal. Ta claro a “guebuzibilitacao” de Guey

Democracia

Cada vez é maior o drama nas Unidades Sanitárias

O Governo e os profissionais da Saúde em greve continuam a afirmar estarem disponíveis para negociar, contudo ainda não voltaram a sentar-se à mesma mesa nesta semana. Enquanto isso, o sofrimento de milhares de moçambicanos continua nas várias unidades sanitárias de Moçambique como resultado da greve que dura há 17 dias.

Na província mais populosa de Moçambique, Nampula, visitámos os centros de saúde de Namicopo e 1º de Maio onde vimos os profissionais da Saúde nos seus locais de trabalho mas sem exercerem o atendimento hospitalar. Abrem as portas dos seus gabinetes e ficam com os braços cruzados esperando as horas passarem e às 16 horas regressam às suas casas.

No Centro de Saúde de Namicopo estão a funcionar todos os gabinetes de trabalho, mas apenas os sectores de triagem de adultos e crianças registam maior nível de atendimento. Isso chega a ser em vão porque na farmácia não existem os medicamentos que são prescritos pelos técnicos de enfermagem.

Situação similar presenciámos noutras unidades sanitárias, incluindo no Hospital Central de Nampula, o que obriga os doentes com meios financeiros a recorrerem às clínicas privadas na “capital do norte”.

Rui Mateus, enfermeiro-chefe no Centro de Saúde 1º de Maio, relatou à nossa reportagem que os seus colegas estão a trabalhar, mas o seu desempenho é muito baixo porque não têm força de vontade e isso verifica-se desde o início da greve dos profissionais da Saúde. Segundo revelou, eles aparecem no posto de trabalho, mas não atendem os pacientes, o que torna a situação mais preocupante. É preferível que eles não venham trabalhar de vez. “Se atendemos os pacientes sem o mínimo de vontade profissional, o resultado sobre a doença pode não ser como era esperado”, referiu a fonte.

Em contacto com um dos enfermeiros da mesma unidade sanitária, o qual não se quis identificar por temer represálias, este explicou que “nós estamos a ser forçados a trabalhar, por isso não podemos ficar em casa correndo o risco de perder o emprego”.

Apurámos, também, que mais de 50 doentes que deveriam fazer análises clínicas no Hospital Geral de Marrere foram enviados para o Centro de Saúde 1º de Maio devido à ausência do médico clínico.

O Hospital Central de Nampula continua a operar nos serviços mínimos. A nossa Reportagem constatou que os médicos que têm estado a trabalhar não são praticantes, em situação normal desempenham cargos de chefia e outros posto burocráticos, e vêm sendo apoiados por médicos estrangeiros e do Hospital Militar. Nas enfermarias os doentes continuam a ser atendidos

por estudantes (do Instituto de Ciências de Saúde, UniLúrio) em alguns casos sem a supervisão de um médico, o que não só é ilegal como é um atentado à saúde pública.

AMM em Nampula adiou marcha pacífica

Os médicos, enfermeiros e outros profissionais do sector da Saúde que se encontram em greve a nível da província de Nampula haviam marcado para esta quarta-feira (05) uma marcha pacífica, uma actividade inserida na greve daqueles funcionários, iniciada no dia 20 de Maio passado.

A representante da AMM em Nampula, Ana Rosa Lopes disse ao @Verdade que a falta da concretização da marcha deveu-se ao facto de não ter sido comunicada à edilidade para o seu conhecimento e em cumprimento dos mecanismos para o efeito. Entretanto, segundo a fonte, a sua organização encontra-se empenhada na formalização do referido movimento no sentido de se materializar na próxima quarta-feira. Não foi possível apurar o local onde deverá iniciar a referida marcha, bem como o local onde irá terminar.

Seropositivos sem anti-retrovirais em Maputo

Vários cidadãos seropositivos interpelados pela nossa reportagem, no Hospital Geral de Chamanculo (HGC), na capital do país, lamentaram afirmando que desde o início da greve dos profissionais da Saúde não estão a receber a sua medicação, têm-se dirigido à unidade sanitária mas deparam com as portas encerradas e, apesar de aguardarem durante longas horas, ninguém tem aparecido para aviar os anti-retrovirais de que precisam para se manterem saudáveis.

“O que mais me enfurece é que ninguém diz nada e nem se preocupa com o nosso quadro clínico, que é muito dependente dos anti-retrovirais, para além de que alguns profissionais da Saúde deixaram de nos atender e priorizam a conversa. Isso é justo?” desabafou um dos doentes.

Ainda no Hospital de Chamanculo constatámos que os serviços mínimos foram reforçados por médicos estrangeiros europeus.

No Hospital Geral José Macamo falámos com estudantes estagiários, que têm estado a fazer o atendimento médico durante o período nocturno, e confidenciaram-nos que nessa altura o drama aumenta pois recebem doentes muito graves e eles pouco podem fazer pois não têm a supervisão dos enfermeiros chefes e dos poucos médicos que têm assegurado os serviços mínimos durante o dia.

Drama idêntico pudemos constatar no Hospital Geral de Mavalane onde também os estudantes de cursos de medicina é que têm assegurado os cuidados mínimos aos pacientes.

Na maior unidade hospitalar de Moçambique, no Hospital Central de Maputo (HCM), o atendimento, que em condições normais já não é bom, está cada vez pior. Os estagiários, cansados da sobrecarga horária, manifestam a sua insatisfação nos doentes. Há casos reportados de subornos aos voluntários que fazem a triagem para que o paciente pelo menos consiga ser recebido na unidade hospitalar e noutros casos para se conseguir ser atendido pelos poucos médicos que garantem os serviços mínimos.

Uma profissional da Saúde que não aderiu à greve, com medo de perder o seu parco meio de sobrevivência, relatou-nos que o número de mortes devido à falta de tratamento adequado cresce todos os dias. Acrescentou ainda que as condições de higiene são deploráveis, os lençóis das camas dos doentes estão sujos em muitas enfermarias e na cirurgia até o chão carece de limpeza, uma vez que apresenta sangue e outros fluidos resultantes das intervenções cirúrgicas que continuam a acontecer graças ao trabalho de médicos militares e estrangeiros.

Governo rejeita mudança da equipa negocial e

“importa” médicos

Nesta quarta-feira (5), em comunicado, o Gabinete do Primeiro-Ministro reiterou a sua confiança na equipa de negociação por parte do Governo, em resposta à solicitação da Associação Médica de Moçambique (AMM) que após o último encontro tornou pública a sua falta de confiança na equipa, pois afirma que esta não tem poder de decisão e ainda por ser a mesma que participou do incumprimento do Memorando assinado em Janeiro passado.

Entretanto, os casos de intimidação continuam. A AMM afirma ter conhecimento de que o Ministério da Saúde (MISAU) comunicou verbalmente a suspensão de toda a actividade de pós-graduação, o que é visto pelos profissionais em greve como uma retaliação aos médicos nesta situação que aderiram à paralisação de actividade.

A AMM entende que “sendo a paralisação legítima, como veio o porta voz do Governo reconhecer, não deveria haver espaço para tais posicionamentos, que minam ainda mais a já frágil confiança existente entre as partes.”

Também nesta quarta-feira (5) o MISAU tornou público que vai contratar cerca de uma centena de médicos estrangeiros e admitir novos enfermeiros e serventes. Esta atitude do Ministério vai em sentido contrário às palavras do Presidente Armando Guebuza que afirmou, na Coreia do Sul, que Moçambique não tem recursos para contratar mais profissionais da Saúde nacionais.

Terraço Aberto ao debate crítico de Cabo Delgado

Não há pódios nem hierarquias no “Terraço Aberto” de Cabo Delgado. O debate “reflectivo, crítico e aberto” junta todos os meses em Pemba cidadãos, organizações da sociedade civil, órgãos governamentais, políticos e jornalistas, em assembleias populares sobre o desenvolvimento socioeconómico da província.

Texto: **Sara Moreira**

O convite é lançado pela Associação Suíça para a Cooperação Internacional (Helvetas), mas os temas são votados anualmente por quem participa nos Terraços. Se o que se pretende é “atingir um nível em que a sociedade civil é a essência de governação participativa”, então a organização dos próprios debates não poderia desenrolar-se de outra forma.

Cabo Delgado em 2040

Chegou a última sexta feira de Maio. É meio-dia e um sol abrasador faz com que tudo pareça andar devagar. “Este calor aqui? É dos recursos naturais: rubis, petróleo, gás natural”, explica convicto o condutor do táxi que me leva até à Casa Provincial da Cultura onde acontece o quinto Terraço Aberto de 2013, “as riquezas naturais respiram, e nós sentimos este calor”.

Não será tão literal o impacto das reservas de hidrocarbonetos e outros recursos minerais em Cabo Delgado, mas é, sem dúvida, quente o debate em torno das mudanças que as descobertas têm trazido à região. As terras mais a norte de Moçambique estão a tornar-se um dos principais atractivos para



grandes investidores internacionais em todo o continente africano. Mas no que toca ao desenvolvimento humano e sustentável, muito fica por cumprir.

Não alheio ao efectivo e potencial *boom* de desenvolvimento na região, surge no início de 2010 o fórum “Terraço Aberto”. Com debates em torno do tema mãe “Cabo Delgado 2040”, nos últimos meses passaram pelo Terraço questões como a transparência da indústria extractiva, a juventude e as barreiras no mercado de trabalho. Em Maio, debateram-se “Políticas e Programas de e para Pessoas com Necessidades Especiais”.

O desenrolar de um Terraço

Num mural à vista de todos estão patentes o mote, as regras e o programa da sessão. Bárbara Kruspan, gestora do projecto, dá as boas-vindas e percorre os tópicos ali enumerados. O palco existente na Casa

da Cultura só é usado para dar apoio à equipa técnica. Todos os cerca de 50 participantes estão sentados em cadeiras de plástico agrupadas no terreiro.

Entra em cena uma *performance* teatral que leva os presentes a reflectirem sobre as dificuldades que um invisível sente no seu dia-a-dia. Depois, iniciam-se as “Conversas de Café” entre grupos de quatro ou cinco pessoas. O objectivo é cada um falar sobre como seria viver com uma deficiência na sua comunidade.

Para alimentar a reflexão, foram convidados como oradores Guilherme dos Santos, director provincial da Mulher e Acção Social (DPMAS), e Adela Miguel, da Direcção Provincial da Educação e Cultura (DPEC). As intervenções do governo permitem conhecer algumas experiências e planos para a inclusão das pessoas e com necessidades especiais. Mas será que as políticas e os programas têm o devido efeito na vida de quem “porta deficiência”?

Levanta-se no Terraço José João Laire, da Associação Moçambicana dos Deficientes Visuais (AMDV). Recusando o termo “portador de deficiência” – “não é como se fosse algo que trouxéssemos na mala!” –, Laire traz a voz da sociedade civil e a opinião das próprias pessoas com necessidades especiais. O extenso relatório que apresenta põe a descoberto a difícil realidade vivida por aquelas pessoas na so-

cidade, na família, nas instituições de ensino e no mercado de trabalho.

Um breve interlúdio musical temático marca o tom enquanto os participantes recolhem senhas para a sua vez de intervir.

No debate são abordadas questões como a dicotomia inclusão-exclusão, a acessibilidade a centros de apoio ou de educação especial, como lidar com a discriminação ou porque não são as actividades culturais mais participadas por pessoas com necessidades especiais. Em termos de programas, o Fórum das Associações dos Deficientes (FAMOD) apontou críticas às políticas que não saem do papel, e às diferenças de província para província no que diz respeito à atribuição de subsídios e isenções. Todo o debate era transcrito em directo para a página de Facebook do Terraço que, simultaneamente, era projectado na parede que delimita o Terraço.

Entre uma e outra intervenção mais incendiada – como a do jovem que apelou à manifestação ou o outro que acusou afirmando que “Nós não somos deficientes, as nossas instituições é que são!” – o fecho do Terraço deixa no ar a possibilidade de mudanças positivas veiculadas por um diálogo aberto entre políticos, organizações e cidadãos comuns. Enquanto a garantia efectiva da plena igualdade de direitos para cidadãos e cidadãs com necessidades especiais, conforme definida no Artigo 37 da Constituição da República de Moçambique, estiver por cumprir, os participantes do Terraço Aberto prometem continuar a alimentar o debate.

Gás natural na Bacia do Rovuma: receita poderá ser inferior à previsão

Uma pesquisa divulgada pelo Centro de Integridade Pública (CIP) revela que a previsão inicialmente feita relativamente à receita que o Estado moçambicano irá obter com a exploração do gás natural da Bacia do Rovuma “pode não ser realista”.

Texto: Redacção

A referida antevisão, feita pelo Fundo Monetário Internacional (FMI) e pelo Plano Director do Gás (PDG), apontava para uma receita de cerca de 5.2 biliões de dólares, até 2026. Porém, a hipótese apresentada nesta pesquisa, baseada nas projecções das mesmas entidades que fizeram o primeiro estudo, nomeadamente o FMI e o PDG, indica para cerca de 1.2 bilião a receita a ser arrecadada, uma estimativa aquém do esperado.

“Hipóteses realistas sobre o período das primeiras exportações de LNG (Gás Natural Liquefeito) e o ritmo do desenvolvimento das infra-estruturas necessárias sugerem apenas cerca de 1.2 bilião de dólares em 2026, sem tomar, ainda, em consideração que muitas deduções sobre a receita tributável irão reduzir ainda mais o que as empresas petrolíferas vão pagar ao Estado moçambicano”, refere a CIP.

No seu estudo, o CIP questiona, entretanto, a capacidade de construção de infra-estruturas para a exploração desse recurso. É que as projecções iniciais apontavam para a construção de 10 plantas de gás natural liquefeito até 2026. Mais tarde, o Plano Director de Gás recuou para seis plantas de LNG em funcionamento, até aquele ano.

Mesmo assim, a análise do CIP indica que esse cenário pode não ser praticável, pois o único exemplo, no mundo, com expansão a um ritmo tão acelerado, é o Qatar, que na altura já era o principal exportador de LNG. Portanto, “seria uma conquista extraordinária se quatro plantas de LNG estivessem em funcionamento em Palma, nessa altura.”

“Não há nenhum caso de um país em desenvolvimento, sem infra-estruturas básicas ou qualquer história de produção de gás natural liquefeito, a realizar esta escala e ritmo de desenvolvimento de LNG”, explica o CIP no seu estudo.

Segundo o documento do CIP, o prazo razoável para Moçambique seria que a construção iniciasse em 2015, resultando em 10 milhões de toneladas de exploração provenientes de duas plantas, a entrarem em funcionamento em 2021. Refira-se que até que seja construída uma planta completa de LNG, o gás do Rovuma não pode ser explorado.

“Projecções fiáveis do ritmo e escala de desenvolvimento ao longo da década de 2020 são todas, praticamente, impossíveis de alcançar. Há, simplesmente, muitas incógnitas. Partir do pressuposto de que haverá um número, sem precedentes, de dez plantas de LNG em funcionamento, em meados da década de 2020, parece imprudente”, aponta o documento.

A Wood Mackenzie, uma empresa líder de pesquisa na área de gás e petróleo, estima que os custos para a instalação de duas

plantas de LNG em Palma sejam de cerca de 25 biliões de dólares.

Entretanto, o estudo ora em referência chama a atenção para o facto de grandes projectos de infra-estruturas custarem mais e levam mais tempo do que inicialmente previsto, o que resulta em custos adicionais de 20 por cento, ou mais. Este cenário poderá verificar-se na construção do LNG em Moçambique.

“O projecto de LNG de Papua Nova Guiné, por exemplo, estava previsto que custasse 11 biliões de dólares aquando da sua concepção, 15 biliões de dólares durante o início da construção e está, agora, estimado em 19 biliões, e com uma tendência crescente.

Um estudo recente de LNG da Tanzânia estimou que uma infra-estrutura com duas plantas de LNG “poderá consumir um investimento entre 20 e 30 biliões de dólares”, ilustra o documento do CIP, que refere não haver dúvidas de que as estimativas iniciais do custo para a construção de infra-estruturas para a exploração de gás no país “serão revistas em alta.”

De referir que as reservas de gás na Bacia do Rovuma constituem uma das mais ricas descobertas dos últimos anos. O Plano Director do Gás estima que existem 124tcf (triliões de pés cúbicos) de reserva, dos quais 75tcf são técnica e comercialmente recuperáveis.

Embora nenhuma destas descobertas tenha, ainda, sido independentemente certificada (estimativas até à data são baseadas em análises internas das empresas), não há dúvida de que vastas quantidades comercialmente viáveis de gás natural existem na Bacia do Rovuma.

Contratos de venda

Dada a escala de investimento necessário, o LNG é, normalmente, vendido através de acordos de longo prazo, firmados antes do início da construção. Relatórios sugerem negociações preliminares, em curso, com empresas japonesas. E, como não é tomada nenhuma decisão final de investimento com base em análises internas das empresas sobre as reservas, estudos independentes dos dados dos campos de gás também serão encomendados.

Outras duas frentes de negociações estão também em curso. Primeiro, de acordo com a Lei

do Petróleo, em vigor em Moçambique, se uma reserva de gás atravessa os limites de uma concessão, conforme acontece na bacia do Rovuma, as empresas deverão negociar um acordo de utilização, estabelecendo os termos para o desenvolvimento comum de plantas de LNG.

A Anadarko e a ENI deram um passo nesta direcção, negociando um acordo-quadro, em Dezembro de 2012. Mas isto marca o início e não o fim de sérias negociações. Segundo, são necessárias extensas negociações com o Governo sobre os termos da produção de LNG, uma abordagem não prevista nos Contratos

de Concessão de Pesquisa e Produção (EPCC).

A Lei do Petróleo revista, agora à espera de uma aprovação parlamentar, estabelece o conceito de um “Contrato de Concessão de Infra-estrutura”. Este acordo, altamente complexo, também requer que as partes entrem em acordo.

Existe uma pressão significativa para agir rapidamente, particularmente para a assinatura de acordos de venda de LNG de longo prazo, na medida em que se espera que os preços venham a reduzir nos próximos anos. Mas a variedade e complexidade das questões torna improvável a tomada de decisões finais sobre o investimento.

Preços do gás da Bacia do Rovuma

As receitas do projecto serão determinadas pela quantidade de gás exportado, os custos de produção e o valor do gás. O mercado global de LNG está a atravessar mudanças profundas, tornando as projecções de preço cada vez mais difíceis do que o normal.

O gás natural é uma eficiente fonte de energia com uma queima relativamente limpa e a sua demanda está projectada para crescer de forma consistente, sobretudo na Ásia. A oferta é muito menos previsível.

A expansão massiva de LNG ocorreu, recentemente, em Qatar e alguns esforços similares estão em curso na Austrália. O chamado “gás natural não convencional” extraído através de fracturamento hidráulico, transformará os Estados Unidos da América, de um importador líquido num significativo exportador.

O preço de LNG tem sido, tradicionalmente, de base regional: uma região do Atlântico e uma do Pacífico. Preços extremamente baixos na região Atlântica poderão ter efeitos, em cadeia, sobre a região Pacífica, como os produtores norte-americanos olham para os mercados asiáticos.

“Será que a futura demanda irá ultrapassar a oferta?”, questiona o CIP. A Agência Internacional da Energia acredita que sim e prevê um aumento dos preços de LNG. Já o Banco Mundial apresenta conclusões muito diferentes, assumindo que a oferta cresce mais rapidamente do que a demanda e que os preços irão baixar.

As projecções de preços a longo prazo proporcionam um ponto de referência para o cálculo das receitas do Rovuma, mas o preço, que é o que conta, em última instância, é o que foi negociado nos acordos de venda, de longo prazo.

Se estes contratos são assinados com empresas japonesas, como é amplamente assumido, os preços serão comparados com os preços asiáticos do petróleo. A receita do Estado proveniente dos pagamentos de *royalties* e de partilha de produção será calculada sobre o valor do gás à entrada da planta de LNG que, por sua vez, será calculado tomando o preço de venda final, subtraindo o custo de processamento e transporte.

Guebuza responde aos críticos do ProSavana

O Presidente da República (PR), Armando Guebuza, reagiu, esta semana, às críticas levantadas pelas organizações da sociedade civil contra o programa agrícola, ProSavana, segundo as quais este constitui um plano do Governo e da comunidade internacional para usurpar as terras dos camponeses.

Texto: Redacção

Guebuza diz que o ProSavana não prevê “o arranque de terra dos camponeses”, mas que, contrariamente a isso, “o objectivo é disponibilizar, com título, a terra aos camponeses e torná-la mais produtiva para, nessa base, beneficiar aos próprios camponeses”. Com esta afirmação, o Chefe do Estado moçambicano reagiu a uma carta aberta das organizações da sociedade civil sobre o programa.

Na sua explicação, o PR sublinhou que este programa

agrícola vai “permitir que os camponeses abracem a agricultura comercial e o acesso aos mercados, algo que hoje não é possível pelo facto de se debaterem com enormes dificuldades devido à baixa produção e elevados custos de produção”.

Guebuza deu a entender que com o ProSavana haverá um aumento da produtividade, pois este programa irá permitir que os serviços fundamentais para o efeito estejam mais próximo dos camponeses. O que poderá “resultar num desenvolvimento socioeconómico e elevar o nível de vida dos camponeses”.

Posição das organizações da sociedade civil

Entretanto, as organizações da sociedade civil, diferentemente do que o Chefe do Estado afirma, entendem que o programa trará muitas desvantagens para as populações que se encontram nas zonas onde vai ser implementado o programa. Por isso, em carta aberta, datada de 28 de Maio, as mais de 90 organizações da sociedade civil exigem uma “intervenção urgente” no sentido de se travar o programa.

No documento, as organizações denunciam os “impactos negativos irreversíveis” que, por via desse programa, poderão recair sobre as famílias camponesas.

Segundo a carta, a implementação do ProSavana poderá culminar com o surgimento de famílias e “Comunidades Sem Terra” em Moçambique, como resultado dos processos de expropriações de terras e consequentes reassentamentos; frequentes convulsões sociais e conflitos socioambientais nas comunidades ao longo do Corredor de Nacala, e não só; o agravamento e aprofundamento da miséria nas famílias das comunidades rurais e redução de alternativas de sobrevivência e existência; aumento da corrupção e de conflitos de interesse; entre outros.

As organizações condenam ainda o facto de o ProSavana estar já a ser implementado, através da componente “Quick Impact Projects” sem que se tenha realizado e discutido publicamente o estudo do impacto ambiental do mesmo, facto que lesa a legislação moçambicana que prevê que tal seja feito para projectos da dimensão do ProSavana.

“A amplitude e grandeza do Programa ProSavana contrastam com o incumprimento da lei e total ausência de um debate público profundo, amplo, transparente e democrático, impedindo-nos, (camponeses, famílias e a população), desta forma, de exercer o nosso direito constitucional de acesso à informação, consulta, participação e consentimento informado sobre um assunto de grande relevância social, económica e ambiental com efeitos directos nas nossas vidas”, pode-se ler na carta.

Recenseamento eleitoral ainda não está acontecer em todos os postos

Há 14 dias deveria ter começado o recenseamento eleitoral de raiz nos 43 municípios onde este ano deverão acontecer eleições autárquicas. Apesar da experiência acumulada em quase duas décadas de pleitos eleitorais em Moçambique, o Secretariado Técnico da Administração Eleitoral (STAE) começou por ter problemas em fazer chegar os materiais às 767 brigadas criadas, depois para imprimir cartões de eleitores e esta semana houve postos onde só foi possível recensear porque um cidadão comprou energia eléctrica para que o equipamento informático pudesse ser accionado.

Texto: Adérito Caldeira

Na semana passada o director-geral do STAE, Felisberto Naife, no balanço da primeira semana do recenseamento, justificou os problemas iniciais com a falta de tempo de preparação de todo o censo eleitoral e garantiu que a empresa que ganhou o concurso público para o fornecimento do material informático – um empresa moçambicana sem know how em informática – já havia importado novas impressoras para substituir todas aquelas que assim que os tinteiros acabaram deixaram de poder imprimir, mesmo usando os tinteiros comprados para o efeito.

Até esta quarta-feira (5) centenas de postos de recenseamento ainda não tinham recebido as novas impressoras. A nossa rede de correspondentes – que todos os dias tem visitado muitos postos de recenseamento nos vários municípios – pôde ainda verificar em alguns postos que receberam as novas impressoras que estas até funcionaram normalmente mas quando houve necessidade de troca de tinteiros os problemas inicialmente verificados voltaram a acontecer.

Paralelamente, em alguns postos, indivíduos

das brigadas do STAE têm estado a criar entaves ilegais ao registo de eleitores como, por exemplo, exigindo atestado de residência ou não aceitando o recenseamento com outro documento que não seja o bilhete de identidade.

Quando um eleitor não possui o Bilhete de Identidade, a Lei eleitoral admite que o recenseamento seja feito se o cidadão possuir uma carta de condução, um cartão de trabalho, um cartão de estudante, um cartão de identificação militar, uma caderneta de desmobilização, uma cédula pessoal, um boletim ou certidão de nascimento, qualquer documento com fotografia actualizada, impressão digital ou assinatura ou ainda se se fizer acompanhar por dois cidadãos inscritos no mesmo posto de recenseamento, que sirvam de testemunhas.

Educação Cívica na Rádio e TV do Estado

A agravar os problemas que têm sido registados desde o primeiro dia do recenseamento está a fraca preparação da maioria dos membros das brigadas no uso dum computador.

Alguns confundiram ser a primeira vez que trabalham com um equipamento informático, o que está a originar muita morosidade na recolha dos dados e na introdução dos mesmo no computador para posterior impressão do cartão de eleitor.

Por outro lado, num país que tem registado ao longos dos últimos pleitos eleitorais um aumento significativo de abstenções e mesmo de cidadãos que nem se têm recenseado, tem sido efêmera a educação cívica apelando ao censo eleitoral que abrange não só os que este ano completam 18 anos (até ao dia 20 de Novembro) mas é alargado a todos os outros com idade de votar e mesmo aqueles que já tenham sido recenseados anteriormente. Na comunicação social, praticamente só é possível ouvir os anúncios nos canais estatais, que, segundo as pesquisas, não são os líderes de audiências, e nas comunicadas não tem sido possível verificar nenhum tipo de acções de educação cívica.

Um dos nossos jornalistas encontrou no município de Marrupa um aviso do STAE manuscrito e colocado numa vitrina. Pósteres, panfletos

e outros materiais de propaganda não têm sido vistos.

Apesar dos constrangimentos, Felisberto Naife não coloca a hipótese de estender o prazo do término do recenseamento, 23 de Julho, pois, segundo a sua experiência, ainda há tempo para recensear todos os potenciais eleitores.

Se o leitor for recensear-se conte-nos: **Foi fácil? A brigada foi simpática? Havia uma fila longa? Teve algum problema?**

Reporte ao @Verdade por SMS para os números 90440/ 821111 Whatsapp 843998634 ou ainda para o Email averdademz@gmail.com.

Os leitores com acesso à Internet podem acompanhar todos os dias, minuto a minuto, o recenseamento eleitoral no nosso website <http://www.verdade.co.mz/live-blogs/eleicoes-autarquicas-2013>.

Leia a seguir uma pequena selecção da nossa cobertura na semana finda:

05/30/2013 09:21 | by @Verdade

Segundo a Rádio Moçambique o processo eleitoral ainda não arrancou em 62 dos 64 postos criados no município do Lago, na província do Niassa, devido a incompatibilidade dos tinteiros para as impressoras onde devem ser impressos os cartões dos eleitores.

05/30/2013 09:42 | by @Verdade

O posto de recenseamento na EPC da Cerâmica, no município de Nampula, está a funcionar sem problemas. Existe um fila longa devido a falta de destreza dos brigadistas no manuseamento do equipamento informático para a recolha de dados e impressão dos cartões de eleitores.

05/30/2013 10:23 | by @Verdade

Persiste o problema da falta de tinteiros para a impressão dos cartões de eleitores no posto de recenseamento existente na EPC 12 de Outubro, no município de Maputo. A única brigadista que lá se encontrava às 8h45 disse que a tinta para impressão acabou na terça-feira e que ainda não tinha recebido nenhuma resposta do STAE acerca deste problema. Também até essa hora não havia sido montado o dístico que indica a existência do posto de recenseamento no local e o agente da polícia da também ainda não estava presente.

05/30/2013 12:22 | by @Verdade

Parou o recenseamento no posto da Cavalaria, no bairro de Carrupeia, no município de Nampula devido a problemas impressão dos cartões de eleitores. O STAE recolheu a máquina para resolver o problema durante os próximos dias.

05/30/2013 12:27 | by @Verdade

Após três dias sem funcionar devido a problemas para a impressão de cartões de eleitores o posto de recenseamento na escola de Limoeiros, no município de Nampula, voltou a recensear na manhã de hoje.

05/30/2013 16:59 | by @Verdade

No posto de recenseamento da Escola Secundária Força do Povo, no município de Maputo, encontramos o cidadão José António que nos disse ser hoje o terceiro dia que vem a este posto tentar recensear-se mas sem sucesso. A impressora não está imprimir cartões de eleitores desde Domingo.

05/31/2013 17:05 | by @Verdade

CIDADÃO REPORTA
No município de Nampula não consegui encontrar um posto de recenseamento eleitoral a funcionar até 12 horas de hoje. Está mal isso!

05/31/2013 17:21 | by @Verdade

CIDADÃO Manuel Baloi REPORTA:
Atendimento camaleão no posto de recenseamento eleitoral da aldeia 25 de junho no município de Chibuto, na província de Gaza. Passaram 40 minutos e só três pessoas da passam enquanto estou na bicha e só foram atendidos 3 indivíduos durante este tempo! Socorro!

06/01/2013 11:14 | by @Verdade

No posto de recenseamento da ES Zedequias Manganhela, no município de Maputo, o processo está parado porque a impressora imprime repetidamente a mesma foto apesar de novos dados (e foto) carregados.

06/01/2013 11:21 | by @Verdade

No posto da EPC de Napipine, no município de Nampula, recenseamento a decorrer sem problemas. Entre as 8h e 10h foram recenseados 15 cidadãos. Alguma demora no recenseamento de idosos que chegam sem documentos de identificação necessitando testemunhas.

06/01/2013 11:48 | by @Verdade



O posto da EPC Comunidade São Francisco, no município de Nampula, não está funcionar. Continua com problemas na impressora apesar de ontem terem recebido nova. Espera-se a presença do técnico da STAE ainda hoje. Desde o início do censo, até hoje, apenas recensearam 99 eleitores.

06/01/2013 13:33 | by @Verdade

Continua-se a aguardar nova impressora no posto na EP do Wiriamo, no município de Maputo, onde o recenseamento está parado.

06/02/2013 10:56 | by @Verdade

Recenseamento parado no posto da EPC de Mutauanha, devido a problemas na impressão. Segundo os brigadistas continuam a espera que o STAE provincial resolva a situação. Cidadãos que vieram recensearem-se comentam que poderiam emprestar as suas impressoras ou tinteiros para que o processo retome.

06/02/2013 17:08 | by @Verdade

CIDADÃO Aleixo REPORTA:
estou no posto Administrativo de Namanjavira, no município de Mocuba, até hoje não apareceu nenhuma brigada do STAE.

06/02/2013 17:15 | by @Verdade

CIDADÃO REPORTA:
Estou a sair do posto de recenseamento da EP1 do Bagamoyo, no município de Maputo, onde não me pude recensear porque a nova máquina tem problemas na impressora: está a encravar. Os brigadista foram embora, segundo o polícia do posto, é a segunda avaria avaria da nova máquina em menos de 1 semana.

06/02/2013 20:02 | by @Verdade

CIDADÃO Roberto REPORTA:
sou natural de Maputo e residente em Tete já a 5 anos por razões profissionais. Quando cheguei ca trabalhei e vivia em Zóbué, mas agora estou a viver na cidade e a trabalhar no Posto Administrativo de Mucumbura, Distrito de Mago. Tenho um BI que indica que sou residente do Posto Administrativo de Zóbué, Distrito

de Moatize e fui para recensear-me e lá pediram-me declaração de Residência. O que devo fazer agora porque a declaração é cobrável e o recenseamento é gratuito. Não sei o nome do Posto de recenseamento mas é no Bairro Chingodzi, Quarteirão 1 perto do STAE, logo após a ponte para quem vai a machamba das irmãs.

06/03/2013 07:35 | by @Verdade

CIDADÃO Emílio REPORTA: há uma semana que tento exercer o meu direito de cidadão recenseando-me mas sem sucesso na EP Unidade 30, no município de Maputo. Quando lá chego só dizem as máquinas não funcionam, estou desgastado com a situação. Façam alguma coisa quem é de direito por favor.

06/03/2013 10:44 | by @Verdade

CIDADÃO REPORTA:
O posto de recenseamento na Escola 12 de Outubro Muhala, no município de Nampula, está sem energia. Depois do equipamento ficar sem bateria os cidadãos que querem recensear-se são obrigados a esperar, esperar... até quando?

06/03/2013 12:43 | by @Verdade

CIDADÃO Osvaldo REPORTA:
Em Quelimane na EP de Quelimane parece que os recenseadores não sabem usar o equipamento. Estão constantemente a fazer restart do laptop, o processo fica super lento e há casos de espera de mais de 30min até conseguirem "afinar a máquina".

06/04/2013 10:55 | by @Verdade

Impressora nova ainda não chegou ao posto que se encontra na Escola Primária Unidade 25, no município de Maputo. A supervisora da brigada espera que a nova impressora seja entre hoje pelo STAE. Dezenas de cidadãos que estavam na fila abandonam o local, mas os outros não arredam pé e garantem que só saem depois de se recensearem.

06/04/2013 11:15 | by @Verdade

CIDADÃO Samuel REPORTA:
Hoje fui pela segunda vez ao posto de recenseamento na EP de Inhagóia, no município de Maputo, mas disseram que não podia tratar o cartão de eleitor pois as máquinas não estão a funcionar. Quero saber qual é a política que reina naquele posto?

06/05/2013 17:25 | by @Verdade



Informação sobre o início de recenseamento eleitoral no município de Marrupa é manuscrita não há poster ou outro material impresso de educação cívica.

Vilanculos

Uma vila singular

Numa manhã calma de sábado, um homem com água até ao joelho tenta arrastar uma enorme rede do mar para terra firme. Ao seu redor, barcos, lodges, outras redes e pescadores compõem o cenário da zona costeira de Vilanculos. Ao pé do mar, um imponente empreendimento turístico chama a tenção dos cidadãos para a possibilidade de emprego, mas ainda está em obras. No seu esforço quase sobre-humano – e aparentemente inútil –, o homem pequeno no grande cenário do rico mar encarna a luta pela sobrevivência nesta vila singular...

Texto & Foto: Rui Lamarques

Um dos desafios de um município em expansão é conciliar o desenvolvimento económico com a preservação do ambiente. Os problemas decorrentes desse desequilíbrio são o desemprego e o surgimento de famílias carenciadas. O investimento em infra-estruturas é fundamental para que o crescimento não seja sinónimo de problema. O acesso aos serviços de água canalizada, luz e cuidados sanitários é imprescindível. A vila que quer ser cidade e nasceu incrustada ao Índico, Vilanculos, exhibe um histórico de missões cumpridas. Dos 9000 talhões que compõem a zona urbana, 4500 têm corrente eléctrica num espaço geográfico que há 15 anos não sabia o que era energia. Cerca de 98 por cento da população urbana são atendidos no hospital local. A recolha e o tratamento dos resíduos sólidos funciona. Apesar disso, as autoridades municipais construíram um aterro sanitário – o primeiro na história da municipalização no país numa vila – que irá reaproveitar o lixo.

A Vila de Vilanculos, sede do distrito do mesmo nome, situa-se a norte da província de Inhambane, a cerca de 250 quilómetros de Maxixe. Os seus limites físicos são estabelecidos a sul por Chixocane, Macunhe no norte, Pambarra mais a oeste e o Índico a este. Com um clima tropical e húmido ainda que com baixa pluviosidade, solos arenosos, relevo de planície e a bacia hidrográfica do rio Govuro, a autarquia via, no passado, o seu desenvolvimento dependente do trabalho migratório e da pesca.

No início do processo de municipalização, os estudantes que terminavam o ensino primário do segundo grau tinham de sair da Vila para prosseguir os estudos. Efectivamente, Vilanculos progrediu e hoje orgulha-se de ter uma instituição de ensino de nível superior. Portanto, esse problema comum às pequenas vilas foi relegado para o passado. Na abertura do ano escolar a vila é invadida por autocarros que trazem novos estudantes para a Escola Superior de Extensão Rural. Os operadores turísticos esfregam as mãos de contentamento. Afinal uma escola superior onde antes nem sequer escolas secundárias existiam oferece mão-de-obra qualificada.

Uma das ambições do município é reduzir a dependência que os operadores turísticos têm dos produtos agrícolas da África do Sul. O ensino superior não poderia vir em melhor altura. Os camponeses, com o apoio da Escola



Superior de Extensão Rural (ESUDER), estão a desenvolver produtos orgânicos e a edilidade acredita que, num espaço de três anos, deixará de haver necessidade de trazer bens do país vizinho.

Há 14 anos Vilanculos não tinha energia e nem água canalizada. Em 1999 arrancou o processo de recuperação da rede de abastecimento e distribuição de água. O investimento de 1.5 milhão de dólares, volvidos 10 anos, revelou-se pouca coisa. Na verdade, a população nesse mesmo intervalo de tempo cresceu 115 por cento. Eram 18 mil habitantes em '99 e hoje são pouco mais de 40 mil.

A cobertura actual de água canalizada abrange apenas 30 por cento da população actual. Contudo, 80 por cento dos habitantes têm acesso à água por vias alternativas. No que diz respeito ao meio urbano, o número total de ligações é de 2500. Em meados de Julho, de acordo com fontes municipais, o investimento para o aumento da rede de distribuição e qualidade da água será visível com a materialização, primeiro, de um laboratório cujo objectivo é testar o líquido e, segundo, ligar mais lares à fonte com a conclusão do estudo geológico das águas do subsolo de Vilanculos.



Efectivamente, existem em funcionamento 1500 bancas, 50 estabelecimentos comerciais, duas agências funerárias, uma clínica, diversos restaurantes, uma fábrica de agro-processamento, 33 carpintarias de pequeno porte, duas padarias e 17 oficinas de pequeno porte. Estas actividades asseguram 2789 postos de trabalho. O Estado emprega apenas 719 munícipes e o sector privado seis vezes mais. O total de pessoas assalariadas é de 4200 cidadãos.

Na área do comércio existem 1200 pessoas empregadas. A reabilitação e requalificação da marginal, um sonho antigo do actual edil, poderia, de acordo com as suas estimativas, gerar cerca de 700 postos de trabalho. Esse sonho custa 11 milhões de dólares, um valor muito acima das receitas municipais que rondam 1.5 milhão de dólares por ano.

Na verdade, 14889 cidadãos estão em idade de trabalho. Portanto, excluindo os que procuram emprego pela primeira vez, a população economicamente activa é de 9383 pessoas o que, de acordo com dados do Administração Estatal, reflecte uma taxa implícita de desemprego e subemprego estimada em 46.4 por cento.

O aspecto da vila, diga-se, poderia ser melhor não fosse a proliferação de cercas com base em plantas espinhosa no centro e arredores da autarquia. Fala-se, para colmatar esse desinteresse pela estética visual, numa campanha de sensibilização, uma vez que não se trata de falta de dinheiro como as construções atestam. É um problema cultural que representa uma nódoa na imagem de uma vila que reivindica o estatuto de cidade.

Edifícios

Diferentemente das grandes superfícies urbanas, 95 por cento da população de Vilanculos têm casa própria. O número de pessoas que alugam o espaço onde moram é praticamente insignificante e partilha uma característica: não é população nativa. Ou seja, os estudantes e os funcionários afectos ao Aparelho de Estado provenientes de outros pontos do país é que dão corpo aos 3 por cento dos cidadãos que alugam residências.

No entanto, ter casa própria não significa habitação de qualidade. 59.6 por cento das casas



ACONTECEU

A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440 WhatsApp: 84 399 8634

@Verdade
O Jornal mais lido em Moçambique.

Destaque



Caçadores

Como em todos os pontos do país onde o turismo oferece alternativas de sobrevivência aos moçambicanos, em Vilanculos a ideia de muitos jovens com aversão ao trabalho é caçar turistas que, aos seus olhos, parecem incautas. Adolescentes da periferia pouco dados aos estudos crescem embriagados pela possibilidade de atravessar o continente e conhecer a Europa no colo de uma branca possuída de amor por um africano. Aos fins-de-semana, ocupam as praias exibindo músculos para as turistas de tez branca que procuram um pouco de sossego nas paradisíacas praias de Vilanculos.

João, como quer ser tratado, diz que um dia vai sair da pobreza com uma europeia. Apesar da concorrência, jovens e adolescentes cortejam as turistas sem brigas. À noite, quando metade de Vilanculos dorme, eles deambulam pelos bares. Na parte mais baixa da vila, a história de João repete-se. Jovens sonham com formas de conquistar uma mulher com posses. Trabalham com o corpo, vagueiam pelas ruas à procura de trocados e recolhem o que cai na rede. Espalham-se por toda a cidade. E isso explica as reservas das poucas turistas quando alguém de pele mais escura se aproxima.

Actividade piscatória

O peixe é muito barato na praia. Um quilograma de garoupa custa, quando adquirido ao pescador, 80 meticais o quilograma. Paradoxalmente, quem ganha dinheiro com o negócio são os revendedores. Maputo é um mercado preferencial de uma classe de especuladores que prospera com um trabalho de um grupo de cidadãos que não se quer organizar. No novo Mercado Municipal os mariscos também são comercializados. Mas aqui é bem mais caro do que na praia, onde o pescador quer lucro imediato. Por exemplo, um quilograma de lula custa 150 meticais no mercado. Porém, na praia e no balde de um pescador, não sai por mais de 100 meticais. @Verdade não conseguiu ter acesso ao número de cidadãos que vivem da pesca e que tiram o seu sustento nas águas calmas de Vilanculos.



Vilanculos

Contexto histórico

Vilanculos é o nome de uma das mais antigas famílias Chope, provavelmente de origem Ntama. Entre 1901-1902 foi sede do Comando Militar (B no 1/1901 e 11/1902). A povoação foi criada pela portaria no 1060 de 23 de Julho de 1913. Pela resolução no 9/87 de 25 de Abril a povoação foi elevada à categoria de vila. A lei no 7/87 de 25 de Abril classifica-a como nível de D. A lei 3/94 de 13 de Setembro determina a criação do Distrito Municipal. Pela lei 10/97 a vila foi transformada em município.

Município de Vilanculos em números

Vereações 4

Consumidores de energia 4500

Consumidores com água canalizada 2500

População com acesso a água 80 por cento

Habitantes 41000

Vias de acesso asfaltadas 10 mil quilómetros



Investimento em sectores críticos

O edificio do Município é antigo e situa-se ao pé da Cadeia Distrital de Vilanculos. Actualmente, as receitas próprias da edilidade são insuficientes para encorajar o investimento em sectores críticos da vila com o marginal. Os impostos provenientes da fiscalização não representam sequer dois por cento daquilo que Vilanculos amealha em cada ano. Só para dar um exemplo, em 2009 as receitas da vila foram de 8.604.832,92 meticais. O fundo de compensação autárquica contribuiu com 48,30 por cento desse valor. Ou seja, 4.153.040,00 meticais. Por sua vez, o Fundo de Investimento de Iniciativa Local significou 38 por cento do bolo. A cobrança pelo exercício económico ofereceu aos cofres do município a irrisória quantia de mil meticais, apenas 1.3 por cento.

A equipa do Vilankulo Futebol Clube é um orgulho da vila que se sente, agora, mais importante por ser uma rota da Moçambola. O lema do clube reflecte a rivalidade entre o município e a capital da província. O clube diz que é o orgulho de Inhambane. Dados em poder do @Verdade indicam que a edilidade despende 250 mil meticais por ano no futebol recreativo. Uma verba que poderá aumentar com o arranque de actividades no Campo Polivalente de Jogos inaugurado aos 18 de Abril de 2013. Para além do campeonato municipal de futsal que movimenta 250 atletas de várias escolas e bairros, a ideia é introduzir, nos mesmos moldes, o basquetebol.



ALERTAR

A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440

WhatsApp: 84 399 8634

@Verdade
O Jornal mais lido em Moçambique

“Não me vou recandidatar”

Suleimane Amuji, presidente do município de Vilanculos, é o primeiro edil que assume que não se irá recandidatar à sua própria sucessão. Também diz que não gosta de fazer a avaliação do seu desempenho, mas informa que não é possível cumprir em 100 por cento qualquer manifesto. “Isso significa satisfação total e é impossível”. Contudo, afirma que todos os problemas que careciam de intervenção imediata, colocados pelos munícipes, tiveram uma resposta pronta e eficaz. Quando o processo de municipalização iniciou Vilanculos, diz, não tinha corrente eléctrica e água canalizada. Espera que o próximo edil seja uma pessoa honesta.

Texto & Foto: Rui Lamarques



(@Verdade) - Está à beira de completar 15 anos à frente dos destinos de Vilanculos. Portanto, a minha pergunta não se deveria cingir aos últimos cinco anos. Não lhe vou, também, perguntar sobre uma possível recandidatura porque já sei qual será a resposta.

(SuleimaneAmuji) - Não. De certeza que não me vou recandidatar.

(@V) - Qual é o balanço da sua governação?

(SA) - Eu não me sinto confortável a fazer pessoalmente o balanço do meu trabalho, mas no contacto com a população noto que a maioria dos munícipes está satisfeita com o trabalho que fazemos e desenvolvemos. Provavelmente há pessoas que não estejam satisfeitas, o que é natural. Contudo, é importante as pessoas perceberem o que é o poder local porque se trata de uma coisa muito nova no país. Eu estou no meu terceiro mandato e digo que se trata de um processo que está em crescimento. Portanto, o crescimento de Vilanculos nestes 15 anos não me deixa com a mínima dúvida de que demos um passo muito grande na construção do poder local nesta autarquia, se tomarmos em conta que iniciámos as nossas actividades sem o mínimo de infra-estruturas e sem capacidade de gerar receitas próprias. Tivemos que melhorar aquilo que nos foi entregue e erguer mais. Portanto, a nossa receita própria quando iniciámos o poder local não chegava aos 30 mil meticals por mês. Hoje estamos a falar de uma receita que chega aos 800 e 900 mil meticals por mês e com tendência a crescer. Nesse aspecto julgo que demos um passo muito grande, mas também Vilanculos precisa de mudar de estatuto para desenvolver mais. Os municípios recebem do Estado o fundo que se chama de compensação autárquica, mas na minha opinião trata-se de um fundo a que a autarquia tem direito. Não gostaria que se chamasse compensação como se fosse uma contribuição da parte do Governo. Não há dúvida de que é, mas eu penso que é uma obrigação. O município desenvolve-se e à medida que o faz cria mais investimento e possibilidades de colecta de receitas e impostos directos para o Estado, dos quais a edilidade não beneficia. Há sempre uma tendência de aumento de impostos daí que eu penso que o município deve ser beneficiado. Na minha opinião, é pouco aquilo que o Governo dá. Sendo Vilanculos um município com categoria de vila e que cresceu substancialmente é necessário que seja revista a categoria. Se olharmos para as autarquias que são consideradas cidades e dispõem desse fundo de compensação autárquica para cidades sem, contudo, terem o nível de infra-estruturas que nós temos acredito que o estatuto de vila já devia ter desaparecido há muito tempo. Isso faria com que o município crescesse mais e o Estado sairia beneficiado em termos de impostos.

(@V) - Cumpriu, nesses cinco anos, o seu manifesto?

(SM) - Nós sempre cumprimos os nossos manifestos acima dos 90 por cento. Eu não sou homem de dizer que cumprimos 100 por cento, porque 100 por cento significa satisfação. Isso é quase impossível de ocorrer numa sociedade, mas eu tenho a certeza

de que aquilo que nos comprometemos a fazer foi materializado. Fizemo-lo e fizemo-lo mais do que aquilo a que nos comprometemos. Dificilmente se pode fazer um plano acertado de cinco anos e coincidir exactamente com aquilo que o povo quer. Durante o processo de governação a gente conversa com os munícipes e surgem problemas que carecem de intervenção imediata. Nós tivemos a capacidade de responder com prontidão aos problemas que nos foram colocados. E, mais do que isso, é importante frisar que durante esses 15 anos tivemos dois ciclones, dos quais o último devastou completamente Vilanculos. Aliás, todos puderam ver que a vila ficou praticamente destruída, mas nós tivemos a capacidade – aqui é importante frisar o contributo que a própria comunidade deu – de reconstruir Vilanculos. Durante a reconstrução não recebemos nenhum valor extra do Orçamento Geral do Estado. Eu considero que o trabalho feito foi muito grande pelo facto de não termos tido esse apoio. Portanto, penso que o balanço é positivo. Sei que, neste momento, muita gente está à espera de saber quem será o próximo candidato e muitos esperam que eu concorra. Mas a verdade, porém, é que eu tomei a decisão de não concorrer mais. Já tenho 15 anos e dei o meu contributo. Continuarei a dar porque é a terra onde eu vivo.

(@V) - O facto de Vilanculos não ter estatuto de cidade pesou na sua decisão de não se recandidatar?

(SA) - Nem por isso. Se não for agora para o ano de certeza será. Não há outro caminho que não seja aceitar. Tanto o Governo como a Assembleia da República não podem impedir que assim seja. É um mérito que os próprios munícipes conquistaram. É um mérito de todos nós que fizemos desta vila uma cidade. Não tenho dúvidas de que Vilanculos será cidade. Portanto, não é essa a questão. Eu já dei 15 anos e julgo que chegou o tempo de parar. Continuarei a dar o meu contributo, mas é importante que outros possam aparecer. É possível que surjam pessoas que façam melhor do que nós, mas, de todas as maneiras, não deixarei de dar o meu contributo para o desenvolvimento de Vilanculos.

(@V) - Há 15 anos quais eram os grandes problemas de Vilanculos?

(SA) - Há 15 anos não tinha corrente eléctrica, comunicação, água e as vias de acesso estavam uma lástima. Nenhuma reunia condições para a circulação de veículos. Tinha 40 camas e hoje temos 1500 camas para hospedagem. O comércio era feito por uma média de 10 lojas e hoje temos mais de 50, sem contar com aquelas que são do regime simplificado. Eu acho que o salto que nós demos quer no turismo, quer no comércio e ao nível de emprego, foi qualitativo.

(@V) - Qual é o índice de desemprego em Vilanculos?

(SA) - Infelizmente são dados de que nós não dispomos. As pessoas que estão registadas na área do INEF à procura de emprego não representam o número total de desempregados.

(@V) - Um dos sonhos do edil de Vilanculos, pelo menos é o que se percebe em conversas com os munícipes, era reabilitar a marginal. @Verdade sabe que houve um fundo de cinco milhões para tal. O que impediu que tal sonho fosse possível, uma vez que já existia dinheiro disponível no Ministério do Turismo?

(SA) - Eu considero a marginal de Vilanculos extremamente importante e devia beneficiar de um grande investimento e o Governo teria retorno num curto espaço de tempo, mas é preciso requalificar a marginal de forma a torná-la disponível para uso público e, ao mesmo tempo, para a atracção de investimento. A reabilitação da marginal foi feita no primeiro mandato com fundos municipais. Portanto, em 2003, quando tivemos o primeiro ciclone, uma análise aos estragos mostraram que era necessário um trabalho

profundo, tendo em conta o problema que temos tido na nossa costa. Em 2007, quando tivemos o Favio, a destruição da marginal atingiu grandes proporções. Fizemos um estudo para encontrar uma forma de reabilitar a marginal, mas antes tivemos um apoio do Banco Mundial para reparar a faixa costeira. A disponibilização de fundos dependia do Ministério do Turismo. Infelizmente, essa reabilitação não aconteceu. A única coisa que conseguimos fazer foi o projecto da reabilitação da marginal que custou 270 mil dólares e hoje sabemos que para desempenhar o trabalho precisaríamos de 11 milhões de dólares. O dinheiro foi dado pelo Banco Mundial para um trabalho de emergência ao Governo e não ao município. Honestamente falando, não sei se o dinheiro foi investido, mas neste momento esse valor não existe. O município nunca chegou a beneficiar desse financiamento e temos a marginal no estado em que está. Essa é a minha maior dor de cabeça, tendo em conta que ela é o espelho de Vilanculos e pode criar, com a reabilitação, mas de 700 postos de trabalho e trazer uma nova dinâmica para o desenvolvimento da economia local. O que fizemos, até agora, foi remeter o projecto ao Gabinete do Primeiro-Ministro e ao Ministério da Planificação e Desenvolvimento para que fosse procurado financiamento, uma vez que nós temos um orçamento municipal que ronda o milhão de dólares por ano, e dificilmente podemos fazer a intervenção que se pretende na marginal.

(@V) - Como é que está a questão dos resíduos sólidos?

(SA) - Nós introduzimos a recolha de resíduos sólidos, mas pretendemos melhorar. Neste momento estamos muito perto da abertura de um novo aterro municipal. Já foi construído e estamos na fase de compra de equipamentos de recolha, mas também vamos introduzir uma política de educação; paralelamente à educação vamos trabalhar com uma associação de reciclagem para fazermos o reaproveitamento de algum lixo. Daqui a dois meses teremos o início, de uma forma diferente, de recolha e tratamento de lixo. O nosso aterro, para além de tratar o lixo, deve ser um lugar de atracção.

(@V) - Um projecto com todos esses ‘condimentos’ quanto deverá custar aos cofres do município?

(SA) - Custa muito dinheiro. O nosso está a ser feito de forma faseada. O processo iniciou há quatro anos e só agora vai arrancar. Se tivermos de esperar para que haja dinheiro para fazermos exactamente como pretendemos seria praticamente impossível. Felizmente conseguimos algum apoio da DANIDA e iniciámos o processo. Neste momento dispomos de um apoio de 200 mil euros da União Europeia que fará com que seja possível arrancarmos com a operacionalização do aterro municipal, mas é muito importante fazer, ao mesmo tempo, a introdução de uma gestão sustentável do mesmo.

“Fazemos o máximo de modo a manter a cidade limpa”

A cidade de Angoche é um município com características próprias. Ao contrário de muitas outras urbes do país, ela é limpa, pelo menos na zona urbana, apesar de ainda prevalecerem os problemas relacionados com a falta de asfalto em algumas vias de acesso. Segundo Américo Adamugi, presidente do Conselho Municipal de Angoche, a edilidade tem feito de tudo para mantê-la limpa. Até agora, ainda de acordo com o edil, foram cumpridos 90 por cento das actividades planificadas, porém, quanto à possível recandidatura à sua própria sucessão, ele afirma: “Se o partido achar que devo continuar com os projectos, estarei de acordo”.

Texto & Foto: Helder Xavier



(@V) - E o acto de defecar a céu aberto não preocupa a edilidade?

(AA) - Essa prática do é um fenómeno bastante difícil de resolver e para o seu controlo precisamos de fazer um estudo muito minucioso. Estávamos a pensar em colocar sanitários públicos ao longo da costa, principalmente nos bairros de Inguri e Mossorire porque isso só acontece nessas zonas residenciais. Mas temos a situação de casas que estão bastante apinhadas que vão até à costa e é por isso que disse que é uma situação que devemos estudar para o seu controlo, mas constitui um dos nossos desafios.

(@V) - Qual é a situação económica do município, sobretudo no que toca à arrecadação de receitas?

(AA) - O município de Angoche, em termos económicos, se pudermos ver aquilo que é o parque industrial que suportava, ou que transformou Angoche em cidade, está todo destruído. Refiro-me à fábrica de descasque de castanha de caju. Na altura, tínhamos três grandes fábricas que, em termos de postos de trabalho, conseguiam absorver a mão-de-obra dos distritos vizinhos como Moma, Mogovolas e Mongicual porque o pessoal de Angoche era absorvida e ainda se necessitava de mais trabalhadores. Também algumas fábricas de processamento de pescado ruíram, falo da Emopesca e Angopesca. Agora temos pequenas fábricas de processamento de pescado, como é o caso de Diamantes Mariscos, temos a SC Global e temos a Pesca Norte que são pequenas unidades fabris que conseguem absorver 20 a 30 trabalhadores cada uma delas. Pelo facto de não termos grandes indústrias, tanto de castanha como de processamento de pescado, a renda do município é bastante reduzida, daí que a maior parte do rendimento das famílias vem do comércio informal. O pequeno negócio de amendoim e bolinhos ao longo dos passeios é o que existe e isso não permite termos receitas fabulosas. Presentemente, a nossa receita ronda nos dois milhões e trezentos mil meticals por ano.

(@V) - Pensa em recandidatar-se?

(AA) - Bem, para estar neste mandato 2008-2013 mereci a confiança do meu partido, se o meu partido continuar a confiar em mim, penso que, como disciplina partidária, não posso recusar o desejo do meu partido.

(@V) - Tendo em conta que cumpriu o seu manifesto em 90 por cento, acredita que o seu partido depositará confiança em si?

(AA) - Penso que até aqui não existe uma objecção relativamente à minha recandidatura. Se o partido achar que devo continuar com os projectos, estarei de acordo.

@Verdade (@V) - Qual é o balanço que faz do seu mandato?

Américo Adamugi (AA) - Relativamente ao cumprimento do meu mandato, a avaliação que fazemos, como executivo de Angoche eleito nas eleições de 2008, é positiva. Fazemos um balanço positivo, visto que aquilo que era o nosso compromisso, a nossa promessa para com os munícipes, na sua maioria, foi cumprido. No que respeita à infra-estruturas, como o melhoramento de estradas e a construção de pontes a nível da cidade de modo a permitir a comunicação entre os bairros, está a ser feito. Em relação à saúde, também tínhamos um compromisso, uma vez que grande parte dos munícipes vive distante dos serviços de saúde. Portanto, tivemos de construir um Centro de Saúde no Km 13, que poderá ajudar a população que vive em 10 bairros circunvizinhos. São bairros que ficam distantes da zona urbana e o município de Angoche contava apenas com um e único hospital rural. Havia sempre uma demanda muito elevada no que tange aos cuidados de saúde.

(@V) - Antigamente era comum ver vendedores de pescado a circular pela cidade perscrutando potenciais clientes e, presentemente, o cenário parece ter mudado. O que foi feito?

(AA) - Nós construímos um mercado de venda de pescado. Esse mercado é exclusivamente para vender produtos pesqueiros e não outros, mas não está vedada a outros bens. Importa referir que o principal produto é o pescado. Outrora, deparámo-nos com pescadores ou vendedores de pescado a circular pela cidade à procura de compradores, entretanto, decidimos inverter o cenário de modo que os consumidores passassem a procurar os produtos no mercado. E isso está a ser muito benéfico, tanto para os vendedores como para os consumidores.

(@V) - Angoche pode orgulhar-se de ser uma das poucas cidades limpa do país, mas na zona suburbana o saneamento do meio ainda é problemático. O que é que está a falhar?

(AA) - Em termos de saneamento do meio, o estado em que se encontra a urbe reflecte o esforço da edilidade, aquilo que temos feito. A nossa cidade é limpa, apesar de não termos meios sofisticados. Estamos a trabalhar com dois tractores, um dos quais se encontra avariado, mas fazemos o máximo de modo a manter limpa a nossa cidade. Há dificuldades na recolha de lixo na zona suburbana devido à falta de vias de acesso. As que existem são bastante estreitas e não permitem a circulação do tractor.

(@V) - Relativamente ao ordenamento territorial, o que tem vindo a ser desenvolvido?

(AA) - Durante este mandato fizemos a demarcação de cerca de 958 talhões, dos quais 735 já foram atribuídos a número igual de munícipes. Também de referir que tínhamos a situação da população que invadia a encosta do monte Parapato, por sinal uma zona de risco. Tivemos que reassentar essas pessoas, 157 famílias, em lugares seguros. Interditámos a construção de habitações e a abertura de machambas porque contribuem para a erosão.

(@V) - Na componente social, incluindo a cultura e o desporto, quais são as actividades levadas a cabo pelo município?

(AA) - As áreas de cultura e desporto têm sido o nosso forte. Temos apoiado as equipas de futebol. E no pelouro de Juventude e Recreação também têm sido planificados campeonatos recreativos, envolvendo muitos jovens da nossa cidade e têm sido bastante competitivos e, no final de cada competição, tem havido premiação em termos de material desportivo, como equipamento e bolas. Apoiámos também aos nossos grupos culturais que têm abrilhantado vários momentos de vida da nossa urbe, sobretudo o dia da cidade que tem sido bastante emotivo, não só para os munícipes de Angoche mas também para outras pessoas que vivem fora deste município. Quando chega o dia 26 de Setembro, o dia da nossa cidade, Angoche torna-se o ponto de convergência de muita gente.

Além disso, o nosso apoio social estende-se às famílias carenciadas. Apoiámos com material funerário, já apoiámos 187 famílias, disponibilizando panos e madeira para realizarem um funeral condigno para os seus familiares. Temos apoiado crianças desfavorecidas, ajudámos 236 menores de idade fornecendo material escolar, dos quais 152 órfãos, 13 deficientes e 71 crianças vivendo em extrema carência. Apoiámos 27 famílias vítimas de incêndio com kits de roupa, material escolar e de construção. Ajudámos outras 47 vítimas de enxurradas oferecendo material de construção e alimentos. Portanto, quando fazemos o balanço das nossas actividades, constatamos que o cumprimento do nosso manifesto eleitoral ou programa de governação 2009-2013 até agora é de 90 por cento.

(@V) - O que é que falta fazer de modo que se cumpra o manifesto em 100 por cento?

(AA) - Temos alguns desafios. Primeiro, está em construção uma morgue onde vamos instalar uma câmara de conservação de pelo menos seis corpos. Também vamos adquirir uma viatura funerária porque o que temos vindo a assistir quando acontece algum falecimento tem sido bastante triste. Há vezes que o cadáver é levado numa bicicleta ou motorizada. É triste. Mas nós já lançámos um concurso público, penso que até este mês de Junho a empresa que ganhou vai-nos fornecer a viatura de modo que façamos esse trabalho.

Outro desafio são as vias de acesso. A situação das vias de acesso é crítica, ainda há muitas estradas a serem pavimentadas. Neste momento, estamos a asfaltar a via que liga Mawipe Pescas, ou seja, estamos a ligar o porto de pescas à cidade, numa extensão de três quilómetros e 600 metros. Nós priorizamos esta estrada por causa do escoamento dos produtos pesqueiros. Já estão asfaltadas cerca de dois quilómetros. O trabalho ainda está a decorrer e a empresa encarregue pelo trabalho promete até ao final de Setembro entregar a obra. Este é que é o grande calcanhar de Aquiles que nós temos relativamente às nossas realizações. Por outro lado, temos as vias internas da cidade, não estão todas pavimentadas, algumas estão esburacadas e precisam de ser melhoradas. Mas essa é a nossa aposta no futuro.

Angoche

Desenvolvimento adiado

Ancorado na zona costeira da província de Nampula, Angoche é um dos poucos municípios com todas as condições necessárias para se tornar uma das principais cidades, em termos económicos, do país. Porém, a precária via de acesso Nampula-Angoche, um percurso de pelo menos 185 quilómetros, adia eternamente o desenvolvimento daquela urbe que também é conhecida por Parapato pelos nativos. Com quase todas as grandes indústrias paralisadas, presentemente, grande parte dos munícipes dedica-se ao comércio informal, remoendo-se com lembranças do tempo em que a autarquia absorvia tanto a mão-de-obra local como a dos distritos circunvizinhos.

Texto & Foto: Helder Xavier



À entrada da cidade, o cenário é este: ruas, planas e largas, sem trânsito intenso, edifícios em bom estado de conservação e jardins com algum tratamento de louvar. A primeira impressão que se tem é de uma urbe rejuvenescida e limpa. Mais para o interior do município a imagem é de uma zona residencial nobre. Porém, quando se circula no meio urbano, depara-se com uma outra realidade: poças de água, estradas de terra vermelha e infra-estruturas sociais e económicas em ruínas. Apesar desse contraste, Angoche apresenta uma estrutura urbana bem distinta das demais autarquias moçambicanas.

O município, com uma população estimada em 172 mil habitantes distribuídos em 36 bairros, já foi, diga-se de passagem, um complexo económico gigantesco. Parapato, como também é conhecida a cidade, dispunha de grandes indústrias de processamento de castanha de caju, sisal, arroz e de produtos pesqueiros, tais como peixe e camarão, empregando centenas de pessoas, tanto nativas como oriundas dos distritos que gravitam à sua volta, não obstante ser uma autarquia costeira. Presentemente, quase todas as fábricas encontram-se encerradas.

A nível da província de Nampula, além das suas potencialidades pesqueiras, Angoche é um dos principais produtores de milho, arroz e mandioca. Mas, apesar disso, o município vê o seu desenvolvimento ser adiado a cada dia que passa. A falta de asfaltagem da estrada que liga Angoche a outros pontos do país é a principal razão do retardamento do progresso da urbe em particular, e do distrito em geral. O percurso de 185 quilómetros da estrada de terra batida, Angoche – Nampula (cidade) é feito em precárias condições.

A responsabilidade na colocação de asfalto é incumbida à Administração Nacional de Estradas (ANE). Na verdade, já existem planos de construção da rodovia. À guisa de exemplo, pode-se mencionar as placas colocadas ao longo do percurso. Porém, entre a intenção e a realidade existe uma diferença abismal, quando se olha para o que já foi feito até hoje, ou seja, quase nada foi realizado. A precariedade da via de acesso não só retrai investimentos nas áreas de produção agrícola e pesqueira, como também posterga o surgimento de uma indústria turística

ca extremamente forte. O município de Angoche dispõe de uma vasta costa com condições invejáveis para o desenvolvimento do turismo.

A nível do município ainda há muito por ser feito, principalmente no que respeita a estradas, ordenamento territorial e saneamento do meio nos bairros suburbanos, embora se perceba que tem havido um esforço por parte das autoridades municipais no sentido de proporcionar o bem-estar aos munícipes de Parapato.

Na componente de estradas, a edilidade reconhece que a questão das vias de acesso é bastante crítica em quase toda a urbe. Grande parte das estradas necessita de pavimento. Neste momento, decorrem obras de asfaltagem da via que liga o porto de pescas à cidade numa extensão de três quilómetros e 600 metros. A mesma vai permitir o escoamento de produtos pesqueiros. Aliado à precariedade das vias públicas, está o problema da falta de ordenamento territorial em alguns bairros periféricos. Todos os dias, cresce o número de construções desordenadas com materiais não convencionais, na sua maioria nas regiões de grande risco, uma vez que a cidade é propensa à erosão. A título de exemplo, no passado mês de Março, o município de Angoche foi assolado por uma enxurrada que provocou o desabamento de muitas habitações no bairro da Horta.



Há alguns anos, num processo com vista a prevenir a ocorrência de uma catástrofe devido ao deslizamento de terras, foram criadas zonas de expansão para acolher mais de 500 famílias. Importa referir que, durante o mandato em curso, o Conselho Municipal de Angoche já distribuiu pelo menos 700 talhões, dos 958 terrenos demarcados.

A gestão de resíduos sólidos é outra questão que preocupa a edilidade. Na zona urbana, é praticamente difícil deparar-se com o lixo na via pública. Com apenas dois tractores, um dos quais se encontra neste momento avariado, o Conselho Municipal mantém a zona de cimento limpa. O processo de recolha é feito diariamente. Porém, o mesmo não se pode dizer relativamente aos bairros suburbanos, onde a situação é dramática. Os munícipes depositam os resíduos sólidos ao ar livre e nas proximidades do mar.

A defecação a céu aberto também tem vindo a ganhar contornos preocupantes. Trata-se de uma prática que é encarada, diga-se de passagem, normalmente pelos moradores e as autoridades municipais de Angoche ainda não têm o controlo da situação. De acordo com a edilidade, estava a pensar-se na colocação de sanitários públicos ao longo da costa, no entanto, devido às inúmeras habitações que foram sendo erguidas de forma desordenada ao longo da



ACONTECEU

A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440 WhatsApp: 84 399 8634

@Verdade

O Jornal mais lido em Moçambique.

Angoche



mesma, o fenómeno exige uma nova avaliação.

Enquanto não é encontrada uma solução para o problema, centenas de munícipes recorrem à beira-mar para fazer as suas necessidades biológicas, tanto durante o dia como à noite. Os bairros de Inguri e Mossorire são as zonas onde a defecação a céu aberto se verifica com maior intensidade. A qualquer hora do dia é comum ver homens, mulheres e crianças a deslocarem-se à praia para defecar.

Desemprego acentuado

A questão de desemprego em Angoche é acentuada. As circunstâncias degradaram-se com o desaparecimento das grandes indústrias que antigamente empregavam milhares de trabalhadores e galvanizam a economia local. E como resultado disso, a actividade informal cresceu. O comércio formal acontece de forma tímida.

Para os mais jovens, presentemente, a situação é mais difícil. Não há emprego. A sua maioria opta pela pesca ou venda de produtos pesqueiros para sobreviver. Os aventureiros emigram para a capital do norte em busca de oportunidades, muitas vezes, ilusórias.

Rachid Ali, de 27 anos de idade, terminou a 12ª classe há três anos e mostra-se frustrado com a falta de oportunidades de emprego naquele município. Nasceu em Angoche e diz que “gostaria de viver nesta cidade para sempre, mas sinto-me obrigado a procurar a sorte noutro lugar, como na cidade de Nampula, por exemplo”. O projecto de areias pesadas de Sangage que poderá impulsionar o desenvolvimento económico e social da urbe parece não o deixar animado. “Não sei se isso vai trazer grandes mudanças, pois os nativos vão exercer as actividades menos qualificadas”,

comenta e afirma peremptoriamente: “a mão-de-obra virá de fora como tem vindo a acontecer em Moma”.

Saúde e Educação

O acesso aos serviços básicos de saúde ainda é deficitário no município de Angoche. Além do atendimento ser demorado devido às filas enormes, os munícipes percorrem longas distâncias para obter cuidados médicos. Há bem pouco tempo, a autarquia contava apenas com o Hospital Rural. Actualmente, já dispõe de mais uma unidade sanitária. Trata-se de um centro de saúde construído no bairro do Quilómetro 13, que serve as populações de 10 bairros, dos 36 que existem.

Na área de Educação, o cenário é entristecedor, pois centenas de crianças estudam em péssimas condições. “Durante a campanha eleitoral encontrávamos crianças a estudarem ao relento. Nesses bairros, quando chovesse elas não tinham aulas, o mesmo acontecendo quando fizesse muito sol”, lembra o presidente do Conselho Municipal da cidade de Angoche, Américo Adamugi. Para reverter a situação, foram construídas 12 salas de aulas com os respectivos blocos administrativos e sanitários, distribuídas em quatro escolas. Além disso, foram abertos furos de águas nessas instituições de ensino, para o benefício não só dos estudantes, mas também das populações circunvizinhas.

Apesar desse esforço, prevalece a situação de alunos que se sentam no chão e estudam em salas de aulas construídas com material precário ou ao relento. A título ilustrativo, nas escolas primária 26 de Setembro e Eduardo Mondlane, nos bairros da Boleia e Horta, respectivamente, algumas crianças estudam debaixo das árvores e outras em salas de macuti a caírem aos pedaços.



Município de Angoche em números

Vereações: 8
Funcionários do Conselho Municipal: 301
Ligações de água: 2594
Cobertura de energia eléctrica: 60 a 75 por cento
Unidades sanitárias: 2
Bairros: 36
População: 172 mil habitantes



Abastecimento de água

A situação de água é bastante difícil, em quase todo o país, e o município de Angoche não é excepção. Há pouco mais de cinco anos quase que não se consumia água potável em Parapato. O líquido que jorrava das torneiras era imprópria para o consumo humano. Porém, o cenário mudou quando o Fundo de Investimento e Património de Abastecimento de Água (FIPAG) se instalou em Angoche. Presentemente, a taxa de cobertura é de 30 por cento contra os antigos 18 por cento. Porém, a luta é elevar a percentagem. Neste momento, o município conta com 2594 ligações feitas.

A população percorre dois a três quilómetros para ter acesso a água potável, pois grande parte dos bairros da autarquia depara com problemas sérios de falta do precioso líquido para o consumo. Existe pelo menos em cada um deles um furo, só que não é suficiente para abastecer todos os moradores. Há uma necessidade de se abrir mais poços. A zona mais crítica é Murruquine, uma vez que, devido à sua característica, é difícil encontrar água porque o lençol freático está a grandes profundidades. Os residentes têm recorrido ao bairro vizinho de Naholoco onde existem dois furos.

Rede eléctrica

Os bairros do município não estão todos iluminados, apesar de a cidade já contar com a energia de Cahora Bassa há bastante tempo. Neste mandato, a edilidade fez chegar a energia eléctrica aos bairros de Tamole, Serema, Km 13 e Cuanha, mas o desafio ainda prevalece. A percentagem actual ronda os 60 a 75 por cento, e o raio da área municipal é de cerca de 15 quilómetros. As zonas residenciais mais críticas são Namaripe, Morrua e Mahile. “A nossa aposta é no futuro fazermos chegar a esses bairros. Temos a empresa de areias pesadas e ela tem a responsabilidade social, cremos que vai trabalhar nesse sentido, uma vez que a fábrica de processamento será instalada em Morrua”, afirma o edil de Angoche.

ALERTAR

A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440

WhatsApp: 84 399 8634

@Verdade
O Jornal mais lido em Moçambique

Cidadania

f **goste de nós no**
facebook.com/JornalVerdade

Jornal @Verdade

Rosália Romão é empregada do Hospital Central de Maputo, na área da lavandaria, há quatro anos, nunca foi promovida e o seu vencimento é de 2.500 meticais. Já submeteu documentos a pedir uma progressão na carreira mas até o presente não obteve nenhuma resposta.



Zeferine Mupinga Bila Júnior Muito mau. 2500, é dinheiro de lanche do dia para filho de um governante. **Gosto** · 9 · há 14 horas

Jeremias Dirizane Domingues são de vocês k prometem século e século mais nunca cumpre... agora voto quem faz primeiro. meu voto é caro... talvez falcificarem... isso sim... **Gosto** · 3 · há 13 horas

Luisa Nely Chirindza A verdade n'osso país é k quem faz trabalhos de risco recebe miséria e o xk não é arcondicionado recebem milhões. **Gosto** · 3 · há 13 horas

Eduardo Naftal A guenta este mês e val mas vender Tomates e Batatas em casa ou no Mercado senhora. **Gosto** · 3 · há 13 horas

Jeremias Dirizane 2800-500 chapa-rancho-estudo dos filhos-escolinha de criança-etc....=dividas **Gosto** · 1 · há 13 horas

Lucy Nyaka Tsc... é triste, esse trabalho deve ser valorizado. não é fácil o q a enfermeira faz, se calhar o salário nem chega para as despesas da casa dela, e acorda de madrugada para ir trabalhar. e não é promovida já está a 4 anos e nem valorizada. não é justo! **Gosto** · 1 · há 13 horas

Lucia Leopoldina Afonso Cuambe sinceramente isso é uma miséria. 2500 o que é isso pa. olha isso é triste de verdade eu até aceito que seja primeiro salário de um ano mas 4 anos e um absurdo. isso quer dizer k essa pessoa pode reformar com 2500? esses gajos são a nos xamar e burros pa. e são e por isso que eles dizem k moçambicanos são pacíficos. porque não reclamamos. esses gajos recebem 80 paus numa sentença olha 80/2500. sem contar com extras deles. e uma lastima ler essa verdade · há 12 horas

Ibraimo Abdul É lamentável a situação. 2.500mt não chega nem para um trabalhador solteiro, muito mais para um chefe de família. Até quando essa discriminação meus pais... **Gosto** · há 10 horas

Manuela Rocha Acho bem fazerem greves porque é a única maneira que um trabalhador tem para se manifestar, mas cuidado com esse governo é complicado!

deve haver um programa hospitalar com o intuito de separar roupa contaminada, instrumentos cortantes, e um curso de formação a todos os funcionários do hospital sobre os riscos que todos os funcionários hospitalares correm ao trabalhar dentro dessa instituição, não é preciso muito dinheiro para melhorar, é preciso ensinar e educar. Quanto aos ordenados, experimentem pôr um ministro qualquer a fazer o vosso trabalho com o vosso ordenado se ele conseguia viver é uma vergonha como é que há ordenados tão baixos com um nível de vida tão alto **Gosto** · 1 · há 12 horas

Thomas Chirindza Devia-se profissionalizar mais este w no sentido de se ter todas as medidas inerentes a higiene e segurança no trabalho. **Gosto** · 1 · há 13 horas

Hilario Tomas Infelizmente é uma situação triste e lamentável. O caso dessa senhora não é o único e nem isolado, existem muitos casos desses que, na minha opinião, a culpa não é necessariamente do governo, mas sim, do pessoal administrativo, recursos humanos, chefes de repartições, etc. **Gosto** · 1 · há 13 horas

Benita Mazive Isso é triste, como é k pode, já passamos da fase da escravatura, isso não dá sustento **Gosto** · 1 · há 13 horas

Lucho Madival É lamentável né as babás dos netos recebem 2.500. **Gosto** · há 2 horas

Rachide Abdul Jaime Suluba Mana xt é muito pouco mas pelo menos ocupada xta ao invés d'xtar xposta ao mercado 24 d'julho. Força aí já k a Frelimo tá p' dxar o poder talvez algo possa mudar. Quem sabem. **Gosto** · há 2 horas

Neto Saete Isto é fomentado ladroagem, corrupção, insensatez, (...) **Gosto** · há 3 horas

Victor Paulo Arroz 25kg=600, óleo 5litros=330, cebola 10kg=250, xapa + ou- 400 sem contar com ligações, água e luz? Dividas, xtição de família, dizimo, escola dos filhos....Hiiiiii · há 4 horas

Mack P. Malombão tw vale a pena e xer tenho emprego · há 5 horas

f **goste de nós no**
facebook.com/JornalVerdade

Jornal @Verdade

SELO: A Longa Luta dos Médicos e outros profissionais de saúde em Moçambique: de Génese a Apocalipse, escrito por AMM (...) A título de exemplo em 2012 - o médico moçambicano em início de carreira - auferia um salário base de 15.531MT e líquido de ± 24000 MT, e um servente no Banco de Moçambique recebia entre 20.000 a 30.000 MT, um motorista entre 20.000 a 50.000 MT e um comissário geral tributário/aduaneiro, um salário base 47.453 MT, muitos deles com emolumentos de 100% e regalias como casa e viatura de serviço, combustível, despesas caseiras e outras.

Joao Machel Essa maldita frelimo juro k so tera o meu voto roubando-o tal como fez nas outras vezes **Gosto** · 5 · Ontem às 19:30

Chivale Chivale e o professor quanto é que recebe? porque para que haja médico, juiz, etc. etc... é preciso que tenham passados pelas mãos do professor... **Gosto** · 5 · Ontem às 18:57

Beto Matsombe O polícia se parar de trabalhar, se fizer greve, se não existir, o Professor seria incapaz de ensinar livremente ao médico e ao agente tributário, mas sabem qual é o salário líquido do comandante KHALAU? Muito menos que de um gestor de um posto tributário. Juizes são bem pagos não sabem para ou e porque? E o militar, onde vai parar. 7 ou 9 milhões distribuídos em vão. Os agentes da saúde, educação, defesa e segurança-MISÉRIA. MOZ-mataram MONDLANE, SIMANGO, MACHEL, MABOTE para isto! **Gosto** · 4 · Ontem às 19:12

Joaquim Julio Finiosse Os profssres estão d greve a bastant tempo pra cmprovar pergunta teu filho, sobrinho, neto, irmão ou vizinho k xta na 10ª classe sabe ler e escrever???? Sinónimo k os prfssionais da educação reivindicam quem entendem vai entendendo. **Gosto** · 3 · Ontem às 21:07

Muzila Eduardo Chume Não só a favor dessas comparações mas estou em plena concordância em relação a reivindicação dos médicos. Trabalham tanto e correm vários riscos e recebem um salário que não os dignifica. Podemos morrer mas se for uma causa justa, assim seja. Força associação médica... **Gosto** · 3 · Ontem às 18:57

Zico Machabane não tenho orgulho d' ser moçambicano. podem roubar meu voto, mas tenho fê k frelimo um dia vai cair. **Gosto** · 2 · Ontem às 21:57

Mateus Francisco Navaia Num mesmo país, todos nós somos moçambicanos, porquê tanta discriminação? Só para a Saúde, Educação, polícias incluindo agricultura, para estes sectores não existem dinheiro p/salário terem salários condignos, são os k carregam toda a pobreza do

país, pk? **Gosto** · 2 · Ontem às 19:27

Etelvino Azevedo Meus irmãos quem ama o dinheiro jamais terá o suficiente, quem ama as riquezas já mais ficará satisfeito com seus rendimentos esse governo troca as vidas humanas pelo dinheiro assim o PR está na china a cuidar dos negócios. MOZ já acabou ishi... **Gosto** · 1 · há 17 horas

Remane Abudo a solução está com o governo, não há vontade política para solucionar-se o problema de baixos ordenados. A preocupação do governo é com os deputados, membros das assembleias provinciais, funcionários da autoridade tributária, banco d' moçambique, PCA's com os seus membros de conselhos da administração, magistrados judiciais e do ministério público. Enfim temos um Estado que se diz ser Soberano. Pena k esse Estado tem filhos e enteados. Será este o país de amarra aguenta? **Gosto** · 1 · Ontem às 22:14

Ge Carmen Samuge Agora entendo pq a educação tá como está é um absurdo de disparidades pq se temos todos o mesmo nível pq há diferenças entre sectores é o cúmulo. Agora como tem coragem de dizer q n' tem dinheiro se na mesma função pública conseguem pagar 47000, 30 tal a uns, so tem dinheiro para estes??? To mais disludida ainda. E espero q o pessoal da saúde n' abraque. To choocadaaa **Gosto** · 1 · Ontem às 20:11

Acacio Micuto vamos dar 1 basta na Frelimo irmãos... Ta demais **Gosto** · 1 · Ontem às 19:46

Valdimar Antonio Realmente a luta deve continuar, não só com médicos mas também com outras categorias profissionais. meus caros a luta deve continuar. vamos nos solidarizarmos com os médicos! **Gosto** · 1 · Ontem às 19:16

Mateus Gregorio Malunga seria bom se eu me formasse numa área em que tenho inclinação assim ajudaria a desenvolver o país, mas se pra auferir salários baixos prefiro não o fazer, escolhendo assim a profissão que me dará dinheiro suficiente para satisfazer as minhas necessidades. · há 8 horas

f **goste de nós no**
facebook.com/JornalVerdade

Jornal @Verdade

"Fui atacada de forma desumana e arrastada para a rua como se fosse um objecto inútil. Largaram-me sem nenhuma preocupação em relação à minha pessoa nem em levar-me ao médico. Por volta das 23 horas do mesmo sábado, decidi quebrar o silêncio e dirigi-me ao Posto Policial de Malhazine, sito a poucos metros da nossa casa, para fazer uma denúncia. Quando cheguei ao local apenas recebi dois documentos, um para o Centro de Saúde do Bagamoyo e outro para o Gabinete de Atendimento à Mulher e Criança Vítimas de Violência Doméstica.



Paula Do Rosario Desde o momento que ela diz, quebrar o silêncio, quer dizer que não foi a primeira vez e nem foi alguém das ruas. Lapson, acho que não perdes nada em ser um pouco solidário com os outros, e o facto de levar porrada, não tem nada a ver com escola, mas sim com o carácter da pessoa que bate. **Gosto** · 4 · Segunda-feira às 11:16

Mabuza Mabuzinha Lucy Luciano Phelombe, tens q te inteirar mais sobre a matéria relacionada com antropologia e sociologia antes d' fazers comentários absurdos. Exodo rural, procure saber sobre a sua origem veras q teus progenitores nem aximilados eram qnd o colono ca estava **Gosto** · 3 · Segunda-feira às 13:35

Mery Jose Madisse Johnson não deverias ter a fazer esse comentário, o mundo dá voltas e antes de mais nada procura perceber do que se trata e quem agrediu a jovem em causa....porque hoje é ela, amanhã é tua filha, irmã ou sobrinha....pense bem antes de julgar os outros... **Gosto** · 3 · Segunda-feira às 11:23

Helmiro Nuvunga Essa informação está vazia, não diz o que efectivamente aconteceu, se é para informar informem bem. **Gosto** · 3 · Segunda-feira às 11:05

José Amor Mudjadju Tovele Eu ainda quero saber afinal quem é que tem agredido? Não foste aonde os polícias te disseram porquê? Agora estas a nos nhenhentsar porquê? Queres o quê concretamente? Seja clara ainda que há gente a condenar uma coisa sem nexo. Eu não tou a perceber porque é que as pessoas estão aqui a falar, condenando etc neste portes pois nada está claro aqui, tem que ser uma explanação com cabeça tronco e membros, o que aconteceu? E não foste aos locais indicados pela polícia porquê? Culpada? **Gosto** · 1 · Segunda-feira às 11:22

Paulucha Paulety Hy exe tipo d' homem n' merexe xtar solto max xim na cadeia é muito triste e feio e ax pexoax k xta a gozar dela **Gosto** · 2 · Segunda-feira às 11:40

Joao David Chinguvo informacoes do genero não se pode resumir, exclarea bem pra sabermos dar uma observação melhor e ate ajudar te em caminhala. **Gosto** · 2 · Segunda-feira às 11:27

Lapson Lucky Aprendam a xcolher maridos certos ta **Gosto** · 2 · Segunda-feira às 10:55

Helder Altenor Canze cmo equi se escolhe marido ou mulher certa meu irmão falhaste **Gosto** · 4 · Segunda-feira às 11:00

Lucy Luciano Phelombe os constantes exodos rurais são os principais causadores dixo **Gosto** · Segunda-feira às 12:14

Issufo Abibo Momade por favor mulher aprendam a respeitar e não retorquir quand xtiver a ti reprender pork s' axim não acontecer a porada nunca vai acabar não tams em brasil, isto é Moçambique **Gosto** · 1 · Segunda-feira às 11:33

Celestino Chemeliua A violência para algumas sociedades é simmolo de Love. Nos que não Pensamos assim tamos tramados. **Gosto** · 2 · Segunda-feira às 11:02

Gabriel Adelina Pangananhe Samson independentemente diii ninguém merece torturas não lhe quer, deixe lhe em paz. pense bem eadecida plo seu bm! · há 18 horas

Manucha Santos Pork e k amaiores dos homens gostam d' brincar cm osentimento das mulheres? Eu n' entendo sabe. To sem sono. · há 23 horas

Jabento Quetxoia Ela so quer comentarios pois o que ela escreveu não tem nexo. Vejo somente o jornal a verdade e a fotografia e axo k ela está a mostrar nos a matrícula k ela não tem. O k aconteceu? Quem foi? Porquê? Em que ocasião? Foste onde te indicaram? O k tinha na sua casa para festejarem? Kebras o silêncio de k? Foi um cao k mordeu te? Seja explicada para ver se te ajudamos caso seja necessario.... · Segunda-feira às 20:05

Cidadania

Selo d'@Verdade

Porque é tão difícil convencer os médicos de que não há dinheiro...

Acho que todos nós podemos viver com pouco, com menos. É difícil mas, cedo ou tarde, ajustamo-nos e conseguimos manter-nos vivos. Os médicos não são a excepção, eles podem continuar a trabalhar, mas não se calam. E a cada dia que passa, embora reconhecendo o prejuízo social da greve, muitas pessoas são solidárias com a classe médica. Chegou a hora de dizer basta!

No tempo de Machel, apesar das limitações de liberdades, o carisma e o respeito dos dirigentes levava o povo a aceitar trabalhar, mesmo no meio de tantas dificuldades. Faltava para o povo, faltava também para o dirigente, sacrificávamo-nos todos. Isso não acontece hoje!

O que revolta a sociedade não é a falta de recursos que o Governo, os combatentes da pobreza e outros *culambistas* têm alegado em várias intervenções. O que revolta esta sociedade é a injustiça social, a má alocação de recursos disponíveis, a impunidade e a cumplicidade declarada da Frelimo com quem rouba o que devia ser de todos.

O salário mínimo do trabalhador moçambicano recentemente aprovado não tomou em conta as necessidades da classe trabalhadora, ninguém comparou o salário mínimo de Moçambique com o salário mínimo da classe trabalhadora de outros países. O argumento é de que o país ainda não produz o suficiente para que se possa pagar salários que cubram as necessidades do trabalhador.

A fraca produtividade é pretexto para não melhorar as condições de vida do pobre, do enfermeiro, do professor, do camponês, do operário, e até do *cinzentinho* (nome atribuído aos agentes da Polícia de Protecção) que oprime os seus irmãos famintos quando se levantam contra o Governo de esbanjadores. Mas quando o assunto é discutir benefícios dos deputados e outros titulares de cargos públicos, ah aí... é preciso ir ao encontro das necessidades deles.

Eles não têm preguiça de se comparar com deputados e dirigentes de outros países. Há um peso e uma medida para o pobre e outro peso e outra medida para o governante. Os deputados, ministros e outros abutres que comem a carne do povo esquecem-se de que o país não produz o suficiente e usam o argumento de que é preciso criar condições dignas para se poder trabalhar correctamente. Então governantes com boas condições de trabalho estarão mais capacitados para melhorar as condições de vida do povo!

Nunca a Frelimo veio dizer que não vai participar nas eleições porque o povo não está a produzir o suficiente. Meus irmãos, as coisas estão como eles querem! Até hoje a estrutura orgânica das empresas e institutos públicos dá vastíssimos poderes de decisão aos seus gestores. Eles podem decidir numa simples

reunião comprar casas, carros de luxo, atribuir-se bónus, férias e reformas condignas, ofertas e presentes valiosos a camaradas influentes, tudo com a *mola* do povo. As empresas, os fundos e os institutos públicos são uma verdadeira anarquia. Há ali muito dinheiro que é esbanjado de um modo que não condiz com a alegada baixa produtividade do país.

O INSS levou uma cabeçada de mais de um milhão de dólares na compra de uma casa condigna para um PCA não executivo. Não executivo! Ou seja, um camarada que vai lá de vez em quando, que não faz nada! Não houve casa nenhuma, a *mola* foi-se, ninguém foi responsabilizado, ninguém foi preso, demitido, movimentado, enfim, não aconteceu nada! Ainda que não tivesse sido burlado o Estado, como é que um país com problemas de produtividade consegue ter recursos para dar uma vida arregalada a alguns camaradas nestes moldes? É falta de recursos ou má alocação de recursos?

Um governo que se coaduna com toda esta podridão institucional não tem respeito nem interesse em proteger a coisa pública. Custa-me acreditar, mas o regime da Frelimo é pior que o colonial em muitos aspectos.

O PCA dos Aeroportos de Moçambique, que quase levou a empresa à falência em poucos anos de poder, deixou transparecer no julgamento que os esbanjamentos eram uma prática comum nas empresas e institutos públicos. A diferença é que alguns casos caem na imprensa e outros não! Que o diga Hipólito Hamele, um economista a quem se dava ouvidos até ter uma curta passagem de triste memória pela presidência do conselho de administração do IGPE.

Os quadros da Frelimo a todos os níveis só esperam a sua oportunidade para pôr a mão no saco do tesouro público. A bagunça institucional, a falta de referências e reserva moral no Governo da Frelimo propicia esta prostituição administrativa e financeira das instituições do Estado.

Nestas empresas, institutos e fundos públicos, meios do Estado têm servido os interesses da classe dirigente. Técnicos ficam sem carros para trabalhar porque as viaturas servem a família dos chefes. As esposas, as concubinas, os filhos, cunhados e até compadres dos dirigentes facilmente podem ter senhas de combustível. É de borla, se é do Estado é de todos e não é de ninguém! Meus irmãos, isso dói a quem trabalha honestamente.

Quantas vezes as desavenças internas da Frelimo custaram ao povo moçambicano milhões e milhões de meticais em eleições intercalares. Olha que nem foi preciso ir à Assembleia da República para rever a Lei do Orçamento do Estado, a Frelimo decidiu, o edil saiu do poder, inventa uma desculpa absurda e no fim o povo paga a factura de eleições intercalares, sempre há dinheiro

para os caprichos dos camaradas, não é senhor Manuel Chang?

E a Assembleia que não fica atrás. São duzentos e cinquenta deputados (incluindo os dorminhocos) que encham a sala para defender unanimidades, ideias de grupo e não colocar pontos de vista individuais que melhorem as condições de vida dos seus concidadãos! Cada um deles ganhou uma 4X4 zero quilómetros, comprada no agente a um custo não inferior a um milhão de meticais. Esta Assembleia possui uma Comissão Permanente, cujos membros, para além destas 4X4, têm direito a um carro executivo *zerinho*. Ah, e a Presidente da Assembleia tem direito a um Mercedes Benz blindado... condigno, que custa cerca de 500 mil dólares. Não importa a produtividade do país.

O que dizer das casas condignas do Estado? A nomenclatura já se apropriou de quase todas as casas protocolares, a APIE quase já não dispõe de casas para os dirigentes que a elas têm direito. O povo que arrende casas para os seus dirigentes, olha que a nomenclatura tem muitas, a preços bem exorbitantes, que comprou a preços de banana à APIE enquanto o povo dormia!

O camarada Mulémbwê agarrou-se ao palácio como um cão raioso se agarra a um osso sujo recusando-se a entregá-la à nova Presidente da Assembleia. O ilustre entendia que não era uma casa para o titular do cargo, mas sim um presente do maravilhoso povo à família Mulémbwê. Era preciso construir um novo palácio condigno, não importa o custo. Caso não, que a mamã Verónica ficasse na sua casa. É mais fácil nunca ter provado uma casa condigna, do que ter que a abandonar um dia.

Moçambicanos

Vocês esqueceram-se da população de antigos dirigentes que está no Ministério da Administração Estatal. Há lá um cemitério de quadros, com salário vitalício condigno, e tu é que pagas os seus salário heim???!!!! Para um dirigente da Frelimo que sai do poder é vergonhoso voltar a ser gente, a solução é esconder-se lá no Ministério da Administração Estatal, no Gabinete de Estudos. Bem que podia ser "Gabinete dos Ex" – Ex-ministros, ex-deputado, ex-governador, ex-.... E o povo paga bem! Para que todas estas pessoas possam viver arregaladamente, alguém é obrigado a apertar o cinto, até não haver espaço para furo algum! Os médicos já se cansaram disso. Quem serão os próximos? Os professores? Os polícias? Os eleitores? Quem? Eu também já me cansei. Eu e outros apóstolos da desgraça, que servimos agendas externas segundo o Rei Pato e os *culambistas* nos acusam.

Tenho dito. Até o dia das eleições!

Anónimo

Ban Ki-moon: O outro exemplo de ignorância na perspectiva do Presidente Guebuza

Em primeiro lugar saudar aos meus admirados amigos do jornal @Verdade, pelo trabalho árduo que têm feito para informar o povo moçambicano.

Quero nesta linha de imparcialidade partilhar a minha opinião em torno do pronunciamento do Presidente da Republica de Moçambique, o Senhor Armando Emilio Guebuza, quando num encontro com um grupo de 23 dos 220 estudantes moçambicanos residentes em Shangai, China, disse que um dos grandes problemas que retardava a luta contra a pobreza em Moçambique era o facto de o país ainda não dispor de muitas pessoas com formação escolar à altura dos desafios de momento, o que faz com que haja ainda muitas pessoas que interpretam tudo à imagem e semelhança da sua ignorância. Guebuza pronunciou-se nestes termos quando criticava aqueles que apontam a simples descoberta de reservas naturais de carvão e gás como suficiente para que todos desfrutem dessas riquezas. (fonte STV)

Esta é a razão que despertou em mim uma curiosidade, como um sujeito moral dotado de consciência e de razão, para reflectir e procurar saber quem são as pessoas que fazem estas interpretações. Não tardou e descobri há bem pouco tempo que uma das pessoas que têm feito interpretação do género era o Secretário-Geral das Nações Unidas, o Senhor Ban Ki-moon, quando esteve de visita ao nosso país.

Facto curioso é que este senhor não é moçambicano, é sul-coreano, ou seja, é da Coreia do Sul, um país que daqui a três anos poderá ser a maior potência económica do mundo, creio que no país dele as pessoas não são ignorantes porque dispõem de formação escolar à altura dos desafios de momento, o que se justifica pelo desenvolvimento que regista, diferente de Moçambique, que dispõe de pessoas que na ideia do Presidente Guebuza são ignorantes e retardam o combate à pobreza absoluta.

O que me admira é o SG Ban Ki-moon partilhar as mesmas ideias com aqueles que o Presidente Guebuza chama de ignorantes. Ban Ki-moon disse, numa das suas abordagens no encontro que teve com os representantes do povo moçambicano, que o país regista avanços em vários aspectos, contudo, ele chama a atenção para a necessidade de o desenvolvimento humano ser acompanhado pelo económico à medida das descobertas dos recursos minerais. Aí está outro pensamento que pode não ter agradado o pai da nação moçambicana.

Na minha opinião, o Presidente Guebuza está proibido de se zangar quando aparecem pessoas a interpretar o facto de estarem a ser descobertos recursos minerais como suficiente para que todos desfrutem dessas riquezas. O que ele deve fazer é aproximar-se dessas pessoas, pedir uma aprendizagem sobre como proceder

para que a riqueza seja desfrutada por todo o povo moçambicano. Deste modo, ele receberá saudações especiais (continência) dos seus gloriosos filhos que estão espalhados de Rovuma ao Maputo e do Zumbu ao Índico.

Se o problema for o de falta de educação como já descobriu, o melhor que o senhor Presidente deve fazer é mandar o seu povo para onde há condições de formação para responder aos desafios de momento, um exemplo que foi deixado pelo presidente Samora, quando levava muitos filhos de pobres para serem formados na Rússia, Alemanha, em Cuba, etc., com o objectivo de responder às exigências do seu Governo.

Para terminar, quero pedir ao pai da nação moçambicana para evitar chamar o seu povo de ignorante e procurar responder aos problemas do seu Governo para que Moçambique seja um exemplo de consolidação da paz e democracia em África, com vista à materialização dos objectivos de desenvolvimento do milénio.

"Todos os cidadãos têm direito do exercício da liberdade de expressão, que compreende, nomeadamente, a faculdade de divulgar o próprio pensamento por todos os meios legais, e o exercício do direito à informação não podem ser limitados por censura". (número 02 do artigo 48 da Constituição da República de Moçambique)

Por: Júlio Daniel

Diplomacia custou 1.3 bilião de randes à África do Sul

A África do Sul gastou cerca de 1.3 bilião de randes no exercício das suas actividades diplomáticas nos últimos três anos, principalmente no que toca à sua participação em organismos multilaterais, tornando-se, assim, um dos grandes contribuintes da União Africana (UA) e da Comunidade de Desenvolvimento da África Austral (SADC).

Texto: Milton Maluleque • Foto: Reuters

Em 2011, o país desembolsou perto de 312 milhões de randes à União Africana (cerca de 15 por cento do seu orçamento), 328 milhões em 2012 e espera alocar mais 183 milhões este ano.

Como pouco impacto nas Nações Unidas, se comparado com os países ocidentais, a África do Sul disponibiliza cerca de 0.385% do orçamento da organização dirigida por Ban ki-Moon. Em 2011 a sua contribuição esteve na ordem dos 81 milhões de randes, tendo o mesmo valor diminuído para 79 milhões. Este ano, desembolsou 94 milhões, tornando-se, deste modo, o maior contribuinte do continente.

Quanto à SADC, o país contribuiu com cerca de 20% dos 70 milhões para o ano financeiro 2012-2013, e espera ajudar a organização a alcançar da meta dos 138 milhões de randes estipulados para o exercício 2013-14.

Segundo a ministra sul-africana dos Negócios Estrangeiros e Cooperação, Maite Nkoana-Mashabane, que discursava no dia da votação do orçamento da SADC no Parlamento sul-africano, na semana passada, o país pretende fazer parte da iniciativa de promoção do multilateralismo.

Promoção dos seus interesses

Nkoana-Mashabane afirmou que a África do Sul optou pelo uso da sua qualidade de membro nos fóruns internacionais “para a promoção dos interesses da nação e para a implementação da agenda africana”.

De acordo com a titular da pasta da diplomacia, a eleição da África do Sul para um assento na Comissão da Paz da ONU, depois do país ter sido eleito para o Conselho de Segurança da organização, “foi um testemunho do compromisso contínuo para a paz e segurança global”.

Para a África do Sul, antes acusada de usar o seu poderio financeiro e económico para atingir lugares cimeiros nas organizações multilaterais, certas acções culminaram com a estabilização do seu impacto no continente.

O Governo de Zuma gastou cerca de 126 milhões de randes no financiamento das eleições gerais de 2011 na República Democrática do Congo. Segundo o relatório em torno dos investimentos a nível do globo, apresentado na Conferência das Nações Unidas para o Desenvolvimento e Comércio, o país é tido como aquele que está a fazer um largo e desenvolvido investimento directo em África.

A voz africana

A África do Sul tem como objectivo tornar-se a nação que, através da sua participação nas diferentes organizações internacionais, fala em “voz alta” acerca dos problemas que atormentam o continente.

“No G20 (o primeiro fórum internacional para a cooperação nos diversos problemas-chave da agenda global da economia e das finanças), para as reformas na arquitectura financeira internacional e nas instituições da Bretton Woods, devemos intensificar a nossa advocacia e diplomacia para a transformação do sistema de gover-



nação global. A expansão do Conselho de Segurança da ONU, nas categorias de permanentes e não permanentes deve ser a nossa prioridade”, referiu.

Refira-se que o continente africano luta por dois assentos no Conselho de Se-

gurança da ONU, tendo como candidatos favoritos a Nigéria e a África do Sul. Uma das grandes prioridades diplomáticas do Governo de Zuma no presente ano é prestar a sua assistência ao Zimbabwe para a realização de eleições credíveis e justas, tomando em consideração a sua mediação, em representação da SADC.

Reacção da oposição parlamentar

O porta-voz das relações internacionais junto da Aliança Democrática (DA), a maior força da oposição da África do Sul, Ian Davidson, afirmou que durante os 14 anos que se encontra no Parlamento, o relatório apresentado por Nkoana-Mashabane foi convincente e que o seu ministério merece a sua confiança.

Publicidade

Cursos

Moçambique

Sistema de Gestão de Qualidade: Normas ISO 9001:2008 e Ferramentas Gestão da Qualidade

Com o objectivo de capacitar os profissionais da área de Qualidade a interpretar e implementar os requisitos da norma NM ISO 9001:2008, a **KPMG Auditores e Consultores, SA** em parceria com a **CFQ-Consultoria Formação e Qualidade**, promoverá, nas suas instalações, durante 5 dias de **01 a 05 de Julho de 2013**, um **Curso de Formação em “Sistema de Gestão de Qualidade: Normas ISO 9001:2008 e Ferramentas Gestão da Qualidade”**.

Esta formação é destinada aos Gestores da Qualidade, Gestores de Sistemas Integrados (Qualidade, Ambiente e Segurança), Técnicos da Qualidade do sector público e privado, Auditores internos de Sistemas de Gestão de Qualidade, Consultores na área de Gestão da Qualidade e profissionais envolvidos na Implementação de Sistemas de Gestão da Qualidade.

O curso será administrado por profissionais da **KPMG Auditores e Consultores, SA** em parceria com a **CFQ-Auditores e Consultores, SA** com vasta experiência em Implementação de Sistemas de Gestão da Qualidade, Auditoria interna de Qualidade, Reengenharia de Processos de Negócio e em Desenvolvimento Organizacional no geral.

O custo por participante é de **38.000,00MT (incluindo IVA)**, valor que inclui os 5 dias de formação, todo o material de apoio ao curso, certificado e os serviços logísticos a serem disponibilizados aos participantes. As inscrições devem ser efectuadas, até o dia **27 de Junho de 2013**, no endereço abaixo:

KPMG Auditores e Consultores
 Rua 1.233, n° 72C, Edifício Hollard, Maputo
 Tel: +258 21 355 200 | Fax: +258 21 313 358
 O conteúdo da formação e eventuais dúvidas podem ser esclarecidos junto de Sandra Nhachale pelo e-mail snhachale@kpmg.com ou Cláudia Tivane pelo e-mail: ctivane@kpmg.com.

© 2013 KPMG Auditores e Consultores. The information contained herein is of a general nature and is not intended to address the circumstances of any particular individual or entity. Although we endeavour to provide accurate and timely information, there can be no guarantee that such information is accurate as of the date it is received or that it will continue to be accurate in the future. No one should act on such information without appropriate professional advice after a thorough examination of the particular situation.

Na Turquia protesto contra a demolição de um parque transformou-se num grito contra o regime

Os protestos duram há uma semana, mas explodiram nos últimos três dias em Istambul, na Turquia. São os maiores dos últimos anos e já alastraram a outras cidades. O que começou como uma manifestação para impedir a demolição de um jardim para construir um centro comercial transformou-se numa luta contra o Governo.

Texto: Redacção/Agências • Foto: LUSA

Os protestos iniciais, que diziam respeito à destruição de um jardim, “eram justos e legítimos”, afirmou o Vice-Primeiro-Ministro, Bulent Arinc, na terça-feira (4) em Ancara. Entretanto, durante a madrugada, um jovem de 22 anos morreu no hospital depois de ter sido ferido por uma bala, durante uma manifestação em Antakya, no sul da Turquia, anunciou a televisão privada NTV. É o segundo morto nestes protestos.

“Apresento as minhas desculpas a todos os que foram vítimas de violência porque são sensíveis à defesa do ambiente”, disse Bulent Arinc, após uma reunião com o Presidente Abdullah Gül, na ausência do Primeiro-Ministro Recep Tayyip Erdogan, que está a fazer uma visita a vários países do Norte de África. “O que fez derrapar as coisas foi a utilização de gás lacrimogénico pelas forças de segurança, por uma razão ou por outra, contra pessoas que tinham exigências que inicialmente eram legítimas”, disse Arinc, citado pela AFP. Mas logo contrapôs: “não penso que tenhamos de pedir desculpa aos que criaram a destruição da propriedade pública nas ruas e que tentam impedir a liberdade das pessoas nas ruas”.

Mais de 3000 pessoas ficaram feridas nos confrontos com a Polícia nas manifestações em Istambul, Ancara e dezenas de outras cidades turcas, segundo a associação de médicos da Turquia. E 26 dos feridos estavam em situação crítica. A fúria das pessoas que participam nas manifestações dirige-se a Erdogan, o líder do Partido da Justiça e do Desenvolvimento, no poder desde 2002, e a grande figura que tem dominado a cena política turca.

Abdullah Comert foi a segunda vítima mortal nas manifestações iniciadas na semana passada contra o Governo do Partido da Justiça e Desenvolvimento (AKP). A Polícia anunciou a abertura de um inquérito.

“Abdullah Comert foi gravemente ferido (...) por disparos de uma pessoa não identificada”, indicava, na segunda-feira, um comunicado do governo da província de Hatay, perto da fronteira com a Síria. O jovem morreu pouco depois no hospital. Notícias subseqüentes dão conta dos resultados preliminares da autópsia, que



dizem que terá sido atingido na cabeça por uma lata de gás lacrimogénico.

Um deputado da principal força política da oposição, o Partido Republicano do Povo, citado pela NTV, disse que Abdullah Comert era membro da organização juvenil do partido.

Uma das principais confederações sindicais turcas apelou, entretanto, a uma greve de dois dias, a partir desta terça-feira, para denunciar o “terror” do Estado contra as pessoas que saíram à rua para protestar, contestando as políticas de islamização do Governo do Primeiro-Ministro Recep Tayyip Erdogan. A KESK, confederação de sindicatos do sector público, de esquerda, representa 240 mil filiados de 11 sindicatos.

Na segunda-feira tinha sido anunciada uma primeira vítima mortal: uma pessoa atropelada numa auto-estrada perto de Istambul por onde caminhavam manifestantes, segundo a associação dos médicos turcos. A Reuters noticiou que o condutor do automóvel se lançou contra os manifestantes, e o El País diz que se tratou de um despiste de um taxista devido à presença de pessoas na via de circulação rápida.

De segunda para terça-feira, pela quarta noite consecutiva, os incidentes voltaram. Em Ancara e Istambul, segundo a agência AFP, a Polícia lançou gás lacrimogénico contra centenas de manifestantes que, nas duas cidades, lançaram pedras contra os agentes, noticiou a televisão CNN-Türk.

Em Istambul, onde milhares de manifestantes se voltaram a concentrar na Praça Taksim, gás lacrimogénico foi usado pelos polícias para desalojar cerca de meio milhão de manifestantes que ergueram barricadas e fizeram fogueiras no bairro Gümüssuyu. Os agentes também dispersaram manifestantes perto do gabinete de Erdogan, em Besiktas. Em Ancara, no bairro Kavaklidere, foram também usadas balas de borracha.

A situação nas ruas está a cavar um fosso entre o Presidente da Turquia, Abdullah Gül, e o Primeiro-Ministro, Recep Tayyip Erdogan. “A democracia não são só eleições”, afirmou Gül, em Ancara. “Não há nada mais natural do que a expressão de várias visões e objecções de

diferentes maneiras, para além da via eleitoral”.

Os protestos na Turquia entraram já na segunda semana. O motivo imediato desta onda de indignação popular foi o anúncio de que o parque Gezi, junto à praça central de Taksim, em Istambul, seria destruído para ser reconstruída uma caserna militar otomana com um centro comercial no interior – foi este o motivo “legítimo de protesto” reconhecido pelo Vice-Primeiro-Ministro.

Mas este foi apenas o gatilho que fez disparar a fúria contra as políticas conservadoras e islamizantes do Governo e o ímpeto de lançamento de projectos faraónicos em Istambul.

É que a este descontentamento não é alheia a política de Erdogan e algumas regras que o Governo aprovou nas últimas semanas e que, segundo os observadores, têm como finalidade islamizar a sociedade turca. Recep Erdogan, líder do AKP, é um conservador. O partido é de inspiração islâmica e está no poder há dez anos. Tem imposto uma visão moralista da sociedade que, apesar de maioritariamente muçulmana, é laica.

Recentemente, foi limitada a venda de álcool, assim como a publicidade a este produto. E numa estação de metro de Ancara foi transmitido um aviso sonoro dizendo a um grupo de adolescentes que lá se encontrava que os beijos em público são proibidos. As hospedeiras da Turkish Airlines foram proibidas de usar saias demasiado curtas e justas e batom vermelho – a revista Foreign Policy fala de uma vaga de neo-otomanismo na Turquia, de que faz parte um plano de construção de edifícios de grande envergadura.

Tchane Okuyan sai todas as noites para fotografar a revolta em Istambul

Tchane saiu segunda-feira à noite para as ruas de Istambul. Queriria protestar, gritar, aplaudir e fotografar. Mas foi difícil: “Tentei tirar mais fotos mas foi impossível, não conseguia ver dois metros à minha frente por causa do gás”. No céu, helicópteros lançavam gás lacrimogénico. Cá em baixo, faziam-se barricadas, fogueiras, atiravam-se pedras, grafitavam-se paredes e autocarros.

Tchane Okuyan tem 23 anos. Sai quase todas as noites para as ruas da cidade turca. Além de designer gráfico da FOX International e da National Geographic em Istambul, é também fotógrafo, captando sobretudo a vida nocturna no seu projecto pessoal: as festas e festivais, e os excessos de uma cidade que é descrita como a “nova Berlim”.

Há dois anos mudou-se com a namorada para Istambul. Viviam em Paris, onde nasceram, filhos de pais emigrantes. Ela de portugueses, ele de turcos. Foram à procura das oportunidades que a vibração da cidade trazia: “Aqui não tens de ter dois ou três anos de experiência para começares a trabalhar, e se mostrares motivação podes chegar longe na carreira. Além disso, Istambul é uma cidade muito jovem, 70% da população tem menos de 28 anos, por isso é um movimento constante”, revela.

Tchane diz que as pessoas estão no limite. “Os cidadãos turcos estão fartos há muito tempo da política do Primeiro-Ministro”. O rastilho que incendiou o descontentamento chama-se Parque Gezi. “Primeiro o protesto era sobre o Parque Gezi, que querem destruir para construir um enorme centro comercial, igual a tantos outros que já existem em Istambul”, explica Tchane. A Polícia dispersou os manifestantes que pacificamente se instalaram no parque, a poucos metros da Praça Taksim, com gás lacrimogénico e canhões de água. Os milhares que não estavam no parque apareceram. E têm saído à rua nos últimos cinco dias. “Os nossos protestos pacíficos fazem parte da expressão democrática. Mas a reacção da Polícia mostrou-nos que aqui já não há democracia. E agora já não é apenas em Taksim, mas em todas as pequenas e grandes cidades do país que as pessoas estão a demonstrar o seu descontentamento”, afirma.

Os milhares de turcos que se manifestam agora nas ruas, naqueles que são os maiores e mais violentos protestos da última década, reprovam as medidas do Primeiro-Ministro Recep Tayyip Erdogan que descrevem como sendo autoritárias e conservadoras. A oposição turca acusa o partido no poder, o Partido

da Justiça e do Desenvolvimento (AKP), de violar as liberdades individuais ao aprovar, no Parlamento, uma lei que limita o consumo de álcool, a sua venda e a publicidade a bebidas alcoólicas, que foi aprovada em nome da saúde dos cidadãos, e a oposição argumentou afirmando que os motivos são religiosos.

Para Tchane, a revolta popular está para além disso: “Não é só o consumo de álcool, ele está a tentar limitar liberdades fundamentais”. Por estes dias, activistas do movimento “Occupy Gezi” denunciam a censura nos meios de comunicação social, acusando as televisões, por exemplo, de não mostrarem os protestos e a violência policial. O Primeiro-Ministro atribui as manifestações a grupos extremistas e culpa as redes sociais. Tchane não sabe bem o que imaginar para o fim desta história. “Espero que o Governo entenda a diferença entre governo e religião. Não nos podem forçar a ser muçulmanos ou o contrário. Somos filhos de Atatürk (escritor, revolucionário e primeiro Presidente da República da Turquia) e este é um país republicano. Estou muito contente com o povo turco, por se unir e protestar em conjunto, mas temos de pedir à Polícia para parar. Mas, no final, acho que nada vai mudar.”

ENVOLVIDO

A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

✉ SMS: 90440

📞 WhatsApp: 84 399 8634



O Jornal mais lido em Moçambique.



SEJA RESPONSÁVEL, BEBA COM MODERAÇÃO.

BONS MOMENTOS DE FUTEBOL COM A 2M

Moçambola: Clube de Chibuto é o novo líder

O Clube de Chibuto assaltou a liderança do Campeonato Nacional de Futebol, o Moçambola-2013, após derrotar, em casa, o Vilankulo FC no passado domingo (02 de Junho) por 1 a 0. O Ferroviário de Maputo, que despediu Victor Urbano do seu comando técnico, averbou uma derrota diante do seu homónimo de Nampula por 1 a 0, o mesmo resultado obtido pelo Desportivo de Nacala na vitória diante do Costa do Sol em pleno “ninho do canário”.

Texto: David Nhassengo • Foto: Miguel Manguze

Diga-se, em abono da verdade, que foi uma jornada negra para todos os potenciais candidatos ao título que estiveram em campo neste fim-de-semana. O campeão nacional, Maxaquene, tombou na Beira diante da locomotiva daquela parcela do país por 2 a 0; Costa do Sol perdeu em casa diante do Desportivo de Nacala por 0 a 1; e o Ferroviário de Maputo “voou” até Nampula para somar mais uma derrota diante do seu homónimo da considerada capital do norte, pelo mesmo resultado mínimo.

Aliás, o desfecho desta jornada gerou um dado interessante na tabela classificativa: é que o pódio, neste momento, é ocupado por equipas de fora da cidade de Maputo ou, se pretendermos, por nenhuma das “tais” acérrimas candidatas ao título.

O Clube de Chibuto assaltou a liderança da competição com 20 pontos após derrotar o Vilankulo FC por 1 a 0, aproveitando-se do empate a um golo do HCB em Songo diante do Estrela Vermelha da Beira visto que, no sábado (01 de Junho), dia do arranque da jornada, o Maxaquene tropeçou diante dos vice-campeões nacionais em título.

A “locomotiva” de Nampula dá “banho” táctico ao homónimo da capital

Diz-se, nos meandros científicos, que “se aprende por toda a vida e não há idade para ensinar”. E foi o que se viu no campo 25 de Junho, na cidade de Nampula, palco que acolheu, no passado domingo (02), o embate entre a locomotiva local e a da capital do país.

Era o primeiro jogo do Ferroviário de Maputo após a demissão de Victor Urbano do comando técnico da equipa, e o Ferroviário de Nampula mostrou ao seu adversário como se joga futebol. Aliás, como bom aprendiz, a locomotiva da capital do país ficou com muito trabalho de casa por fazer depois daquele confronto.

Se na primeira parte Rogério Gonçalves colocou Belito na frente do ataque a fazer dupla com Vivaldo, reduzindo a sua margem de acção, o que permitiu um ligeiro equilíbrio na zona intermediária, na segunda, aquele técnico português surpreendeu: tirou Belito do terreno mais adiantado e colocou-o na zona do meio-campo para, com as suas habilidades, construir jogadas de ataque da sua equipa, explorando da melhor maneira os espaços deixados pelo adversário. Aquele jovem jogador, emprestado pela Liga Muçulmana, obrigou o Ferroviário de Maputo a recorrer ao futebol directo.

É que Belito, numa situação defensiva da sua equipa, descia até ao meio-campo para ir buscar o esférico, posicionando-se sempre à frente dos dois trincos, Tchitcho e Hipo. Na saída para o ataque, para além da rapidez, ele contava sempre com a ajuda de Tchitcho na triangulação e na sua alta capacidade de desequilíbrio para comandar as jogadas. Do lado esquerdo, surgia uma figura que o auxiliava caso reclamasse de algum cansaço, Jerry. Num



breve resumo: Belito descia, corria, pensava, jogava com os colegas, fintava e criava, ou seja, encantava qualquer um.

À entrada do jogo, os donos da casa não arriscaram e mantiveram a sua tradicional disposição táctica baseada no 4 – 4 – 2, diante da ousada 4 – 3 – 3 do adversário. Para muitos, estava claro que os visitantes assumiriam o comando da partida, aliás, foi com este propósito que Danito Nhampossa, técnico interino, escalou os seus jogadores.

Mas vamos ao jogo. O primeiro lance de perigo, ao minuto 11, pertenceu ao Ferroviário de Maputo quando, na tentativa de alívio, o lateral esquerdo dos nampulenses, Vovot, perdeu o esférico numa zona crítica. Porém, Diogo não foi a tempo de rematar por atrapalhar-se na escolha do melhor pé, o que permitiu a emenda de Foster para canto.

Na sequência da cobrança, Eurico, próximo ao primeiro poste do lado direito do ataque dos visitantes, rematou ao lado da baliza perdendo, também, a oportunidade de abrir o marcador. A resposta dos donos da casa não tardou e, num livre indirecto, a bola sobrevoou a zona da grande área, surgindo Mambucho a fazer o corte, numa altura em que Belito se preparava para rematar.

Nesta etapa do jogo, o Ferroviário de Maputo foi a equipa mais aguerrida nos lances ofensivos e ao minuto 23 voltou a desperdiçar uma oportunidade soberba de marcar. Luís não acertou bem na bola e atirou por cima da baliza de David. Barrigana, à passagem da primeira meia hora e Eurico, cinco minutos mais tarde, tentaram, também, encaixar o esférico no fundo das malhas daquele guarda-redes, pecando no capítulo da finalização.

Já com o jogo a caminhar para o fim da primeira parte, os donos da casa beneficiaram de duas situações de golo, primeiro ao minuto 41 quando Zabula interveio, mesmo sobre a linha do golo, no portentoso remate de Gildo e, em segundo, quando Vivaldo testou Germano, obrigando-o a fazer uma defesa espectacular.

Uma segunda parte que só deu Ferroviário de Nampula

A equipa da casa entrou na segunda parte com uma atitude diferente. Quis, a vários níveis, controlar o meio-campo. E, ao minuto 55, Rogério Gonçalves lançou Jerry no jogo para o lugar de Gildo, uma troca directa de extremos.

Aquele jogador precisou de dois minutos para ensaiar o golo, na sequência de um livre directo em que a bola foi parar, sem complicações, nas mãos de Germano. E a segunda foi de vez. Jerry recuperou a bola que se ia perder na linha do fundo do adversário, no flanco esquerdo de ataque, esperou por um companheiro para fazer a tabela, surgindo na ocasião Tchitcho que, em rotação, desferiu um remate que terminou no fundo das malhas de Germano.

Com o tento, o Ferroviário de Nampula galvanizou-se e

contou com a excelente prestação de Belito que comandou as investidas ofensivas a partir do centro do terreno. O Ferroviário de Maputo viu-se obrigado a proteger mais a defesa, libertando alguns atletas da zona intermediária.

Já perto do fim do jogo, Jerry e Belito, em duas ocasiões distintas, podiam ter marcado dois golos, o que não seria nada de outro mundo.

Costa do Sol soma mais uma derrota

A jogar em casa, o Costa do Sol não foi capaz de justificar os motivos para definir como principal objectivo desta temporada a conquista do título. Aliás, diga-se, em abono da verdade, que se está distante de um “canário” capaz de conquistar qualquer dos troféus em jogo.

No passado domingo, a equipa de Diamantino Miranda perdeu diante do Desportivo de Nacala, por 1 a 0, com golo apontado por Leonel à passagem do 37º minuto do jogo, um resultado que coloca o Costa do Sol numa zona crítica da tabela classificativa, com um ponto acima da zona da despromoção.

Quadro de resultados

11ª Jornada				
Fer. de Nampula	1	x	1	Fer. de Maputo
Fer. da Beira	2	x	0	Maxaquene
Têxtil de Púnguè	0	x	0	Chingale de Tete
Chibuto	1	x	0	Vilankulo FC
HCB de Songo	1	x	1	Estrela Vermelha
Costa do Sol	0	x	1	Desp. de Nacala
(Adiado) Liga Muçulmana		x		Matchedje

PRÓXIMA JORNADA

Costa do Sol	x	Fer. de Maputo
Maxaquene	x	Fer. de Nampula
Chingale de Tete	x	Fer. da Beira
Vilankulo FC	x	Têxtil de Púnguè
Estrela Vermelha	x	Clube de Chibuto
Liga Muçulmana	x	HCB de Songo
Desp. de Nacala	x	Matchedje

L	Clubes	J	V	E	D	GM	GS	DG	P
1º	Clube de Chibuto	11	6	2	3	13	13	0	20
2º	HCB de Songo	11	5	4	2	14	8	6	19
3º	Fer. da Beira	11	5	3	3	15	10	5	18
4º	Maxaquene	10	6	0	4	10	9	1	18
5º	Liga Muçulmana	8	5	2	1	14	5	9	17
6º	Desp. de Nacala	10	5	3	2	7	3	4	15
7º	Fer. de Nampula	11	4	3	4	10	11	-1	15
8º	Costa do Sol	11	3	4	4	11	10	1	13
9º	Chingale de Tete	11	3	4	4	7	8	-1	13
10º	Fer. de Maputo	10	3	3	4	7	9	-2	12
11º	Estrela Vermelha	11	3	3	5	7	10	-3	12
12º	Têxtil de Púnguè	11	3	3	5	7	12	-5	12
13º	Vilankulo FC	10	3	2	5	3	8	-5	11
14º	Matchedje	10	1	2	7	4	11	-7	5

Desporto

Em Nampula há (construção de) um estádio moderno, barato mas incompleto!

Em 2009, em Nampula, nasceu um projecto de construção da Academia do Sport Nampula e Benfica. A planta da infra-estrutura, essa, é excepcional e rege-se por padrões internacionais de edificação de um estádio moderno. O custo do mesmo chega até a assustar, por tão acessível que é: 700 mil dólares norte-americanos. Trata-se de um recinto esboçado para albergar cerca de 5000 espectadores em duas bancadas; com parque de estacionamento com capacidade para cerca de 50 viaturas; escritórios para a direcção do clube; um centro de estágio; bares; salas para os árbitros; salas para os jornalistas; e diversos.

Efectivamente, as obras iniciaram em 2010 cujo fim estava previsto para o presente ano. No entanto, um pequeno detalhe torna o sonho de Abdul Hassane, presidente do Sport Nampula e Benfica, patrono desta obra, um autêntico pesadelo: a falta de relva sintética.

Nesta semana, em Nampula, o @Verdade conversou com aquele dirigente desportivo para perceber os contornos da edificação daquela invejável infra-estrutura atendendo, também, ao facto de se tratar de um clube que milita no Campeonato Provincial de Futebol, a segunda divisão do país.

Texto&Foto: David Nhassengo

@Verdade – Como é que surgiu a iniciativa da construção deste estádio?

Abdul Hussene – A ideia da construção deste estádio surgiu da necessidade de implantar uma academia desportiva no Sport Nampula e Benfica. Em 1998, quando tomei posse como presidente do clube, decidi instituir um centro de formação de jogadores.

Felizmente, a escola deu frutos como são os casos de Rivaldo, de Isac, de Imo, entre outros jogadores renomados na elite do futebol moçambicano. Por este motivo, senti que havia necessidade de dar maior comodidade e outro aspecto à nossa componente de formação, visto que as condições que damos aos nossos jogadores não são das melhores.

@V – Quando é que iniciaram as obras de construção do estádio?

AH – A planta foi elaborada em 2009 e as obras arrancaram em 2010.

@V – Fala-se muito de custos da construção deste estádio, em que se chega a afirmar que são baixos em comparação com os dos outros estádios desta natureza. Qual é o valor orçado para a edificação desta infra-estrutura?

AH – De facto, é uma obra de baixo custo. Está orçada em 700 mil dólares norte-americanos.

@V – De onde veio esse valor?

AH – Provém da negociação da nossa actual infra-estrutura. Nós entregámos o espaço onde está localizado o actual campo do Benfica e ficou combinado, com o novo proprietário, que ele ia encontrar um novo espaço e construir um estádio de raiz sem que houvesse, necessariamente, transacção de dinheiro.

É uma espécie de troca de espaços ainda que com algumas contrapartidas, sabido que o interessado só pode ocupar o local onde funcionamos neste momento depois de construir aquela infra-estrutura.



@V – E não sai a perder por entregar um espaço situado numa zona nobre da cidade de Nampula, para ocupar uma região de expansão?

AH – Obviamente que não. Primeiro, nós somos um clube pobre. Segundo, neste actual espaço não temos mais nada senão o próprio campo. E terceiro, teremos um estádio moderno com todas as condições criadas para um clube que se preze.

@V – Qual é o modelo de inspiração da planta deste estádio, atendendo que ele é barato?

AH – A planta deste estádio surge da minha experiência como dirigente desportivo, por ter viajado para muitos países estrangeiros e conhecido vários centros de formação. Este é aproximado, para quem conhece, ao da academia de Palmeiras FC do Brasil.

Mas em termos de inspiração, como tal, confesso que me inspirei no dia-a-dia do Benfica de Nampula, na ambição e na vontade de querer o melhor para este clube.

@V – E qual é o estado da obra neste momento?

AH – Já estive muito satisfeito, algum dia, com o desenrolar das obras. Mas hoje, com o fim a aproximar-se, estou muito triste com o projecto. Digo, até, que estou arrependido de ter iniciado.

@V – Porquê?

AH – Quando comecei com tudo isto, eu pensei que podia contar com o apoio do Governo e/ou das instituições que amparam o nosso desporto. Infelizmente, não foi o que aconteceu.

@V – Apoio em que medida, sabido que houve uma negociação entre o Sport Nampula e Benfica e um empresário local?

AH – Tem de perceber que o negócio teve um tecto de 700 mil dólares. Decidi que se começasse com a infra-estrutura e não com o piso. Estou bastante arrependido pois a primeira coisa que tinha de ser instalada era o piso sintético.

@V – E teria a mesma infra-estrutura?

AH – Teria uma infra-estrutura muito pobre visto que pagaríamos na metade do valor, 350 mil dólares, para comprar o tapete, utilizando o resto para edificar a estrutura do estádio. Já não teríamos, por exemplo, quartos para os jogadores; já não teríamos gabinetes de trabalho; já não teríamos uma tribuna de honra com 34 camarotes; já não teríamos duas bancadas; e a capacidade do próprio estádio ia reduzir de 5000 espectadores para entre 3000 e 3500.

@V – Não é um erro esperar tudo do Governo ou, por outra, não tinha planificado a aquisição do tapete?

AH – A compra da relva não está prevista no negócio. Tal como disse, o negócio está avaliado em 700 mil dólares. E pensei que, como existem instituições neste país que zelam pelo desporto, o projecto podia ter o devido apoio, tal como sucedeu num passado recente com o estádio da Machava e o campo do Costa do Sol que receberam da Federação Moçambicana de Futebol (FMF) dois tapetes sintéticos.

Quando fiz o projecto anexei um pedido ao Instituto Nacional do Desporto (INADE) e à Federação Moçambicana de Futebol (FMF) para que me apoiassem.

@V – E qual foi a resposta da FMF?

AH – Conversámos directamente com Faizal Sidat, presidente daquele organismo. Ele disse que devíamos esperar pelo próximo donativo da Federação Internacional de Futebol (FIFA). Mas quando chegou o tapete, ele próprio tratou de carregá-lo para Quelimane durante a campanha eleitoral para as “intercales”, obviamente para ajudar o candidato que acabou por ser derrotado.

@V – Ainda que houvesse alguma promessa por parte do presidente da FMF, nesse período a que se refere, Quelimane não era prioridade na óptica dele?

AH – Prioridade porquê? A província de Nampula, para além de ter duas equipas no Moçambola, diferentemente da Zambézia que não tem nenhuma, tem também dois estádios modernos em construção. Na minha óptica, se a decisão política dele obedeceu a alguma prioridade, então ele é insensível.

@V – Insistiu no contacto com o Ministério da Juventude e Desportos?

AH – Inúmeras vezes.

@V – E quais foram as respostas obtidas?

AH – Nenhuma resposta. Simplesmente fomos ignorados.

continua Pag. 26 →

Desporto

Temos enviado os nossos projectos para a cidade de Maputo, e por vezes repetidos. O Ministério, por sua vez, pede o parecer da Direcção Provincial da Juventude e Desportos de Nampula, que nunca é favorável.

@V – São chumbados porquê?

AH – Pergunte à directora provincial. Só ela pode responder. Eu, pessoalmente, nunca tive problemas com ela, pelo contrário, mantemos boas relações.

Só que não deixa de ser estranha a forma como ela se comporta. Por exemplo, aquando da última visita do ministro da Juventude e Desportos, Fernando Sumbana, ela impediu, de todas as maneiras, que nós apresentássemos os nossos projectos e reclamações. E assim o ministro saiu daqui sem conhecer a realidade desportiva desta província.

@V – Sente-se discriminado por ser da segunda divisão?

AH – Não se trata de nenhuma discriminação, apesar de tudo conduzir para essa conclusão. Há equipas do Moçambola que têm projectos sérios de formação mas nunca receberam apoio, nem do Governo nem da FMF. É uma questão de sensibilidade, apenas.

@V – Mas o que estimularia então, o Governo e a FMF a apoiarem este projecto do Benfica de Nampula?

AH – É proibido falar de formação de jogadores em Moçambique e não se tocar no nome do Sport Nampula e Benfica. As nossas selecções nacionais de base são alimentadas por este clube. Grande número de jogadores que militam no estrangeiro, hoje, saiu daqui, sem falar dos jogadores que despontam no Campeonato Nacional de Futebol.

Pergunto: não merecemos uma recompensa? Não merecemos um estímulo para que continuemos a formar?

Formamos jogadores para quê? Porque levam os nossos jogadores se nem de onde vêm querem saber?

“Estou desmotivado. Vou vender este estádio”

@V – Sabido que só falta a relva sintética para a conclusão da obra, o que pensa em fazer?

AH – Vou vender esta infra-estrutura, assim como está, por dois milhões de dólares. Quem quiser que compre. Caso não consiga um cliente, vou vender a minha casa, tal como fiz com a minha padaria para ajudar o Benfica.

Neste país não há nenhum incentivo para quem realmente trabalha. Há sempre interesses por detrás de qualquer decisão.

@V – E vendendo o estádio por dois milhões de dólares, qual será o passo a seguir?

AH – Vou comprar uma relva sintética e vou encontrar um novo espaço para a construção de uma infra-estrutura do género ou ainda melhor. Com dois milhões de dólares dá para construir e ainda restar muito dinheiro para rentabilizar o clube.

@V – Pensa em desistir?

AH – Eu questiono: vale a pena continuar a trabalhar para um país que marginaliza quem realmente trabalha? Destes 700 mil dólares que estiveram no negócio era preferível gastar 100 mil a 200 mil dólares para construir algo básico e ter muito dinheiro para o desenvolvimento das nossas actividades, tornando o Sport Nampula e Benfica um clube de referência a nível do país.

@V – Não seria essa a melhor saída?

AH – Seria. Mas neste estádio até a selecção nacional A de futebol podia fazer os seus estágios e alguns jogos; a

Copa Coca-Cola podia também ser disputada ali; e os Jogos Escolares podiam, também, usar aquele espaço que reuniria todas as condições necessárias de alojamento e competitivas.

@V – Sabendo dos custos elevados da relva sintética, não existem alternativas?

AH – Está descartada a utilização daquele recinto com um campo pelado, e em Nampula não há condições para a instalação de uma relva natural. Há falta de água e as condições climáticas são outro obstáculo. A única solução é a relva sintética.

@V – Está refém de 350 mil dólares para concluir um projecto de 700 mil. Nunca pensou em pedir apoio às entidades privadas?

AH – Preciso apenas de 250 mil dólares. Posso tirar o restante valor do meu próprio bolso. No que diz respeito aos pedidos de patrocínios, já fui a todas as empresas desta cidade e não houve receptividade. Neste momento resta-me visitar as empresas da Coca-Cola e da Cervejas de Moçambique, onde espero que me atendam a bem do desporto em Nampula.

@V – E qual será a recompensa para quem oferecer a relva sintética?

AH – Para além de ficar com o nome do estádio, quem apoiar terá direito a publicidade exclusiva no nosso equipamento, bem como a entradas gratuitas para os seus trabalhadores. Por exemplo: se for do Estado, estamos dispostos a homenagear um herói nacional; se for a Coca-Cola a patrocinar a compra da relva, o recinto denominar-se-á “Estádio Coca-Cola”; e se for a Cervejas de Moçambique, eles estarão livres de adoptar o nome que quiserem.

Publicidade

NOVA 2M TXÔTi

SHOT

DE FRESCURA

A 2M TXÔTi É A IRMÃ MAIS NOVA DA 2M. É MAIS PEQUENA, VIVA E LEVE E FICA GELADA ATÉ AO FIM. PEDE UMA 2M TXÔTi E REFRESCA OS TEUS BONS MOMENTOS COM UM SHOT DE FRESCURA.

2M REFRESCA A NOSSA MANEIRA

SEJA RESPONSÁVEL, BEBA COM MODERAÇÃO.

Desporto

Tríplice coroa: Bayern vence Stuttgart e conquista a Copa da Alemanha

O Bayern de Munique concluiu neste sábado (1) uma temporada histórica. O clube é o primeiro dos alemães a conquistar a tríplice coroa. Depois de vencer o Campeonato Alemão e a Liga dos Campeões, a equipa derrotou o Stuttgart, por 3 a 2, e levantou a taça da Copa da Alemanha. O jogo também ficou marcado como o último do treinador Jupp Heynckes à frente da equipa. O técnico, de 68 anos, dará lugar a Pep Guardiola, o seu substituto na próxima temporada.

Texto: Redacção/Agências • Foto: FIFA.COM

O Bayern de Munique criou a primeira oportunidade logo aos dois minutos da partida. Robben tabelou com Martínez, tentou o cruzamento, mas a bola por pouco não entrou. Os bávaros procuravam manter o domínio da posse de bola, mas o Stuttgart deu sinais de que não seria um adversário fácil de ser batido.

Com os frequentes avanços do lateral-esquerdo Alaba, a defesa dos actuais campeões europeus ficou com um buraco, bem aproveitado pelos rivais, que não tardaram a criar boas oportunidades. Aos oito minutos, Traoré cruzou para Maxim, que atirou em meia-volta para fora. Os bávaros corrigiram o erro a tempo de um estrago maior, e o defensor passou a ir menos para o ataque.



Coube a Ribéry e Robben abusar das jogadas pelas laterais do campo. Contudo, havia um problema. Parecia que as estrelas da equipa estavam com receio de arriscar remates à baliza. Tabelavam, apareciam na área, mas insistiam nos cruzamentos rasteiros em busca do grandalhão Gómez. A defesa do Stuttgart deixava os centrais à vontade, mas dentro da área era soberana.

Penálti salva o Bayern, e “Super Mario” faz a festa

A primeira hipótese mais clara foi do Stuttgart. Aos 21 minutos, a bola foi levantada na área, Harnik cabeceou, e Neuer defendeu com uma palmada. Na recarga o esférico seguiu em direcção à rede, mas o guarda-redes impediu o golo em cima da linha, com a bola colada na trave. O Bayern, entretanto, teve mais sorte e abriu o marcador. Aos 35 minutos, Lahm avançou pela ponta esquerda e foi derrubado na área por Traoré. Penálti que Müller cobrou com categoria, atirando para o canto direito do guarda-redes, e fez 1 a 0.

Na segunda etapa, o goleador Gómez não deu hipóteses de reacção ao Stuttgart. Aos dois minutos, o artilheiro ampliou para o Bayern. Robben invadiu a área em velocidade e deixou a bola com Lahm, que cruzou para o atacante tocar para o fundo das redes. Diante de um rival abatido, os bávaros diminuíram o ritmo após o golo.

Mas a festa do “Super Mario” não estava completa. O grandalhão fez o terceiro aos 15 minutos. Schweinsteiger fez um óptimo passe para Müller na ponta esquerda, o médio atacante avançou e cruzou na medida certa para Gómez confirmar o 3 a 0. Logo depois, o destaque da final deixou o campo para ser aplaudido

pelos adeptos.

Japoneses em acção

O técnico Bruno Labbadia partiu para o tudo ou nada e deixou a sua equipa extremamente ofensiva. Entraram os japoneses Okazaki e Sakai e saíram dois jogadores que tinham funções defensivas. O Bayern manteve a pressão até que a dupla nipónica engrenou e passou a dominar o lado esquerdo do ataque. A ousadia do Stuttgart teve o efeito esperado.

Aos 25 minutos, Sakai fez um excelente cruzamento da esquerda, e Harnik subiu sozinho para cabecear e diminuir. Aos 33, foi a vez de Okazaki aprontar. O japonês chutou a bola para a mão de Boateng. O estádio quase desmoronou com a claque do Stuttgart a pedir penálti, o que foi ignorado pelo árbitro.

No minuto seguinte, a bola acabou por entrar. Harnik aproveitou um ressalto mas a bola passou por cima da baliza. Na tentativa seguinte, conseguiu fazer o seu segundo golo na partida. No fim, o técnico Jupp Heynckes, preocupado, recuou a equipa, que segurou o ataque do Stuttgart até o quarto minuto das compensações, acabando por comemorar mais um título da temporada.

Moto GP: Lorenzo completa hat-trick de vitórias em Mugello

Jorge Lorenzo venceu o Grande Prémio de Itália TIM, pela terceira vez consecutiva, ao bater o líder do Campeonato do Mundo de MotoGP™ Dani Pedrosa e o britânico Cal Crutchlow. Registaram-se as quedas do herói da casa, Valentino Rossi, e do estreante Marc Márquez, que assim colocou ponto final à sequência de pódios.

Texto: Redacção/Agências • Foto: motogp.com

No sábado (1), Pedrosa, da Repsol Honda Team, reclamou a primeira pole da época depois de ter ganho os dois últimos Grandes Prémios em Jerez e Le Mans e de ter batido Lorenzo, da Yamaha Factory Racing e Andrea Dovizioso, da Ducati Team, no que toca à grelha.

Numa tarde de domingo (2) de sol, Pedrosa fez uma forte partida para manter a liderança, mas alargou a trajectória e foi ultrapassado por Lorenzo, com o campeão do mundo a ir por dentro à saída da Curva 1. Pedrosa manteve-se com o compatriota até o meio da corrida, altura em que pequenos erros em duas voltas consecutivas permitiram a Márquez iniciar o ataque ao companheiro de equipa, enquanto Lorenzo se isolava na dianteira.

A tarde de Pedrosa foi mista. Perdeu a liderança no início e manteve Márquez atrás de si até o piloto de 20 anos usar de bravura para ir por dentro na curva Savelli, à 19ª volta. Mas o árduo trabalho de Márquez acabou por se perder exactamente no mesmo local e, volvidas duas voltas, o espanhol cometeu um erro não forçado e sofreu a quarta queda do fim-de-semana, o que o impediu de se tornar o primeiro estreante da história do MotoGP a reclamar cinco pódios consecutivos no início da carreira na categoria rainha.

O azar de Márquez deixou Pedrosa em segundo, com Cal Crutchlow, da Monster Yamaha Tech 3, a subir ao pódio pela segunda vez consecutiva, tornando-se o primeiro britânico a fazê-lo desde 1987. Stefan Bradl (LCR Honda MotoGP) garantiu o quarto posto, igualando o melhor resultado da carreira, curiosamente, obtido no ano passado na mesma corrida. A Ducati Team colocou os seus



pilotos nos quinto e sétimo postos, com Dovizioso a acabar por levar a melhor sobre Nicky Hayden, enquanto Michelle Pirro, que voltou a rodar com a GP13 Lab, ficou logo atrás dos dois.

Alex Espargaró levou a máquina da Power Electronics Aspar CRT ao melhor resultado do ano ao terminar em oitavo, com Bradley Smith (Tech 3) a em nono apesar das fortes dores com que rodou devido às lesões contraídas no pulso e no dedo, enquanto Hector Barberá (Avintia Blusens) completou o Top 10. Contudo, o maior drama da corrida foi a desistência de Valentino Rossi (Yamaha Factory Racing) ao cabo de apenas três curvas; o sete vezes vencedor de Mugello envolveu-se numa colisão com Álvaro Bautista (GO&FUN Gresini Honda), com ambos a ficarem fora de prova na curva Poggio Seco. Após o evento, a Direcção de corrida reuniu-se e considerou o que se passou como “incidente de corrida.”

A segunda vitória da época por parte de Lorenzo levou-o a subir à segunda posição na tabela de Pilotos, a 12 pontos de Pedrosa e com Márquez agora em terceiro e a 26 pontos da liderança. A acção continua dentro de duas semanas com o Grande Prémio Aperol da Catalunha, em Barcelona.

Taça CAF: Liga eliminada pelo TP Mazembe

O TP Mazembe, da República Democrática do Congo, eliminou, no passado domingo (02 de Junho), a Liga Desportiva Muçulmana de Maputo na corrida para a fase de grupos da Taça CAF. Depois da duríssima derrota por 4 a 0 em Lumbubashi, a equipa moçambicana venceu em casa, por 2 a 1, perdendo, no agregado de golos, por 2 a 5.

Texto: Redacção/Agências • Foto: Miguel Manguzeu



Perto do minuto 20, o guarda-redes da Liga Muçulmana, Caio, defendeu de forma extraordinária mas também incompleta um remate de Mputo, com Miro a surgir para fazer o corte, evitando, desse modo, o “balde de água fria” para o público moçambicano que ainda acreditava no triunfo da sua equipa.

Até ao intervalo, a equipa vencedora da Taça de Moçambique, edição 2012, foi a mais ofensiva e, em dois lances de perigo, podia ter dilatado o marcador, primeiro ao minuto 31 quando Kidiba tirou a bola sobre a linha de golo num remate de Sonito e, a um minuto do fim, pelo mesmo avançando que viu um central contrário interceptar o esférico.

Contudo, quando tudo indicava que a Liga fosse ao intervalo em vantagem no marcador, até porque merecia, Mbuana Samatha, na sequência de um pontapé de canto em que a defensiva moçambicana se encontrava desfalcada devido à saída, por lesão, de Zainadine Jr., restabeleceu a igualdade.

Na etapa complementar, Litos Carvalha, treinador dos muçulmanos, logo de início esgotou as três substituições de uma só vez, forçado também por lesões de alguns jogadores. No reatamento, o TP Mazembe a muito custo se encontrou no jogo. Aliás, precisou apenas de cinco minutos para sofrer um golo apontado por Hélder Pelembe, na sequência de um livre indirecto cobrado por Imo, tendo o esférico sobrevoado a área adversária antes de ir parar no pé daquele avançado.

Aliás, foi com este resultado de 2 a 1 que terminou o confronto, acabando com o sonho da Liga Muçulmana de chegar à fase de grupos da Taça CAF, a segunda maior competição africana a nível de clubes.

Os muçulmanos da Liga entraram no jogo dispostos a dar a volta à eliminatória, ainda que ela fosse quase impossível. Depois de dois lances de golos desperdiçados por Liberty nos instantes iniciais da partida, transcorrido o minuto onze, o mesmo jogador voltou a estar em destaque, desta vez decisivo na abertura do marcador após um excelente passe de cabeça de Telinho.

Os congoleses não cruzaram os braços e abordaram o jogo de igual para igual. Aliás, tinham o “agregado” no marcador que apontava para o 4 a 1 a seu favor. Nesta etapa, com a Liga também a pressionar o adversário atrás de mais um golo, assistiu-se a uma partida bastante disputada na zona do meio-campo e veloz de ambos os lados.

Um concerto para reinventar a música



No Quinta Canta do fim de Maio, no Centro Cultural Franco-Moçambicano, em Maputo, exibiram-se os resultados da oficina de criação entre o moçambicano Cheny Wa Gune e Nathalie Matiembé, das Ilhas Reunião. Mas antes, actuaram os Timbila Muzimba. No intercâmbio, os primeiros artistas reinventaram a música, colocando em causa o conceito musical dos espectadores.

Texto & Foto: Inocêncio Albino

Conhecemos os Timbila Muzimba. Eles são uma orquestra musical jovem que, não obstante os 15 anos que passam, desde o seu surgimento, se mantém na linha da frente. O seu envolvimento em diferentes frentes da vida social, utilizando a música, o seu instrumento de base, fá-los imemorráveis na cena da produção artística em Moçambique.

No entanto, no dia 30 de Maio, quando se fez o concerto enquadrado no programa Quinta Canta – em que os músicos se encontram para intercambiar experiências e conhecimentos – os Timbila Muzimba serviram mesmo para preparar o palco enquanto os donos do show se preparavam. Ecléticos no trabalho que fazem, os membros daquela colectividade não quiseram perder a credibilidade que conquistaram a trabalhar arduamente ao longo dos longos anos.

Com a composição Sing my song, explorando a presença do antigo baterista da banda, Djibra, que agora trabalha em Angola, os Timbila convidaram a plateia a cantar a sua música, ou, no mínimo, a expressar tal vontade, e iniciaram o evento.

Apresentaram cinco temas – nomeadamente, Mamanhane, Tchiwititchinhana, Vevula, Tjebulane e Huningantolovene – num dos quais falam da vida doméstica, da vizinhança, a fim de construir ou reconstruir essas vivências. E foram-se embora.

Instalou-se uma música electrónica

Assim que chegaram, Nathalie Matiembé e a sua banda composta por Costa Yann, no teclado, Kulenicovic Boris, na viola-baixo e Cyril Faivre, na bateria, cantaram.

Bon Bon Zetwal, Bwalé, Rev e Vida, os primeiros temas apresentados, foram as músicas a partir das quais a cantora começou a revelar a sua rebeldia, a sua poesia, bem como a sua vida íntima para conquistar, paulatinamente, o favor de um público pouco dançante.

No entanto, como naquele evento existia algo muito sublime – “um desejo de se encontrar entre dois artistas,

em primeiro lugar, e entre duas culturas” – um sentimento amplo e envolvente começou a ficar mais elaborado com a exposição dos temas Ilha, Democracia e Enda.

A partir daqui, o maloya, a poesia-crioulo, doce e rebelde de Nathalie fundiram-se à timbila, à mbira, bem como à voz forte e presente de Cheny construindo a metáfora da união do povo das Ilhas Reunião com o moçambicano, objectivamente representados pelos seus artistas.

Aliás, na composição Enda, Nathelie aproveitou a ocasião para mostrar que a música não se faz, necessariamente, com base na utilização de instrumentos convencionais e complexos. O som produzido pela fricção de um plástico – como se viu no concerto – que a dado momento pode ser áspero e desagradável e outro bem elaborado pode ser harmónico e encantador, também faz música.



As timbilas narram a nossa história

Em relação aos Timbila Muzimba, Matchume Zango, um dos especialistas no uso do da Timbila, o concerto serviu para narrar “a nossa e a história da Timbila em jeito de um welcome para que os cantores que vêm das Ilhas Reunião se sentissem em casa”.

O artista assegura que ainda que as Ilhas Reunião pertençam à França, por causa do passado colonial, as mesmas possuem uma relação histórica com Moçambique através do maloya – a música tradicional das Ilhas Reunião – que “foi uma manifestação cultural de um conjunto de escravos negros que trabalhavam nas plantações”.

Há uma grande união entre ambos os países, Moçam-

bique e Ilhas Reunião. “Por isso, o concerto foi um reencontro entre os artistas e o público de modo que se promovesse um debate ou uma conversa através de uma linguagem universal, a música”, refere Matchume Zango.

Presentemente, os Timbila Muzimba têm estado a trabalhar em projectos como a descoberta e divulgação de novos talentos no âmbito das redes da World Music com base na colaboração com empresários internacionais que promovem as artes.

Por exemplo, “na Associação Cultural Wharethwa temos o projecto da produção de orquestras que é uma iniciativa em que se envolvem as comunidades, sobretudo os jovens, a quem se aministram aulas sobre a composição musical, o uso e a construção de instrumentos musicais”.

O que se pretende explicar é que as actividades da banda Timbila Muzimba transpõem a realização de um concerto musical no palco.

“Nós somos educadores que capitalizam os jovens a quem se transmite conhecimentos e experiências. Além do mais, temos outros projectos de âmbito internacional em que uma parte da nossa colectividade trabalha no College of Music, na Cidade do Cabo, na África do Sul, com vista à introdução da música moçambicana nesse circuito”.

De uma ou de outra forma, “as timbilas traduzem a nossa realidade como um povo. Por isso, sempre precisamos do apoio total do público nos nossos espectáculos. Nós, como os outros cantores, somos os embaixadores da música moçambicana no mundo”.

Somos heróis

Os resultados da residência de criação artística entre Cheny Wa Gune e Nathalie Matiembé – que durou três dias de trabalho intenso – também foram exibidos no Bush Fire Festival, no fim de Maio, na Suazilândia, antes de a artista retornar ao seu país.

“Tivemos um bom resultado não só na perspectiva da música como também na convivência, o que possibilitou que nos conhecêssemos melhor como artistas africanos”, afirma Cheny.

Além do mais, o compositor e instrumentista acrescenta que “foi importante explorar a humanidade dessas pessoas e perceber como é que vivem nos seus países, incluindo matérias ligadas ao intercâmbio em torno da industrial cultural no continente. Sentimos que todos nós, os músicos africanos, em certo grau, travamos a mesma luta para que o cantor tenha um espaço condigno na sociedade”.

Por exemplo, “em Moçambique, as pessoas que vivem da música são heróis. Não tem sido fácil”, afirma Cheny que acrescenta que, em parte, o intercâmbio serviu para que “falássemos sobre os nossos problemas, buscando soluções com o público – sem deixar de criar condições para emocioná-lo – e sonhar, cada vez mais, com melhores condições”.

Reconhecendo as dificuldades enfrentadas pelos artistas, o cantor considera que “nós não vivemos, unicamente, do trabalho musical. Realizamos outras actividades para complementar a arte como, por exemplo, o fabrico de instrumentos, o ensino, bem como a produção de trilhas sonoras para o cinema, para a dança contemporânea, incluindo outras formas de arte”.



Estas crianças são vedetas...

Pelo menos três vezes por semana, as Super Dance, um grupo de bailarinas adolescentes, associam a escola à dança. Na sua maioria, vivem no bairro de Xipamanine, mas há, entre elas, quem vem de T3, Maxaquene, Hulene e Chamanculo. Explicam que tem sido um sacrifício deslocar-se até o Centro Cultural Ntsindya, onde ensaiam. No entanto, não desistem, afinal “quem quer (ser bem-sucedido) sempre segue em frente”. Este ano preferiram a festa de 1 de Junho para realizarem um concerto no Teatro Mapiko.

Texto & Foto: Redacção

O grupo infantil feminino *Super Dance* existe há dois anos, não obstante a sua colectividade ter mais tempo de existência. A forma como cada uma delas, em palco, se manifesta denuncia o modo como a dança molda as suas personalidades. Na sua maioria, senão todas, vivem nos bairros suburbanos de Maputo.

Conhecemo-las nos palcos do Teatro Mapiko, no Dia Internacional da Criança, 1 de Junho. No mesmo dia, as bailarinas não participaram num dos rituais impreteáveis para as pessoas da sua idade – a festa alusiva ao Dia Internacional da Criança. No entanto, seguramente, dizem que não estão constrangidas.

É como Alice, de nove anos, aluna de 5ª classe e da Escola Primária 25 de Junho e residente do bairro de Xipamanine, explica: “Não fui à festa de um de Junho porque tinha de vir à Casa Velha fazer o meu show de dança”. Esse discurso é repetido por quase todas as oito bailarinas.

Aliás, o comentário de Milena (residente do bairro T3 de 13 anos de idade) quando explica que “quem quer (alcançar os seus objectivos na vida) sempre segue em frente”, revela alguma segurança no trabalho que elas fazem.

A bailarina é aluna de 8ª classe no Centro de Formação Dom Bosco no bairro do Jardim. “Eu gosto de todas as disciplinas que tenho, com particular destaque para a de Desenho. Não fiquei triste por não ter ido à festa do Dia Internacional da Criança, porque nessa data tínhamos um show na Casa Velha”.

O que haverá na dança, a ponto de as crianças abdicarem da festividade do seu dia? “Quando nós dançamos sentimos uma coisa boa”, explica Milena.

Refira-se que esta bailarina nunca participou, mesmo como espectadora, num evento de moda. Mas a afeição que tem por essa área lhe moveu a visitar o ateliê do estilista moçambicano, Feliciano da Câmara, na cidade da Matola. Foi lá onde teve a certeza de que “quando eu acabar de estudar quero ser estilista porque gosto de desenhar vestidos”.

Ao que tudo indica, apesar de que a dança se pode tornar a actividade profissional das meninas, para elas está-se diante de um ponto de partida para outras áreas de produção humana.

Por exemplo, ao nível da moda, um sonho comum é partilhado por Milena e Chelsea que também quer ser estilista. “Quando danço sinto-me inspirada, no entanto, ainda não sei se serei bailarina quando crescer, mas o meu sonho é torna-me estilista porque gosto de coser roupa para a minha boneca”.

Num outro desenvolvimento, Chelsea afirma que, apesar de ser difícil conciliar a dança com a escola, nos dias úteis da semana, “nós conseguimos porque gostamos de dançar”.

A bailarina Aline Margarida, aluna da 5ª classe da Escola Primária Completa de Bagamoio, está-se a empenhar para dispensar este ano. Ela tem um sonho sublime. “Quero ser professora”.



Como tudo começou

O grudo infantil *Super Dance* existe há dois anos, mas o seu coreógrafo, Monteiro Cristiano Manhica, tem uma relação umbilical com o bailado. Diz ele que “desde quando era criança sempre apreciei a dança. Por isso, em casa, eu competia com o meu falecido pai e as minhas irmãs. Para mim, bailar é um dom”.

Entretanto, “o meu talento só foi descoberto, há dez anos, no casamento da minha irmã. Não tínhamos um coreógrafo mas precisava-se de alguém para montar uma coreografia para o evento”.

Nessa altura, o mestre Cris – como as bailarinas o chamam – só praticava a Marrabenta, o Kwassa-Kwassa e a Valsa, mas de um maneira tímida. “Aceitei o desafio, montei a coreografia e o trabalho teve uma apreciação favorável”, recorda-se.

A partir daí, sempre que alguém casasse, solicitava uma actuação dos bailarinos de Cris. Foi nesse sentido que “descobri o meu dom na dança, tendo abraçado a carreira de coreógrafo”.

Depois surgiram os obstáculos. “Ao longo dos anos, passei por muita humilhação, desprezo, bem como conotações pejorativas mesmo por parte de alguns artistas. Felizmente, ultrapassei os obstáculos e estou a fazer um trabalho genuíno”.

O coreógrafo Monteiro Cristiano é mecânico da Empresa dos Caminhos-de-Ferro, em Maputo e trabalha por turnos. Por isso, “nas horas vagas, de madrugada, aproveito para criar as minhas obras”.

É difícil

Monteiro Cristiano trabalha com mais de 40 crianças no Centro Cultural Ntsindya, no entanto, desengane-se quem pensa que basta ter uma sala para a produção artística fluir.

“Estamos a passar por imensas dificuldades porque não temos um espaço adequado para ensaiarmos. O outro aspecto é que a direcção do Centro Cultural Ntsindya pretende ditar as regras no nosso trabalho, impelindo-nos a fazer danças tradicionais, o que não é a nossa aposta”.

As outras dificuldades são de natureza técnica. “Não temos uma aparelhagem de som, muitos menos apoios nesse sentido. Nós dependemos de pessoas de boa-fé”.

De uma ou de outra forma, “eu quero que essas crianças sejam projectadas aos mais altos patamares da dança e, por essa via, tornar-se evidente o meu talento como coreógrafo, o que poderá acontecer a partir do momento em que tivermos a possibilidade de realizar concertos fora do país”.

Toma que te Dou



|Alexandre Chaúque
|siyabongafirmino@yahoo.com

Last way*

Os habitantes da cidade de Tete chamam “Last way” à rua que sai da morgue do hospital provincial para o antigo cemitério da cidade do carvão. Last way é uma expressão inglesa que querará dizer “Última rota” e, na verdade, quando se parte da casa mortuária com o corpo na horizontal, ainda por cima embutido num caixão, não haverá a menor dúvida de que se está na “Last way”.

Lembrei-me deste termo comicamente e belo saído da memória dos tetenses – no contexto em que se usa – quando vi, na última semana, o portentoso lagarto Marcelino dos Santos, caminhando, com os joelhos a ranger, mas determinado, em direcção à mesa onde eu o esperava, depois de termos combinado que nos encontraríamos na esplanada do restaurante Cristal, em Maputo, ali onde a estridência das buzinas e dos apelos dos chapeiros aos passageiros já fazem parte das inúmeras sinfonias do diabo que a capital de Moçambique inocula todos os dias.

Marcelino dos Santos parece um velho dançarino de Mapico que já não consegue pôr o lombo na vertical. Parece um leão exausto, sem juba e sem garras e sem dentes, prestes a entrar na “Last way”. Mas lá vem ele, arrastando a carcaça cansada de inúmeras batalhas, desprezando a morte que apressa a vida, como disse uma vez Daniela Mercury. É belo ver um velho tigre com a alma ainda fresca, avançando como um bisonte.

Ele mantém o sorriso de sempre, cínico, imutável, preserva a clareza das ideias como se estivesse constantemente a virar goela abaixo um gole de scotch para nos lembrar aqueles dois jovens que, quanto mais embriagados, mais lúcidos. Levantei-me para saudar um homem pertencente a todos os tempos, ao futuro também. Capaz de dizer a toda a gente aquilo que pensa.

- Alguma vez vociferou perante Samora Machel?

- Se nunca o tivesse feito, então a Frelimo não seria eu.

- Continua a acreditar nessa Frelimo?

- Não acreditar na Frelimo seria o mesmo que desacreditar-me a mim mesmo. A Frelimo é um partido de grandes dimensões históricas, um partido que vai prevalecer por todo o sempre, o que está a acontecer é que algumas pessoas lá dentro estão a tentar desviar o leme deste grande barco, e essa gente não estará a fazer mais nada do que insultar o povo moçambicano, que merece um grande respeito por parte de todos nós, incluindo esse punhado de déspotas.

- Já veio a terreiro dizer que não vai votar na Frelimo. Mantém essa afirmação?

- Eu não falo à toa. As minhas palavras têm fundamento, não vou entregar o meu voto de confiança a gente que nos pode levar ao naufrágio.

- Vai votar em quem?

- (Risos)

- Vai votar em quem, senhor Marcelino dos Santos?

- Eu disse que não vou votar na Frelimo, na devida altura eu depois hei-de ver o que faço à boca da urna.

Olho para Marcelino dos Santos e vejo nos seus olhos um homem tranquilo, obstinado, disposto a esbater as feridas que poderá ter plantado no passado. Estamos sentados frente a frente na esplanada do restaurante Cristal bebendo café. A entrevista é, de tempos a tempos, interrompida por gente que se aproxima dele para o saudar, com carinho e ele corresponde jovial, mostrando permanentemente a cremalheira no seu sorriso cínico. Está de costas para a estrada, para as pessoas que passam, parece não ter medo que alguém lhe enfie uma bala pelas costas.

- Senhor Marcelino, por aquilo que fez no passado, não tem medo de levar um tiro pelas costas?

- (Risos) A morte é certa, meu caro, a morte é certa, temos que estar preparados para recebê-la quando chegar a hora.

- Já foi várias vezes acusado de ser um homem perseguidor de *catorzinhas*. Tem conhecimento disso?

- Nunca me preocupo com hipocrisias, a minha dimensão é maior. Você não gosta de *catorzinhas*?

- (Risos)

- Responde, Alexandre, você não gosta de *catorzinhas*?

- Não desdenho.

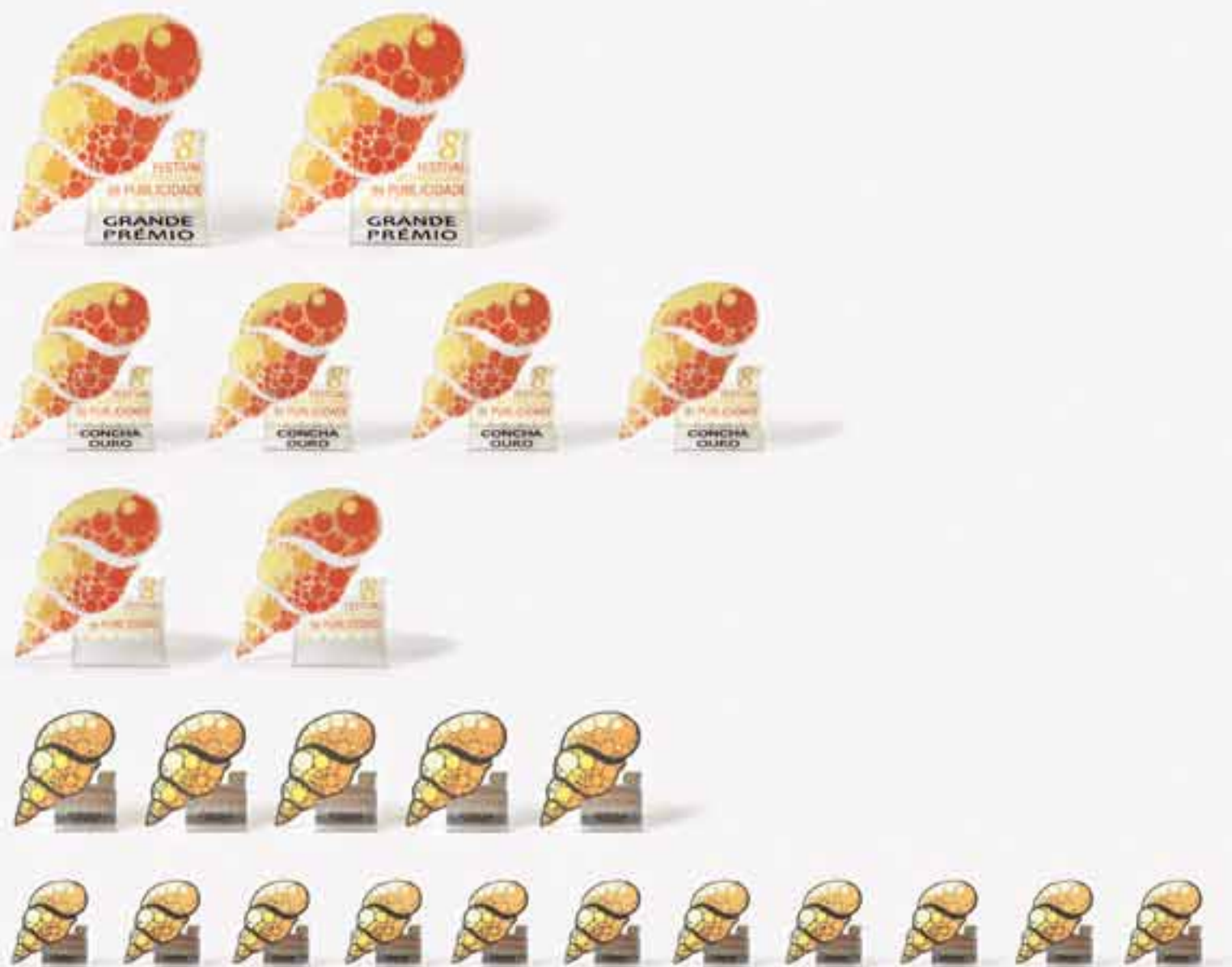
- (Risos)

O grande lagarto pediu mais dois cafés, estava bem disposto, mantinha-se recostado na cadeira sem se preocupar com as pessoas que lhe flagelam com os olhares.

- É verdade que o senhor já escreveu o seu livro de memórias, a sua autobiografia, e que só será publicado a título póstumo?

- Não seja como a morte, não apresse a vida, deixa as coisas acontecerem com naturalidade.

*Entrevista fictícia



GOLO. A AGÊNCIA MAIS PREMIADA NO FESTIVAL INTERNACIONAL DE MAPUTO.

2 Grand Prix de TV/CINEMA e CAMPANHA. 4 OUROS em TV, OUTDOOR e PRINT.
Prémio técnico para o MELHOR JINGLE. Prémio técnico para o MELHOR COPY. 51 shortlists.
5 Pratas em TV e Outdoor, 11 Bronzes em Rádio, Internet, Billboard e Campanha Integrada.
A Agência em Moçambique mais premiada de sempre foi também a mais premiada em 2013,
ano em que ficou em primeiro lugar na pesquisa PMR e a Agência com mais fãs no facebook.
Pensamento local e criatividade Made in Mozambique de uma Agência 100% moçambicana.

ENTRETENIMENTO

PARECE MENTIRA...

Os governantes usaram, em todos os tempos, artifícios para tomar, aos olhos das massas populares, a aparência de predestinados. Durante muitos séculos, em todo o mundo, os poderes temporais estiveram intimamente ligados, senão confundidos com a religião.

O chefe de Estado no Egito, como na Assíria, Pérsia, Índia, e até no México dos aztecas e no Peru dos incas, era ao mesmo tempo o chefe da religião, descendente directo dos deuses e, portanto, também deus. Por isso, governantes e sacerdotes preferiam atribuir à intervenção dos deuses os prodígios, que não passavam de conhecimentos científicos zelosamente guardados para não chegarem até o povo, a fim de que este pudesse ser ludibriado sem desconfiar...

Governantes e sacerdotes tinham o poder de deuses, por isso eram respeitados e temidos. Um dos prodígios que mais aumentaram o prestígio dos sacerdotes no Egito foi o das portas do templo de Alexandria, que eram enormes e pesadas e se abriam por si mesmas nos dias em que os fiéis traziam mais abundantes oferendas ao altar do templo.

Descobriu-se, muito depois, que esse altar era de metal e hermeticamente fechado. O calor do fogo sobre ele feito com as madeiras odorantes e outras doações trazidas pelos crentes passava por um tubo, também metálico, para um reservatório subterrâneo onde havia água. Assim aquecida, esta evaporava-se e passava por outro tubo para um segundo reservatório que, pouco a pouco, se enchia. O seu peso erguia um contrapeso e a combinação desses movimentos abria as portas do templo.

Os fiéis, deslumbrados, entravam para adorar as estátuas ali encerradas.

Lucille Nooman, uma telefonista de S. Francisco, Califórnia, conseguiu decorar 2000 nomes dos clientes da sua companhia de telecomunicações.

Em França há um monumento erguido ao queijo Roquefort.

Na Colúmbia existe um obelisco dedicado à cama, em cuja lápide se lê: "A maior parte da humanidade aqui nasce, aqui morre e aqui passa um terço da sua existência".

PENSAMENTOS...

- Quando um não quer, dois não bulham.
- Pode haver um novo sensato e um velho insensato.
- A cabra não pare no meio do rebanho.
- O rei não tem parente.
- A desgraça tem séquito.
- A viagem não tem prazo.
- É nas despedidas que se marcam as visitas.
- Não há ventura sem amargura.
- De nada vale a beleza sem a virtude.
- Nem tudo o que luz é ouro, nem o que alveja é prata.

SAIBA QUE...

A autarquia local é uma pessoa colectiva com base territorial e dotada de órgãos representativos das populações, que tem por objectivo a prossecução dos interesses dessas mesmas populações.

Tem atribuições ao nível do desenvolvimento, abastecimento público, salubridade e saneamento básico, saúde, educação e ensino, cultura e desporto, defesa do meio ambiente e protecção civil, entre outras.

A autarquia local mais importante é o município.

Niilista é uma designação atribuída ao membro de um grupo de revolucionários russos da época do imperador Alexandre II (entre 1855 e 1881).

Negando qualquer crença nas reformas políticas, os niilistas consideravam que a mudança só seria possível através da destruição violenta de todas as estruturas sociais. Em 1878, criaram a guerrilha que veio a assassinar o imperador, em 1881. O Termo "niilista", popularizado pelo escritor Ivan Turgenev, refere-se àquele que não aceita nada que pertença à ordem reinante (do latim nihil, "nada").

O Protocolo de Genebra foi celebrado em 1925. Este acordo internacional visava a proibição do uso de gases venenosos, armas químicas e bacteriológicas. Aprovado em 1928, os Estados Unidos só o ratificaram em 1974.

O Tantrismo é constituído por formas de hinduísmo e budismo que põem em relevo a divisão do universo em duas forças, uma masculina e outra feminina, cuja interacção permite a manutenção desse universo. O hinduísmo tântrico está associado à prática de um ioga mágico e sexual que imita a união de Xiva e Sakti, conforme está descrito nas escrituras conhecidas por Tantras. No budismo, os Tantras (textos atribuídos a Buda) descrevem os métodos para alcançar a iluminação.

RIR É SAÚDE

Algumas semanas depois do casamento, uma senhora, assaltada pela dúvida, diz, angustiada, ao marido:

– Querido! Tenho medo de que só tenhas casado comigo por causa do dinheiro que o meu tio me deixou...

E ele, muito digno, responde:

– Isso não é verdade. Em primeiro lugar, nunca me importei em saber quem te deixou esse dinheiro...

O patrão diz, ao sair por instantes, para uma empregada novata duma lavandaria que na altura se encontrava sozinha:

– Quando a máquina parar, tira toda a roupa.

Pouco depois regressa e encontra a trabalhadora toda nua. Pasmado, pergunta:

– O que se passa senhorita?

– O patrão não disse para tirar a roupa quando a máquina parasse?

Um alentejano telefona do serviço e diz à mulher que iam jantar, naquele dia, fora de casa.

Assim que chega, encontra a mesa toda arrumadinha no quintal...

Um sujeito que se encontrava aflito vê um homem fardado próximo de si e pede-lhe que chame um táxi.

O militar, muito dono do seu nariz, reage:

– Oiça, eu não sou o que você pensa. Sou um general.

O pobre do homem, ainda com alguma presença de espírito, replica:

– Então esqueça lá o táxi e chame um tanque...

HORÓSCOPO - Previsão de 07.06 a 13.06



carneiro

21 de Março a 20 de Abril

Finanças: As suas finanças poderão conhecer, durante este período, uma situação de algum melindre. Não se deixe conduzir por impulsos e analise as questões antes de decidir.

Sentimental: Construa a sua própria felicidade e não permita que o seu relacionamento dependa de terceiros; mantenha-se atento em relação a esta questão. No caso de estar em férias, aproveite este período para fortalecer a sua relação.



touro

21 de Abril a 20 de Maio

Finanças: As suas finanças não deverão sofrer alterações dignas de relevo; no entanto, será aconselhável precaução em matéria de despesas. Para o fim da semana, a tendência será para uma, ligeira, melhoria.

Sentimental: Na área sentimental, no caso de ter par, evite choques, desnecessários, que lhe poderão trazer, algumas, situações desagradáveis. Para os que não têm par, este não será um período favorecido para novos relacionamentos.



gémeos

21 de Maio a 20 de Junho

Finanças: As finanças poderão conhecer um período complicado; no entanto, seja positivo e use a sua força para não deixar que este aspeto possa influir, negativamente, nas suas atitudes e decisões.

Sentimental: Um pouco mais de atenção ao seu par poderá ser uma forma de suavizar, um pouco, outros aspetos menos agradáveis; por outro lado, se tiver a sensibilidade necessária poderá transformar muitas situações.



caranguejo

21 de Junho a 21 de Julho

Finanças: As suas finanças não deverão sofrer alterações dignas de relevo. Mantenha-se atento aos gastos, especialmente, os desnecessários. Poderá, ao fim deste período, ser confrontado com um compromisso antigo que exigirá toda a sua atenção e capacidade de resolução.

Sentimental: Os relacionamentos de ordem sentimental estão a atravessar uma fase muito sensível em que a sua força interior terá um papel importante no sentido de equilibrar a relação com o seu par.



leão

22 de Julho a 22 de Agosto

Finanças: Os negócios não encontram, neste período, o ambiente mais favorável. As suas finanças deverão ser bem acauteladas e não deverá proceder a qualquer aplicação de capital. A crise, só por si, é razão mais do que suficiente para não cometer excessos.

Sentimental: Na área amorosa, deverá ser, extremamente, cuidadoso. Tente não magoar o seu par, seja carinhoso e crie condições que favoreçam uma maior aproximação e entendimento.



virgem

23 de Agosto a 22 de Setembro

Finanças: As suas finanças deverão apresentar-se regulares, durante este período; no entanto, não será aconselhável qualquer aplicação de capital, ou investimento. Aguarde por uma altura mais favorável.

Sentimental: A sua vida amorosa, durante esta semana, aconselha a que seja gentil e carinhoso com o seu par. Este período, poderá ser marcado pela tentativa de destabilizar o casal. Não se deixe conduzir por conselhos de terceiros, cuja finalidade pode não ser a melhor.



balança

23 de Setembro a 22 de Outubro

Finanças: As finanças poderão atravessar um momento difícil que, poderá ser ultrapassado, com o seu habitual otimismo; no entanto, seja realista e não faça despesas desnecessárias. No caso de estar em férias, saiba tirar partido da sua imaginação de modo a evitar os gastos excessivos.

Sentimental: O seu par é para si uma pessoa importante; assim, para que não aconteçam imprevistos, use o diálogo como forma de esclarecer o que pensa estar errado.



escorpião

23 de Outubro a 21 de Novembro

Finanças: O aspeto financeiro recomenda grande prudência em tudo o que for despesas. As aplicações de capital (caso o tenha), não encontram, nesta fase, a altura mais adequada. Os seus negócios deverão merecer a maior das atenções. Se estiver de férias evite o gasto excessivo e repouse bastante.

Sentimental: No amor, tente ser carinhoso e deverá evitar situações de choque. Modere, um pouco, a sua teimosia e aceite as tentativas de ajuda que possam vir da parte de quem o ama.



sagitário

22 de Novembro a 21 de Dezembro

Finanças: As suas finanças apresentar-se regulares e não deverá sentir dificuldades, de maior, durante este período. Poderá verificar-se, para o fim da semana, uma pequena entrada de capital.

Sentimental: Seja direto com o seu par e não crie situações artificiais que poderão desgastar a sua relação sentimental, com consequências imprevisíveis. Para os que não têm compromissos, esta semana poderão conhecer alguém importante.



capricórnio

22 de Dezembro a 20 de Janeiro

Finanças: O aspeto financeiro será caracterizado pela regularidade; no entanto, deverá ter em atenção que poderá ter uma despesa inesperada. Um familiar poderá recorrer à sua ajuda económica. Em férias, não gaste demasiado.

Sentimental: A sua vida sentimental será, até certo ponto, o reflexo da forma como considera o seu par. Tente ser, um pouco, mais carinhoso e compreensivo. Nas novas relações, mostre-se tal como é.



aquário

21 de Janeiro a 19 de Fevereiro

Finanças: Serão regulares; no entanto, seja prudente em matéria de despesas. Período pouco favorecido para iniciar negócios e para investimentos, especialmente, os que envolvam aplicações financeiras de risco.

Sentimental: Na área amorosa, seja realista e não crie situações artificiais. O seu par poderá apreciar, de uma forma muito evidente, um convite para um jantar que se poderá tornar muito esclarecedor.



peixes

20 de Fevereiro a 20 de Março

Finanças: O aspeto financeiro deverá merecer, da sua parte, a maior atenção; não gaste mais do que deve. Toda a espécie de aplicações de capital e investimentos deverão ser, cuidadosamente, analisados.

Sentimental: A sua vida amorosa poderá ser influenciada por outros aspetos; assim, tente ser atencioso com o seu par e não crie situações de tensão que, especialmente, neste período, poderão ter consequências bem desagradáveis.

Cartoon



VIOLÊNCIA

A verdade em cada palavra.

“ Paz sem voz não é paz, é medo. ”
– O Rappa

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440

WhatsApp: 84 399 8634

/JornalVerdade

Email: averdademz@gmail.com

@Verdade Online: www.verdade.co.mz



O Jornal mais lido em Moçambique.